Eugene Peterson

Um Pastor Segundo o Coração de Deus



Um antídoto
para algumas
práticas superficiais,
empresariais
e, essencialmente,
seculares
que fazem parte
do ministério pastoral
da atualidade

Eugene H. Peterson

Um pastor segundo o coração de Deus

Um antídoto para algumas práticas superficiais, empresariais e, especialmente, seculares, que fazem parte do ministério pastoral da atualidade.

Título original: Working the Angles
Traduzido por Cláudia Ziller Faria

TEXTUS
Uma divisão da Editora Mundo Cristão

Enviado por IP
Convertido, revisado e formatado por SusanaCap



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

SUMÁRIO

Apresentação à Edição Americana 4
Apresentação à Edição Brasileira 4
Introdução 5

A ORAÇÃO

I. Histórias Gregas e Orações Hebréias 21
II. Orando Conforme o Livro 40
III. Hora de Oração 56

AS ESCRITURAS

IV. Transformando Olhos em Ouvidos 76
V. Exegese Contemplativa 91
VI. Notas de Gaza 108

A ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

VII. Sendo um Orientador Espiritual 125
VIII. Conseguindo um Orientador Espiritual 138
IX. Praticando a Orientação Espiritual 147

Notas 160

Apresentação à Edição Americana

Trabalhando os Ângulos: A Base da Integridade Pastoral é o segundo volume de uma trilogia sobre o trabalho pastoral nos Estados Unidos. Os três livros, juntos, destinam-se a fornecer orientação bíblica e entendimento teológico em relação às condições culturais atuais. É evidente que essas condições são incompatíveis tanto com a Bíblia quanto com a teologia.

Este volume, que é o segundo, fornece um antídoto para as enormes pressões que reduzem a vocação pastoral a tarefas religiosas, puramente administrativas, de gerenciar uma igreja. Definimos aqui, nitidamente, o trabalho pastoral, que consiste em ouvir os outros e ajudá-los a ouvir quando Deus fala, através da Bíblia, da oração e das outras pessoas.

Apresentação à Edição Brasileira

O título original deste livro, na publicação da língua inglesa, foi *Working the Angles.* Este título precisou ser alterado em face de fazer parte de uma "série" que discorre acerca do tema: o trabalho pastoral. O nome *Trabalhando os Ângulos* só é melhor compreendido por aqueles que têm conhecimento da obra completa de Eugene Peterson. Por esta razão achamos que seria mais coerente alterar o título em português para *Um Pastor Segundo o Coração de Deus.* Em razão disso, durante a leitura do texto, vão ser percebidas as citações referentes ao nome do livro conforme o original em inglês.

Introdução

Os pastores estão abandonando seus postos, desviando-se para a direita e para a esquerda, com freqüência alarmante. Isso não quer dizer que estejam deixando a Igreja e sendo contratados por alguma empresa. As congregações ainda pagam seus salários, o nome deles ainda consta no boletim dominical e continuam a subir ao púlpito domingo após domingo. O que estão abandonando é o posto, o *chamado*. Prostituíram-se após outros deuses. Aquilo que fazem e alegam ser ministério pastoral não *tem* a menor relação com as atitudes dos pastores que fizeram a história nos últimos vinte séculos. Alguns, e me incluo entre estes, estão irados com essa situação, porque se sentem abandonados. Meus colegas me ensinaram o que é o ministério, mediram minha capacidade, ordenaram-me e colocaram-me como pastor de uma congregação. Pouco tempo depois, afastaram-se de mim, dizendo ter interesses mais urgentes. Aqueles que eu pensei que seriam os meus companheiros na carreira desapareceram quando o trabalho começou. Ser pastor é uma tarefa difícil. Por isso, queremos aliados, para nos fazer companhia e nos aconselhar. Existem pessoas de quem se espera, com toda razão, que compartilhem a aventura e os compromissos do trabalho pastoral. Quando entro em uma sala, cheia dessas pessoas e, dez minutos depois, percebo que elas não são o que eu esperava, sofro um desapontamento doloroso. Elas falam de idéias e estatísticas, citam nomes, discutem influência e *status*. A matéria-prima com que trabalham não inclui os assuntos de Deus, nem a alma e nem a Bíblia.

Os pastores se transformaram em um grupo de gerentes de lojas, sendo que os estabelecimentos comerciais que dirigem são as igrejas. As preocupações são as mesmas dos gerentes: como manter os clientes felizes, como atraí-los para que não vão às lojas concorrentes que ficam na mesma rua, como embalar os produtos de forma que os consumidores gastem mais dinheiro com eles.

Alguns pastores são ótimos gerentes, atraindo muitos consumidores, levantando grandes somas em dinheiro e

desenvolvendo uma excelente reputação. Ainda assim, o que fazem é gerenciar uma loja. Religiosa mas, de toda forma, uma loja. Esses empreendedores têm sua mente ocupada por estratégias semelhantes às de franquias *de fast-food* e, quando dormem, sonham com o sucesso que atrai a atenção da mídia. Diz Martin Thornton: "Uma congregação enorme é algo bom e agradável, mas a maior parte das comunidades precisa mesmo é de alguns santos. A tragédia é que pode ser que eles estejam lá, como embriões, esperando ser descobertos, precisando de treinamento eficiente, aguardando ser libertados do culto à mediocridade."

A verdade bíblica é que não existem igrejas cheias de sucesso. Pelo contrário, o que há são comunidades de pecadores, reunidos semana após semana perante Deus em cidades e vilarejos por todo o mundo. O Espírito Santo os reúne e trabalha neles. Nessas comunidades de pecadores, um é chamado pastor e se torna responsável por manter todos atentos a Deus. E é essa responsabilidade que tem sido completamente abandonada.

"De mim se apoderou a indignação..." (Salmo 119:53). Não sei quantos compartilham de minha indignação. Posso citar alguns nomes, mas não creio que haja muitos como nós. Será que ainda existem sete mil que não dobraram os joelhos perante Baal? Haverá um número suficiente para sermos identificados como uma minoria? Acredito que sim. De vez em quando, conseguimos identificar-nos um com o outro, e algumas minorias já conseguiram grandes realizações. E deve haver alguns gerentes de loja que estão descobrindo que o ensopado pelo qual trocaram seu direito de primogenitura é sem sabor e estão, com tristeza, trabalhando pela restauração de seu chamado. Será essa tristeza uma brasa, com força suficiente para se tornar uma labareda de repúdio à deserção que havia acontecido? Voltará a Palavra de Deus a ser como fogo na boca deles? Poderá a minha indignação ser como um fole que sopra esse carvão?

*** * ***

Existem três atividades pastorais tão básicas, tão críticas, que determinam a forma de todas as outras: oração,

leitura da Bíblia e orientação espiritual. Além de básicas, essas tarefas são silenciosas, não chamam a atenção, de modo que, muitas vezes, são negligenciadas. No trabalho pastoral, tão cheio de urgências, ninguém nos incita a nos apegarmos a elas. É possível satisfazer àqueles que julgam nossa competência ou pagam nosso salário sem sermos diligentes ou habilidosos nelas. Já que quase ninguém percebe se cumprimos esses três atos no ministério, e só ocasionalmente nos perguntam se os executamos, é comum nos descuidarmos.

As três atividades são compostas por atos que envolvem atenção: ao orar, posto-me perante Deus, atento a Ele; ao ler as Escrituras, presto atenção ao que Deus falou e como agiu durante dois milênios, primeiro em Israel e depois em Cristo; ao orientar alguém espiritualmente, fico atento ao que está fazendo na vida daquela pessoa que se encontra diante de mim.

Em todos os atos, é em Deus que nossa atenção é centralizada. Ou, pelo menos, é isso que pretendemos que aconteça. Os contextos, porém, são variados: na oração, o contexto sou eu; na Bíblia, é a comunidade da fé dentro da história, e, na orientação espiritual, é a pessoa que se encontra diante de mim. Em todos os contextos, nossa atenção principal está voltada para Deus, mas nunca por causa dEle mesmo. Pelo contrário, estamos atentos a Deus por causa de Seus relacionamentos: comigo, com Seu povo, com uma pessoa específica.

Nenhuma das três atividades citadas é pública, o que significa que ninguém pode ter certeza de que estamos, realmente, ocupando-nos com elas. As pessoas ouvem-nos orar no culto, pregar e ensinar a Bíblia e percebem quando prestamos atenção ao que nos dizem, mas não têm como saber se estamos envolvidos com *Deus* enquanto fazemos tudo isso. Não é necessário passar muitos anos no ministério para perceber que podemos exercê-lo de forma satisfatória, pensando em Deus apenas ao realizar atos cerimoniais. Já que é possível negligenciar os atos de atenção ou comunhão com Deus sem que ninguém perceba e sendo necessária grande dedicação para executá-los, é fácil, e comum, dar-lhes pouca importância.

Não somos os únicos culpados nessa situação. Existe uma grande conspiração para eliminar a oração, a Bíblia e a orientação espiritual de nossa vida. As pessoas estão preocupadas com nossa imagem e posição, com o que pode ser medido, que produz programas bem-sucedidos de construção de igrejas, controles de freqüência que causem boa impressão, tenham impacto sociológico e sejam economicamente viáveis. Os conspiradores fazem o máximo que podem para preencher nossas agendas com reuniões e compromissos, de forma que não haja tempo para solidão nem descanso na presença de Deus, para meditar nas Escrituras, para passar tempo, sem pressa, com outras pessoas.

Temos todo apoio, tanto eclesiástico quanto da comunidade, para conduzir um ministério distanciado de Deus e, por isso, sem um bom fundamento. Mesmo assim, não há desculpa para nós. Um profissional, de acordo com algumas definições, é alguém que se compromete com padrões de integridade e desempenho que não podem ser alterados para agradar às pessoas ou atendê-las naquilo que esperam ao efetuarem pagamentos. O profissionalismo está em declínio em todas as partes - na Medicina, no Direito e na política tanto quanto no pastorado - mas ainda não foi banido. Ainda existe ura considerável número de profissionais, em todas as áreas, que assumem a difícil posição de fazer aquilo para que foram chamados, recusando-se, teimosamente, a fazer o trabalho mais fácil que a nossa era exige deles.

Encontrei, dentro da trigonometria, uma metáfora que pode ser útil para enxergarmos o que foi apresentado. Digo que as três atividades essenciais ao ministério são os ângulos de um triângulo. *Ao* olharmos para a figura, o que nos *chama a* atenção são as linhas, que aparecem em proporções variadas, em relação umas às outras, mas o formato total é determinado pelos ângulos. As linhas visíveis que formam o pastorado são a pregação de sermões, o ensino e a administração. Os pequenos ângulos desse ministério são a oração, a Bíblia e a orientação espiritual. O comprimento e a proporção das "linhas" são variáveis, satisfazendo inúmeras circunstâncias e se acomodando a uma grande quantidade de dons pastorais. Se estiverem, porém, separadas dos ângulos ou forem construídas ao acaso, não formarão um triângulo. Se

desconectarmos o trabalho pastoral das ações "angulares" - os atos de atenção a Deus em Seu relacionamento comigo, com Israel, com a Igreja e com as outras pessoas -, não terá mais a sua forma definida por Deus. O que confere integridade e forma ao trabalho diário de pastores é trabalhar os ângulos. Se estes estiverem corretos, desenhar as linhas entre eles será tarefa simples. Mas se não cuidarmos deles ou os dispensarmos, podemos esforçar-nos para desenhar linhas bem retas, mas jamais teremos um triângulo, ou seja: um ministério pastoral.

*** * ***

Não conheço outra profissão em que seja tão fácil fingir como a nossa. Existem comportamentos que podemos adotar para sermos considerados, sem nenhum questionamento, conhecedores de mistérios: ter um porte reverente, cultivar uma voz empostada, introduzir em nossas conversas e palestras palavras eruditas em quantidade suficiente apenas para convencer os outros de que nosso treino mental está um pouco acima do que o da congregação. A maioria das pessoas, ou pelo menos aquelas com quem convivemos mais estreitamente, sabe que, na realidade, estamos cercados por enormes mistérios, como a vida e a morte, o bem e o mal, o sofrimento e a alegria, graça, misericórdia, perdão. Podemos insinuar familiaridade com esses assuntos profundos com gestos, suspiros cheios de simpatia ou toques repletos de compaixão. Mesmo quando, no meio de ataques de humildade ou honestidade, declaramos que não somos santos, ninguém acredita, porque todos precisam de ter certeza de que alguém tem contato com os assuntos mais elevados. As pessoas têm seu interior dividido entre listas de compras e boas intenções, adultérios (reais ou imaginários) que trazem culpa e atos heróicos cheios de virtude, desejo de se santificar e anseio por auto-satisfação. Esperam tornar-se melhores a partir de, quem sabe?, amanhã ou, no mais tardar, da semana que vem. Enquanto isso não acontece, precisam estar perto de alguém que possa tomar o lugar delas, em quem possam projetar seus anseios de uma vida gratificante com Deus. Ao apresentarmos-lhes um fraco simulacro do que esperam, elas o tomam como

real e convivem com ele, atribuindo-nos mãos limpas e corações puros.

Os aspectos públicos e, conseqüentemente, menos pessoais de nossa vida podem ser simulados com igual facilidade. É possível plagiar sermões dos mestres e aprender a dirigir uma liturgia maquinalmente. Copiar trechos das Escrituras adequados para visitas domiciliares ou hospitalares e colocá-los discretamente no punho da camisa para uma rápida olhadinha no momento da necessidade também não é difícil. Ainda podemos decorar meia-dúzia de orações que atendam a ocasiões em que nos pedem para fazer uma "oraçãozinha" para dar início a alguma reunião de forma apropriada. Finalmente, é possível aprender como fazer parte de algum comitê indo a algumas reuniões e anotando o que funciona e o que não dá certo.

Estive convencido, durante muito tempo, de que seria possível dar seis meses de treinamento profissionalizante a qualquer formando do 2º grau e transformá-lo em um pastor adequado a qualquer congregação exigente. O currículo seria constituído de quatro matérias:

1. Plágio Criativo. Após participar de numerosas palestras excelentes e inspirativas, o aluno receberá instruções para alterá-las um pouco, apenas para disfarçar a origem, de forma a alcançar a fama de perspicácia e sabedoria.

2. Controle de Voz para Oração e Aconselhamento. Orientação para o desenvolvimento da entonação de voz, com aquisição de habilidade na ressonância e modulação, a fim de transmitir uma inequívoca aura de santidade.

3. Administração Eficiente de Gabinete. Não há nada que os paroquianos admirem mais em seus pastores do que a capacidade de administrar o gabinete com eficiência. Se retornarmos os telefonemas dentro de 24 horas, respondermos as cartas no prazo de uma semana, distribuirmos cópias impressas para as pessoas-chave para que saibam que estamos no controle e tivermos uma certa confusão em cima de nossas mesas (se for muita confusão, pareceremos ineficientes, se houver muita ordem daremos a impressão de estar sem serviço), alcançaremos, com muita rapidez, a reputação de

eficiência, que é muito mais importante do que tudo que fazemos.

4. Projeção de Imagem. Aqui, o aluno dominará meia-dúzia de ferramentas bem conhecidas e facilmente utilizadas que criam a impressão de que está terrivelmente ocupado e que é procurado a todo momento para aconselhar pessoas influentes na comunidade.

Além das matérias básicas, uma semana de reciclagem por ano introduziria novas frases para convencer os paroquianos de que seu pastor é inovador, seguro de si, sempre atento às grandes tendências do momento mas, ao mesmo tempo, solidamente arraigado nos valores tradicionais dos santos que nos precederam.

(Durante muitos anos eu ri dessa escola profissionalizante para pastores, com a qual planejava enriquecer. Recentemente, porém, fui atingido por minha própria piada. Tenho visto convites para institutos e seminários para pastores que oferecem exatamente esse currículo. Os nomes das matérias dos cursos não são tão sinceros quanto os meus, mas o conteúdo parece ser idêntico: treinam os pastores para satisfazer às preferências dos consumidores em relação à religião. E eu parei de rir.)

*** * ***

Ann Tylor, em seu livro *Morgan's Passing,* conta a história de um homem de meia-idade, proveniente de Baltimore, que passava pela vida das pessoas desempenhando funções e atendendo a expectativas com segurança e perícia espantosas. No início da narração, Morgan está assistindo a uma apresentação de fantoches no jardim de uma igreja numa tarde de domingo. Pouco depois do início do *show* um rapaz sai de trás do palco e pergunta se há algum médico na audiência. Passam-se trinta ou quarenta segundos e ninguém se manifesta. Morgan se levanta devagar e, vagarosamente, aproxima-se do rapaz e pergunta qual é o problema. Fica sabendo que a esposa do dono dos fantoches está grávida e entrou em trabalho de parto, sendo que o nascimento parece ser iminente. Imediatamente, Morgan entra em sua caminhonete e parte com o casal rumo ao hospital. Na metade

do caminho, o marido grita que o bebê está nascendo. Calmo e seguro, Morgan estaciona a caminhonete ao lado do meio-fio, manda o quase-pai até à esquina, para comprar um jornal para substituir as toalhas e lençóis e faz o parto. Em seguida, leva a mãe e o bebê para o hospital, coloca-os em uma maca e desaparece. Depois que a excitação do momento diminui, o casal pergunta pelo Dr. Morgan, porque quer agradecer. Ninguém havia ouvido falar dele ali. O casal fica confuso - e frustrado - por não poder expressar sua gratidão. Alguns meses mais tarde, estão empurrando o carrinho do bebê em uma calçada, quando vêem Morgan do outro lado da rua Correm até alcançá-lo e conversam com ele, mostrando-lhe o bebê saudável que ele havia trazido ao mundo. Contam-lhe como procuraram por ele no hospital, e falam sobre a incompetência da burocracia, que não conseguiu encontrá-lo. Em um raro impulso de honestidade Morgan admite que não é médico. De fato, dirige uma loja de ferragens, mas eles precisavam de um médico e desempenhar essa função. Naquela situação, não havia sido nem um pouco difícil. Ele lhes diz que é apenas uma questão de imagem: é só descobrir o que as pessoas esperam e se encaixar no papel. Isso pode ser feito em todas as profissões bem conceituadas. Morgan tem feito isso durante toda a sua vida: desempenhar o papel de médicos, advogados, pastores e conselheiros, à medida que as ocasiões se apresentam. No final, ele confidencia: "Sabem, eu jamais fingiria ser encanador ou açougueiro, porque seria descoberto em vinte segundos."

Morgan tinha consciência de algo que a maioria dos pastores descobre bem cedo: pode-se simular com facilidade aquilo que é aparente no trabalho pastoral, que consiste em atender às expectativas das pessoas. É possível fingir ser pastor sem sê-lo. Existe, porém, um problema: embora possamos representar com muito sucesso, não conseguimos ficar em paz conosco mesmos. Ou, pelo menos, nem todos conseguimos. Alguns se sentem muito mal, incomodados. O sucesso, por maior que seja, não pode evitar que, de um momento para outro, no meio de atuação tão elogiada, tenhamos um ataque de ansiedade. A inquietação não resulta de algum sentimento de culpa injustificado, já que estamos fazendo aquilo que somos pagos para fazer, ou seja: os que pagam nossos salários estão tendo um bom retorno para o

investimento. Estamos valorizando a aplicação, porque os sermões são inspiradores, os ministérios da igreja eficientes e a conduta moral boa. A inquietação vem de outra dimensão, da lembrança da vocação, da fome espiritual, do compromisso profissional. Se nos satisfizermos em simplesmente agradar à congregação, ser pastor será um dos trabalhos mais fáceis que existem na face da Terra. A carga horária é boa, o salário adequado, o *status* bem elevado. Então, por que não achamos fácil e nem estamos satisfeitos?

A resposta é: porque intentávamos fazer algo bem diferente. Decidimos arriscar nossa vida em uma aventura de fé. Comprometemo-nos a viver em santidade. Em certo ponto, entendemos a imensidão de Deus e do invisível, que se encaixa em nossos braços e pernas, no pão e no vinho, em nossas mentes e habilidades, nas montanhas e nos rios, e lhes dá significado, destino, valor, alegria, beleza e salvação. Respondemos ao chamado para transmitir essas realidades, por meio da palavra e dos sacramentos. Pretendíamos liderar uma comunidade de fé, unindo e coordenando as atividades de seus membros àquilo que Deus está fazendo com misericórdia e graça. Durante o processo, aprendemos a diferença entre profissão e tarefa. Tarefa é o que fazemos para completar uma missão. O primeiro requisito é que prestemos contas a quem designa a missão e paga o salário. Aprendemos o que se espera de nós e o fazemos. Não é errado executar tarefas. Todos as temos, em maior ou menor grau. As profissões são diferentes, porque nelas existe algo além de agradar aos outros: estamos aqui perseguindo, ou moldando, a verdadeira natureza da realidade, convencidos de que, continuando fiéis a nossos compromissos, estaremos beneficiando as pessoas em um nível muito mais profundo do que se fizermos apenas aquilo que nos pedem. Nas tarefas, lidamos com realidades visíveis e, nas profissões, com as invisíveis. O marceneiro, por exemplo, tem obrigações que dizem respeito à madeira em si, à superfície do material e sua textura. Um bom profissional nesta área conhece o material e o trata com respeito. O trabalho dele envolve muito mais do que agradar aos clientes, abrange o que poderia ser chamado de integridade do material. Nas profissões, a integridade tem a ver com o invisível: para os médicos, é a saúde (e não apenas fazer as pessoas se sentirem bem); para os advogados, a justiça (e não ajudar as pessoas a

encontrarem seu caminho); para os professores, o aprendizado (e não encher a cabeça dos alunos com informações resumidas para as provas). E, para os pastores, a integridade tem a ver com Deus (e não com aliviar a ansiedade, confortar e nem com dirigir uma empresa religiosa).

No começo da carreira, todos sabíamos ou, pelos menos, tínhamos uma boa noção deste fato. Mas, ao chegar em nossa primeira igreja, recebemos tarefas. A maioria das pessoas com quem convivemos é dominada pelo interesse em si mesmas e não em Deus. Posto que lidamos com a principal preocupação dessas pessoas (elas mesmas) ao dirigir, aconselhar, instruir e encorajar, elas nos avaliam positivamente em nossas tarefas pastorais e não se preocupam em saber se nos relacionamos com Deus ou não. Flannery O'Connor diz que um pastor, nessas circunstâncias, é um quarto de ministro e três quartos de massagista.

É muito difícil agir de uma forma quando a maioria dos que estão à nossa volta nos pede para fazer alguma coisa bem diferente, em especial quando são simpáticos, inteligentes, respeitosos e pagam nossos salários. Levantamos a cada manhã e atendemos o telefone, recebemos homens e mulheres, abrimos a correspondência, muitas vezes em um ritmo de urgência tal que nos desconcerta. Todos esses chamados, encontros e cartas são de pessoas que nos pedem para fazer algo por elas, completamente alheias a qualquer crença em Deus. Ou seja, vêm a nós não porque estejam procurando Deus, mas porque anseiam por um aviso, um bom conselho, uma oportunidade e têm a vaga impressão de que somos qualificados a lhes dar o que desejam.

Há alguns anos, tive uma contusão no joelho que eu mesmo diagnostiquei e indiquei o tratamento de hidromassagem. Quando estava na faculdade, tive bastante experiência com um aparelho de hidromassagem que ficava no ginásio que eu freqüentava. Eu o usava com eficácia no tratamento de minhas contusões e sabia que me sentia melhor durante o processo da cura. Na localidade em que morava naquela ocasião, o único lugar em que se podia encontrar o aparelho era o consultório do fisioterapeuta. Telefonei para lá, querendo marcar um horário para fazer o tratamento, mas ele se recusou, dizendo que era necessário levar um

encaminhamento do médico. Marquei, então, uma consulta com um ortopedista (aquilo estava-se tornando mais complicado e mais caro do que eu esperava), e descobri que ele não ia dar-me o encaminhamento para o aparelho, porque acreditava em haver outros tratamentos melhores para aquela minha contusão. Protestei, dizendo que não faria mal e, além disso, podia fazer algum bem, mas ele foi inflexível. Ele era um profissional e seu compromisso era, em primeiro lugar, com algo invisível, abstrato, chamado saúde, ou cura. Não estava comprometido com a satisfação dos meus pedidos. Na realidade, a integridade que havia nele impedia-o de atender às minhas solicitações, a partir do momento em que elas entravam em choque com o compromisso mais importante que havia firmado. Hoje, sei que, se tivesse procurado um pouco mais, teria encontrado um médico disposto a me dar o encaminhamento que queria.

Reflito ocasionalmente sobre esse episódio, e me faço algumas perguntas. A linha divisória entre meu compromisso e os pedidos que me fazem é clara? Estou voltado, em primeiro lugar, para Deus e Sua graça, Sua misericórdia, Suas ações durante a criação e Suas promessas? Meu compromisso com essas verdades é forte o suficiente para me levar a me recusar a atender pessoas que me pedem para agir de forma que não as levará ao amadurecimento? Não gosto de me lembrar das visitas, aconselhamentos, casamentos, reuniões e orações que fiz apenas porque alguém pediu e porque, naquele momento, não faria mal e, quem sabe?, talvez fizesse algum bem. Tenho um amigo que diz que agir assim é como borrifar água-benta em bonecas de trapo. Além de achar que não fazia mal, eu sabia que havia pastores bem perto que fariam qualquer coisa que lhes fosse pedida e que eram tão ignorantes sobre a teologia que acabariam causando problemas. Pelo menos a minha teologia era evangélica e ortodoxa.

Existe dificuldade em se definir bem a linha divisória. Como não perder a vocação pastoral vivendo em uma comunidade que me contrata para realizar tarefas religiosas? Como continuar tendo integridade profissional no meio de um povo que tem grande experiência em comparar produtos mas que não se cansa de exigir que tenhamos integridade pastoral?

Existe uma solução antiga, e boa, para esses problemas. Não é um conselho rápido ou sucinto, mas uma imersão em um assunto que costumava ser o centro do currículo de formação dos pastores, sob o nome de teologia devocional, que chamo aqui de "trabalhar os ângulos".

*** * ***

A palavra *devoção* teve seu significado esvaziado no final deste século. Na obra de C. S. Lewis, *Screwtape* avisou ao demônio que o tentava, *Wormwood,* que uma das maneiras mais eficientes de desacreditar uma virtude é, em primeiro lugar, enxovalhar o seu nome, ou seja, introduzir associações que sutilmente alterem os sentimentos e percepções das pessoas, de modo que a palavra não mais signifique aquilo para que era usada.[6] Os demônios lexicográficos ligados ao Exército Filológico do Pai das Trevas tiveram muito sucesso com a palavra *devoção.* Atualmente, o termo devoto traz a imagem de um ser emaciado, masoquista, insociável, misógino E agora que a palavra está arruinada os demônios não têm que se preocupar com evidências ou argumentos. Nenhum de nós gostaria de ser chamado de "pastor devoto" e nem de ter essa reputação. Pense no que significaria: ninguém nos convidaria para participar das frivolidades de uma festa, nem das barbaridades de um jogo de futebol e, muito menos, oferecer-se-ia para comprar um sanduíche para nós no McDonald's depois de uma reunião noturna. Se as pessoas soubessem de nossa natureza devota - inatingível, afastada do mundo -, seríamos excluídos da convivência com a maior parte da raça humana, e, como, então, poderíamos desenvolver um ministério pastoral viável?

Mas a palavra *devoção* faz parte do vocabulário dos atletas e significa treinar para alcançar a excelência. O exercício disciplinado é que os prepara para terem o melhor desempenho em uma competição. E raro alguém ficar indiferente ao ver um atleta de nível internacional se apresentar. Tudo é feito com uma coordenação precisa e muito bela, seja a corrida rumo ao primeiro lugar, a quebra de um recorde, um arremesso, um salto ou um mergulho. A admiração que sentimos vem espontaneamente. Cada realização dos atletas é o resultado de anos de

comportamentos repetitivos, que são a antítese da espontaneidade. No momento da competição, os atletas, que são devotos bem treinados, correm, arremessam ou saltam com maestria. Aplaudimos os resultados e admiramos (quando chegamos a pensar no assunto) o treinamento que aconteceu longe dos olhos do público e que os levou a esse sucesso.

O desempenho físico está em uso atualmente, de forma que entendemos e aprovamos todo o processo que faz com que o atleta alcance a medalha, de ouro nas Olimpíadas. Se, porém, imaginarmos que daqui a alguns séculos o exercício não esteja mais na moda, perceberemos que os regimes de treinamento que admiramos hoje serão encarados de modo bem diferente. G. K. Chesterton especulou sobre a opinião de um historiador do futuro sobre este assunto e chegou à conclusão de que ele diria que milhares de rapazes e moças em todo o mundo "eram submetidos a um tipo terrível de tortura religiosa. Eram proibidos ... de aproveitar o vinho e o fumo durante certos períodos de tempo, arbitrariamente fixados, que antecediam algumas lutas e festivais brutais. Fanáticos insistiam com eles para que se levantassem em horas absurdas e corressem em ritmo alucinante em volta de alguns terrenos".[7] Desta forma, à medida que essa visão contrária às disciplinas de treinamento dos atletas fosse sendo adotada pela população em geral, os exercícios seriam, aos poucos, negligenciados e o desempenho excepcional seria cada vez menos freqüente.

Aconteceu algo semelhante a isso com a teologia devocional. Os exercícios de treinamento praticados pelos pastores que nos antecederam não foram avaliados e classificados como inadequados e, por isso, deixados de lado. O que aconteceu é que a *palavra* foi destituída de seu valor, o que praticamente garante que o significado não será examinado e nem entendido. O diabo foi esperto.

* * *

Tomo como certo que é inútil entrar em disputa com o diabo em seu próprio terreno, já que ele é muito esperto. Se conseguiu arruinar a palavra, este processo, provavelmente, é sem volta. Por isto, em vez de tentar recuperar o valor do

termo, passei a empregar uma metáfora extraída da matemática - "trigonometria ministerial" - por meio da qual espero conseguir que as pessoas ouçam, sem preconceito, sobre os três exercícios básicos no treinamento para todo o trabalho pastoral: o ato de orar, a leitura da Bíblia e a prática da orientação espiritual. Sem esses três elementos não pode haver crescimento substancial no pastorado. Sem uma "devoção" adequada, nem mesmo os melhores talentos e as melhores intenções poderão evitar o enfraquecimento, que levará a uma vida, em sua maior parte, de representação.

Acredito que, se perguntássemos aos pastores o que pensam sobre Deus e o que desejam realizar em sua profissão, teríamos uma grande maioria de respostas consideradas satisfatórias. Mas, se fizéssemos uma terceira pergunta, querendo saber como conseguem obter o que desejam, ou quais os meios que usam para tornar realidade seus alvos espirituais dentro de suas congregações, tenho bastante certeza de que as respostas iriam variar de novidades a trivialidades e bobagens. De modo geral, os pastores não perderam o contato com os melhores pensamentos sobre Deus e nem com os alvos maiores da vida cristã, mas se esqueceram da trigonometria ministerial, os ângulos, os *meios* pelos quais as linhas do trabalho se unem, formando um triângulo, que é o pastorado. O pastor que não conhece os *meios* investe em jogos, recursos publicitários e programas sem fim, sob a ilusão de estarem sendo práticos.

Vejamos. Existe uma teologia ministerial à disposição a qualquer momento e temos um ministério bem-intencionado, mas a tecnologia está empobrecida. Martin Thornton diz que, ao ler um livro sobre o pastorado, comumente imagina as margens cobertas com as iniciais SMC, significando: "Sim, mas como?"[8] Ótimas idéias! Raciocínio excelente! Inspiração soberba! Grandes alvos! "Sim, mas como?" Como realizar tudo isso? Quais são os meios reais que posso usar para levar avante esse ministério, esse compromisso profissional com a palavra e a graça de Deus, em minha vida e na daqueles para quem prego e ministro os sacramentos, a quem ensino que a vida deve ser dedicada aos outros, em nome de Jesus Cristo? O que une essas grandes realidades de Deus e as grandes realidades da salvação à geografia de minha paróquia e à

agenda desta semana? Consultei vários mestres e a resposta de todos é a mesma: treinamento para dar atenção a Deus na oração, na leitura da Palavra e na orientação espiritual. Esses exercícios não foram deixados de lado após a constatação de sua inutilidade. Muitos descobriram que a prática deles é difícil (e um pouco entediante) e, por isso, deixaram de executá-los, substituindo-os por atividades que se encaixam melhor na agenda dos pastores.

É comum ouvirmos colegas menosprezarem esses três exercícios da comunhão prática com Deus, dizendo que não têm queda para esse tipo de atividade ou que se interessam por outros campos de ação. O fato é que ninguém tem uma "queda" para essas práticas, porque elas demandam esforço e são destituídas de *glamour.* Passei grande parte de minha vida entre atletas, em pistas de corrida ou campos de esportes, e nunca encontrei algum que gostasse de ficar correndo em volta de uma quadra ou de fazer flexões. Conheci, porém, alguns que eram determinados a vencer corridas e, dentre eles, uns tinham grande desejo de quebrar recordes, de forma que aceitavam quaisquer exercícios que os treinadores lhes mandassem praticar, e, assim, faziam o melhor que podiam com seus corpos, visando, dessa maneira, a atingir seus objetivos elevados. Os treinadores dos pastores são os teólogos voltados para a espiritualidade e a devoção, que trabalham através de um amplo espectro de condições culturais e representam todas as tendências e temperamentos. Resistem à classificação em categorias e se impacientam com rótulos e fórmulas, e, continuamente, pegam-nos despreparados, com uma surpresa após a outra. Insistem em que "não há duas almas iguais"[9], quer entre os pastores ou entre aqueles com quem eles trabalham. Ainda assim, subjaz ao florescimento da espontaneidade um consenso penetrante de que nenhum de nós pode amadurecer rumo à excelência sem persistência, durante toda a vida, no exercício de dar atenção a Deus, na alma, em Israel, na Igreja e no próximo, enquanto trabalhamos em nossa trigonometria da oração, leitura da Bíblia e orientação espiritual.

A maior parte de todo esse processo é destituída de estímulo. É muito mais divertido assistir a alguém chegar à Lua do que construir a máquina que torna isso possível.

Pregar um sermão é muito mais desafiador do que desenvolver a pessoa que o fará. É muito mais estimulante organizar e administrar energicamente o programa de uma igreja do que esperar pacientemente, durante semanas ou meses, por uma clareza de visão que não se sabe ao certo se virá. "Trabalhar os ângulos" é algo que fazemos quando ninguém está olhando. E uma atividade repetitiva e, com freqüência, maçante. É trabalho braçal.

*** * ***

Este trabalho não é um livro didático versando sobre a "trigonometria ministerial", porque não escrevi instruções formais para oração, leitura da Bíblia e orientação espiritual, já que existem obras primorosas nesse sentido, elaboradas por outros autores. Minha intenção, mais modesta, mas não menos apaixonante, é chamar a atenção de meus irmãos e irmãs que exercem o ministério para aquilo que todos os que nos precederam concordavam em ser a base de nosso chamado. Almejo enfatizar que o trabalho pastoral carece de integridade se for alheio aos ângulos da oração, leitura da Bíblia e orientação espiritual. Finalmente, apresentarei as reflexões e comentários a que cheguei a partir do contexto do meu próprio trabalho. Sabendo que ninguém aceita conselhos de pessoas que não estejam vivenciando as experiências sobre as quais falam, seria relevante dizer que escrevi tudo isto enquanto pastoreava uma igreja, sendo seu único pastor.

Primeiro Ângulo

A ORAÇÃO

I. Histórias Gregas e Orações Hebréias

A quantidade exorbitante de destruição que nos rodeia é estarrecedora; corpos, casamentos, carreiras, planos, famílias, alianças, amizades, prosperidade, tudo isso pode e *tem* sido destruído. E nós agimos de várias formas: desviamos o olhar; evitamos lidar com os problemas; esforçamo-nos para superar os temores; acordamos, toda manhã, esperando alcançar saúde e amor, justiça e sucesso; construímos defesas mentais e emocionais contra as investidas das más notícias e tentamos manter acesas as nossas esperanças. E, de repente, algum desastre coloca alguém que nos é importante em cima de uma pilha de destroços. Os jornais documentam as ruínas, com fotografias e manchetes, e o nosso coração e diários completam com os detalhes. Não parece haver promessa ou esperança de que esteja a salvo do massacre generalizado.

Os pastores convivem com essas ruínas diariamente. E por quê? Que esperamos realizar, no meio dos escombros? Os séculos têm passado e a situação geral não parece haver progredido muito. Será que pensamos que mais um dia de esforços irá deter a avalancha até o Juízo Final? Afinal, por que não nos tomamos cépticos? Será que os pastores são apenas ingênuos e continuam dedicando-se a atos de compaixão, conclamando as pessoas a uma vida de sacrifícios, sofrendo abusos ao testemunhar a verdade e repetindo, teimosamente, a história antiga, difícil de acreditar e amplamente negada que prega as boas-novas no meio das más notícias?

Que tomamos como Reino de Deus dentro de nós mesmos e nos relacionamentos que mantemos com os que nos rodeiam pode ser classificado como o "mundo real"? Será que,

em vez disso, estamos transmitindo um tipo de ficção espiritual, análoga à ficção científica, que imagina um mundo melhor do que o existente, em qualquer época presente ou futura? Consistirá o trabalho pastoral em colocar flores de plástico em vidas sem brilho: tentativas bem-intencionadas de enfeitar um cenário ruim, com algo não totalmente inútil, mas sem substância ou sentido para a vida?

Muitos pensam assim e a maioria dos pastores concorda com eles em algum momento. Se esse pensamento nos acomete com freqüência, começamos, vagarosa mas inexoravelmente, a adotar a opinião da maioria. Principiamos a tornar nosso trabalho maleável frente às expectativas de um povo para quem Deus é mais uma lenda do que uma pessoa, que presume que o Reino, depois do Armagedom, será maravilhoso mas que é melhor trabalharmos com o que *esse* mundo nos oferece, e que acredita que boas-novas é uma saudação simpática para um cartão, mas na vida cotidiana essas boas-novas são tão desnecessárias quanto um manual para computador ou a especificação escrita de um trabalho.

Existem dois fatos: primeiro, o ambiente de destruição que nos cerca fornece diariamente estímulos poderosos no sentido de ansiarmos por restaurar e colocar no lugar o que está errado. O segundo fato é que a mente secularizada contribui para a pressão firme e inexorável no sentido de reajustarmos nossa concepção do trabalho pastoral, de modo que nossa resposta às condições terríveis que se encontram à nossa volta faça sentido para aqueles que estão aterrorizados.

*** * ***

No momento de nossa ordenação como pastores, recebemos a definição de nosso trabalho como sendo um ministério da palavra e das ordenanças.

Palavra.

Acontece que, em meio à destruição, tudo que falamos soa como "meras palavras".

Ordenanças.

E frente à ruína, um pouco de água, um pedaço de pão e um gole de vinho não podem fazer grande diferença.

Ainda assim, século após século, os cristãos continuam a escolher certas pessoas em suas comunidades, separá-las e dizer-lhes:

"Queremos que você seja responsável por agir da forma que acreditamos ser Deus, o Reino e o evangelho e por nos falar sobre isso. Acreditamos em que o Espírito Santo está dentro de cada um e entre nós e continua a pairar acima do caos, que é o mal que há no mundo, e dos nossos pecados, dando forma à nova criação e fazendo de nós novas criaturas. Não acreditamos que Deus seja espectador da destruição, que ê a história mundial, ora espantado, ora alarmado, mas, sim, que é um participante de tudo isso. Cremos que todas as coisas, em especial aquelas que parecem escombros depois da destruição, são a matéria-prima que Deus está usando para transformar nossa vida em louvor a Ele. Cremos mas não vemos. Avistamos, como Ezequiel, esqueletos desmontados, embranquecidos sob o implacável sol da Babilônia. Enxergamos muitos ossos que foram crianças risonhas que gostavam de dançar, adultos que amaram e fizeram planos, crentes que um dia trouxeram suas dúvidas à Igreja e nela cantaram louvores, e depois pecaram. Não vemos dançarinos, amantes ou cantores: quando muito, distinguimos lampejos fugidios do que eles foram. O que vemos são ossos, ossos secos, pecado e julgamento. É assim que parece ser a situação. Foi assim com Ezequiel e continua sendo para todo aquele que tem olhos para ver e mente para pensar. E desse modo que entendemos o problema.

Acontece que cremos em algo mais: na junção desses ossos, formando seres humanos completos, que falam, cantam, trabalham, crêem e louvam a seu Deus. Acreditamos que tenha sido assim no momento em que Ezequiel falou com os ossos e que ainda aconteça dessa forma. Tomamos como verdadeira a afirmação de que houve esse renascimento em Israel e ainda há hoje, na Igreja, e que fazemos parte do processo enquanto cantamos louvores, ouvimos atentamente a palavra de Deus e recebemos a nova vida de Cristo, através dos sacramentos. Cremos que a experiência mais significativa que temos ou

podemos ter é deixarmos de ser ossos desmembrados e passarmos a ser organismos completos, ressuscitados por causa de Cristo.

Precisamos de ajuda para que nossa fé se mantenha nítida, acurada e intacta. Não confiamos em nós mesmos, porque nossas emoções nos seduzem e nos levam à infidelidade. Sabemos que somos enviados para agirmos com fé em meio ao perigo e que há influências fortes que têm como objetivo enfraquecer ou destruir nossas crenças. Queremos que você nos ajude, que seja nosso pastor, ministro da Palavra e das Ordenanças, em meio à vida secular. Ministre a nós esses dois elementos em todas as áreas e estágios diferentes de nossa vida: trabalho e lazer, filhos e pais, nascimento e morte, celebrações e lamentações, naqueles dias em que o sol parece brilhar bem forte e também naqueles em que estamos cercados de nuvens escuras. Existem muitas tarefas a cumprir em nossa vida de fé, mas essa é a sua. Encontraremos outras pessoas para executarem as outras, que são também importantes e essenciais, mas a sua é essa: palavra e sacramento.

Mais uma consideração: nós vamos ordená-lo para esse ministério e queremos que jure que vai manter-se fiel a ele. Não oferecemos um emprego temporário, mas esperamos um modo de vida que precisamos de ver em nossa comunidade. Sabemos que você foi enviado ao mesmo mundo perigoso que nós fomos, para viver a mesma aventura de fé que vivemos. Estamos conscientes de que suas emoções são tão instáveis quanto as nossas e que sua mente pode enganá-lo, assim como acontece conosco, e é por isso que vamos ordená-lo e obter um juramento de você. Não nos enganamos: virão dias, meses, talvez até anos, em que nos sentiremos vazios, como se não crêssemos em nada e, nesse momento, não estaremos dispostos a ouvi-lo. Você também, por sua vez, terá seu tempo de não querer falar conosco. Em qualquer das situações, não feche sua boca, porque você foi ordenado para esse ministério, fez um juramento solene. Poderão aparecer ocasiões em que o procuremos em grupo, formando um comitê ou uma delegação, pedindo que nos diga algo diferente do que estamos falando neste momento. Prometa, agora mesmo, que não irá atender a esses pedidos. Não é sua tarefa ministrar de acordo com nossa vontade volúvel, nem nossa compreensão de nossas necessidades, que

muda com o passar do tempo, nem nossas esperanças por algo melhor, que se vão tornando secularizadas. Com estes juramentos em sua ordenação, estamos incitando-o a se manter firme, levantando entre nós as bandeiras da palavra e do sacramento. Pretendemos, ainda, que a seriedade dos votos o impeça de atender a qualquer voz que o queira afastar do caminho correto. Existem muitas outras providências a tomar nesse mundo destruído e estaremo-nos ocupando de pelo menos uma parte delas. Mas, se não tivermos conhecimento dos termos básicos das realidades fundamentais daquilo com que estaremos lidando — Deus, o reino e o evangelho -, acabaremos tendo vidas fúteis e cheias de fantasia. Sua tarefa inclui contar a história básica, representar a presença do Espírito Santo, insistir na primazia de Deus e falar sobre os mandamentos, as promessas e os convites que estão contidos na Bíblia."

Essas palavras, ou algo muito semelhante, é o que entendo como sendo o que os membros de uma comunidade de fiéis dizem àqueles que ordenam para serem seus pastores.

Ainda assim, por mais que o ritual cause profunda impressão, que os votos sejam feitos com absoluta sinceridade, começamos a tentar afrouxar as amarras que nos prendem às bandeiras que nos foram entregues. Alguns conseguem soltar-se e atender a outros chamados. No momento em que as pessoas que nos cercam se esquecem dos termos de nossa ordenação, esquecem também o que tinham pedido que fizéssemos quando nos convidaram para sermos pastores e, rapidamente, tentam envolver-nos em seus projetos mais recentes. E começamos a perder a confiança na autoridade de nossa tarefa árdua. Sentimo-nos excluídos e, em seguida, tentamos curar esse sentimento de alienação, obscuridade e frustração, mergulhando em realizações que, acreditamos, "farão alguma diferença".

*** * ***

Existirá alguma providência que possa ser tomada, algo que nos manterá firmes naquilo que decidimos fazer, que fomos separados para fazer? Se fizéssemos essa pergunta entre nossos colegas pastores, como se faz com tanta freqüência, encontraríamos uma grande variedade de

respostas. Uma delas seria "oração", embora provavelmente poucos a citassem. Não quero dizer que essa pesquisa iria mostrar que os pastores não oram, mas, sim, que não vêem este como o ato central e essencial que mantém o trabalho pastoral leal a ele mesmo, centrado na palavra e no sacramento. E se estendêssemos a pesquisa aos pastores que nos precederam e lhes perguntássemos qual o ato mais importante para que seja mantida a identidade do pastor? G. K. Chesterton disse que a única democracia verdadeira é a tradição, porque significa dar direito de voto aos ancestrais.[10] Se contarmos apenas os votos dos vivos naquele momento, estaremos permitindo que uma pequena minoria tome a decisão, e essa minoria não é totalmente representativa. Chesterton defendeu a extensão do direito de voto aos que se encontram nos cemitérios. Ao agirmos assim, a palavra "oração" aparece em maioria esmagadora, já que, durante a maior parte da Era Cristã, os pastores têm vivido na convicção de que a oração é o ato central e essencial para a manutenção da forma fundamental do ministério para o qual foram ordenados.

Por que o voto dos pastores atuais não é igual ao dessa maioria? Serão as condições atuais tão diferentes que a oração não seja mais adequada a ser o ato que dá forma a todo o pastorado? Terá o desenvolvimento da teologia mostrado que outras atividades devem ocupar o centro de nossa vida e que a oração deve passar para a periferia? Ou será que permitimos que nos distraíssem, desviassem e seduzissem? Acredito que sim. E creio conhecer uma história que mostra o que aconteceu.

*** * ***

Ao tentarmos orientar-nos na realidade, uma das maiores ajudas que podemos encontrar está na cultura grega. Os gregos viviam com paixão e inteligência. Tentavam entender o significado da vida em um mundo no qual os acontecimentos acabam sempre sendo negativos. Usavam sua imaginação fértil e colocavam em histórias o entendimento que alcançavam. Foram os melhores contadores de histórias que já existiram. Até hoje repetimos suas narrativas, tentando entender nossa própria condição humana. As lendas de Ulisses e Aquiles,

Édipo e Electra, Narciso e Sísifo são amostras de maneiras como tentamos encontrar sentido na vida e manter o equilíbrio. A história de Prometeu nos ajuda a entender a perda da oração no trabalho pastoral.

A melhor narrativa é feita por Ésquilo.[11] De acordo com ele, os primeiros seres humanos tinham como característica essencial o fato de saberem o dia em que morreriam, ou seja: conheciam seus limites. A mortalidade não era apenas uma vaga apreensão, mas uma data, marcada no calendário. Nessa condição e com esse conhecimento, não havia incentivo para se realizar muito mais do que simplesmente existir. Além disso, os deuses eram caprichosos e brutais. Tinham o conhecimento da dinâmica da vida e dos meios para vivê-la bem, mas não compartilhavam com a humanidade aquilo que sabiam. Não eram generosos nem justos, guardavam todas as cartas importantes em suas mangas. Sendo assim, o ser humano pensava que de nada adiantava esforçar-se, porque sua experiência básica era com a mortalidade e a tirania.

Prometeu, um dos deuses, por algum motivo se encheu de compaixão por nossa luta e, conseqüentemente, irou-se contra Zeus, o chefe dos deuses, e tomou para si a responsabilidade de fazer algo para melhorar a condição dos seres humanos. Três atitudes dele fizeram diferença. Primeiro, fez com que os mortais deixassem de conhecer seu destino. Ou seja, removeu o conhecimento da data da morte, o senso de limitação, a consciência da mortalidade. Libertado do sentimento de fatalidade que o debilitava, o ser humano podia, a partir dali, tentar alcançar qualquer objetiva Em segundo lugar, Prometeu colocou na humanidade esperanças cegas, incentivou-a a ser mais do que era, a alcançar novos objetivos, a se superar, a ser ambiciosa. Mas esses incentivos eram cegos, sem direção, nem ligação com a realidade. E, por último, Prometeu roubou o fogo dos deuses e o entregou aos humanos. Com *esse* presente, as pessoas adquiriram a habilidade de cozinhar, fazer armas, produzir cerâmica, tendo-se aberto para elas todo o universo da tecnologia.

Ao dar esses três passos, Prometeu colocou a humanidade no ponto de partida de um caminho que ela continua a seguir até hoje, desapercebida dos limites, estabelecendo alvos irreais frente às reais condições humanas

e dominando a tecnologia que pode alterar as condições sob as quais vive. Não temos que suportar a vida como é. Tudo pode ser melhorado, temos meios para realizar tudo aquilo a que nos dispusermos. O fogo forneceu a energia que veio a ser tecnologia: as máquinas. Conseqüentemente, não sabemos que somos humanos; pelo contrário, acreditamos ser deuses, e assim agimos. Perdemos a consciência de nossa própria mortalidade e a sensibilidade às conseqüências de nossos atos. Isso não seria tão danoso se não tivéssemos o fogo, a tecnologia que torna real nossa ilusão de divindade. Em resumo: temos a tecnologia dos deuses mas não a sabedoria e a presciência deles.

É claro que Zeus ficou furioso e puniu Prometeu, acorrentando-o a uma rocha, em uma montanha distante, exposto ao sol escaldante e à lua fria. Todos os dias os abutres o atacavam, rasgando suas entranhas e comendo-lhe o fígado, que, durante a noite, crescia de novo e de manhã estava pronto para um novo ataque voraz. A história é trágica: Prometeu não se arrependeu, porque tinha entregue o fogo à humanidade, era um desafiador, mas sofria. O conhecimento do fogo, da luz e da tecnologia tornou possível a existência da vida civilizada ao mesmo tempo em que é fonte de sofrimento. O mesmo ato que torna possível ao ser humano se elevar acima de sua vida irracional é a causa de sofrimento inimaginável em outra situação.

Prometeu: ousado, confiante, piedoso, inteligente, responsável pela melhora no padrão de vida, aumentando a expectativa de vida e a riqueza do ser humano, mas, apesar de tudo isso, preso, acorrentado à rocha, mostrando o que acontece com aqueles que tentam melhorar a a condição do ser humano, dando-lhe ambição e ferramentas sem, concomitantemente, dar-lhe presciência e autoconhecimento. A história da civilização ocidental é exatamente assim: progresso incrível nos produtos, esquecimento, em desafio, da natureza de sua própria humanidade e as pessoas em sofrimento inimaginável. Essa é uma história poderosa, verdadeira. Werner Jaeger diz que o mito de Prometeu é a maior expressão da tragédia de nossa própria natureza.[12]

Essa história mostra a condição humana como tragédia, e é isso que a vida é. A narrativa não aponta uma solução e o

poder dela está exatamente na compreensão de que não existe solução, o que existe é o destino. O progresso tecnológico é, inevitavelmente, acompanhado pelo aumento da ansiedade, mas não toleramos tragédias, queremos *soluções.* Existe uma fantasia recorrente em nossa sociedade: com a ajuda dos computadores acontecerá uma transição brusca rumo ao aprimoramento da tecnologia e, assim, os problemas desta era serão solucionados. Ou seja: é só pegar mais um pouquinho do fogo dos deuses que conseguiremos, afinal, fazer o mundo funcionar bem. Há também vozes que se levantam contra a tecnologia, defendendo que devemos abandoná-la, viver dentro de nossos limites, reaprender o significado de nossa morte, respeitar mais as pessoas do que os bens: a visão humanista.

Vivemos numa era com as características de Prometeu. Não mais do que as eras anteriores, talvez, mas com uma diferença: essa trágica história não é conhecida por nós, enquanto que as gerações anteriores a usavam como advertência. Contavam a *história* de Prometeu para usar como antídoto para o seu *espírito.* A realidade da tragédia foi mantida viva na consciência das pessoas pelos poetas, romancistas, filósofos e artistas. Os filósofos modernos, porém, abandonaram aquilo que Platão estabeleceu como o ramo principal da filosofia, ou seja, o estudo da morte. A maioria das pessoas tem seu senso de realidade moldado por comerciais e publicitários que prometem vida longa, livre de sofrimento. Nossa sociedade expulsa os artistas e escritores que aumentam nossa percepção das dimensões trágicas da existência. Os criadores de mitos modernos revisaram e condensaram a história de Prometeu e fizeram com que deixasse de ser tragédia e passasse a ser triunfo. Essa versão resumida aborda apenas um elemento: o roubo do fogo, ou seja, o início da tecnologia, da energia, das ferramentas, e o exalta como a entrada para a utopia. As outras partes da história - esquecimento da morte, ambição desgovernada, sofrimento renovado diariamente como resultado de viver sem sabedoria, desafiando a natureza humana - foram excluídas.

Os pastores que nos precederam colocaram-se, conscientemente, contra esse espírito de Prometeu e entenderam que seu trabalho provinha de uma fonte muito diferente: a oração: cultivaram um relacionamento com Deus

baseado na graça, em vez de se colocarem, desafiadora e ambiciosamente, como seus rivais. Em face desse modo diverso de agir, a morte era encarada de forma diferente do que acontece hoje. De fato, houve ocasiões em que o trabalho pastoral foi definido como a tarefa de preparar as pessoas para a morte.[13] No momento em que o espírito de Prometeu toldou ou eliminou a consciência da mortalidade, a tarefa do pastor passou a ser trazê-la de volta. A meditação sobre morte é importante, porque ensina a sabedoria; como viver sendo *humano* e não um *deus,* ou seja, dentro dos limites, aproveitando ao máximo, mas sem extrapolá-los. "Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio", suplicou o salmista (Sl 90:12). Lutero bradou, em resposta: "Senhor! que todos tenhamos tal habilidade matemática!"[14]

A antiga frase, porém, "Preparando para uma boa morte" foi retirada do trabalho pastoral, porque deixamo-nos aliciar para a luta pela superação dos limites, comprometendo-nos com o esforço para elevar o padrão de vida. Ao trabalhar por uma boa causa, ajudando as pessoas com muita compaixão, mas usando indistintamente todos os recursos que o mundo oferece, nós, pastores, tornamo-nos semelhantes a Prometeu. Por outro lado, temos motivos bem elevados, e a tarefa é desafiadora, peremptória, compulsiva mas desanimadora: é uma luta contra o destino, em favor dos pobres, destituídos, ignorantes e dos que estão à morte. E por que não usaríamos para isso os recursos que estão ao nosso dispor com tanta facilidade e que são aceitos sem nenhuma crítica? A tecnologia traz à tona grandes acontecimentos e promete eliminar a pobreza, a dor e o tédio. E, no mesmo momento em que alguém aponta que no mundo atual existe mais pobreza, dor e tédio do que já houve em qualquer outra época, sua fala é interrompida por um breve período para que seja anunciada alguma estonteante e incrível descoberta tecnológica, e ficamos tão deslumbrados com a descoberta que esquecemos de reparar nas conseqüências. Munidos da melhor boa vontade e da pior memória do mundo, juntamo-nos à luta para tornar a vida melhor para todos, lançando mão de todos os meios disponíveis. Há tanto a fazer, tantos limites a superar, e existe, bem à nossa porta, a tecnologia trazida por Prometeu para nos ajudar. É claro que Prometeu não ora, ele tem muito *a fazer* e pouco tempo para cumprir suas tarefas.

* * *

Ao passo que o espírito de Prometeu subverteu o ministério pastoral com a desvalorização da oração em seu papel formativo, um elemento discreto, tão insidioso quanto ele, embora menos óbvio, também colaborou. A aventura de um deus grego se constitui no primeiro elemento de subversão, e o trabalho literário de um erudito alemão é o segundo. Esse trabalho é constituído da história do povo hebreu reescrita de forma que a oração foi excluída do enredo.

Durante o século XIX houve uma reavaliação radical da história bíblica, processo que teve início durante os séculos XVII e XVIII, com *os filósofos* iluministas. Dentro deste grupo de eruditos - liderados por Kant, na Alemanha, Voltaire, na França, e Gibbon, na Inglaterra - brotou um enorme entusiasmo por tudo que era terreno e humano, acompanhado por expressa aversão a tudo que fosse divino e celestial. Diziam que já haviam ouvido especulações demais sobre os anjos e eternidade, que isso era assunto da Era Medieval. Afirmavam ainda que os assuntos importantes eram a mente e o corpo das pessoas, o modo como pensam e se comportam, aquilo que a humanidade já havia realmente alcançado durante a história. Dentro do campo da história, todos os fatos eram tratados com enfoques crítico e cético, e reescritos de forma rigorosa, na tentativa de se excluir toda a superstição, lenda, mito e mentiras propagadas. Antes do aparecimento do Iluminismo, a história havia sido escrita segundo um certo esquema: não por ela própria, como registro do que havia acontecido, mas para servir a Deus, à Nação ou à Moralidade. Havia sido escrita para mostrar Deus realizando seus propósitos, ou o Destino trazendo à vida algum princípio impessoal, ou a Moralidade se mostrando nas aventuras da raça humana, ou porque certo rei era superior aos outros. O registro da História variava entre dois pólos: o da propaganda e o da credulidade. Ao tender para o primeiro pólo, a história era escrita com tendenciosidade - as evidências eram examinadas e selecionadas de forma a amparar qualquer causa moral, religiosa ou política que se quisesse defender. Quando a tendência era para a credulidade, tudo o que era registrado, ou de que se falava - fantasmas, unicórnios, previsões - era, solenemente, escrito. É claro que a história

real também era escrita, mas alterada pela propaganda e pela conversa: algumas vezes mais, outras menos, sendo que parecia que ninguém se importava com a veracidade dos fatos.

Durante as décadas do Iluminismo, essa situação mudou. Os historiadores levaram a sério o fato, bem conhecido, de que as pessoas mentem muito e não deixam de fazê-lo ao se ocuparem da literatura, do conhecimento ou da especulação religiosa. As pessoas criam histórias que as mostrem como seres melhores do que são na realidade e fazem o mesmo com relação a Deus ou a seus deuses. Os novos historiadores começaram a especular sobre como seriam as histórias antigas se retirassem delas toda a tendência à propaganda e toda conversa tola sobre os milagres. Esses historiadores criaram um programa de metodologia crítica em relação à história, visando a extrair dos registros as mentiras e as meias-verdades.

Uma das mais famosas aplicações desse novo método foi a obra de Edward Gibbons, reescrevendo a história do final do Império Romano e do início do cristianismo. Era tido como certo que o Império Romano havia caído em face de um processo de desintegração moral, enquanto que a Igreja crescia, passando a predominar, graças à força advinda de seu fervor moral e vida de santificação. A versão de Gibbon virou tudo isso do avesso, afirmando que a nobreza romana teria sido enfraquecida pelo parasitismo dos cristãos. Não teria sido o pecado o responsável pelo declínio do Império Romano, mas, sim, a estupidez religiosa. No momento em que as pessoas passaram a considerar um deus mais importante do que elas mesmas, que eram endeusadas, a enorme conquista humana que Roma havia levado quase à perfeição começou a ficar defeituosa, em decorrência de um abandono evidente. A situação é semelhante ao que ocorre quando alguém possui uma linda casa em uma fazenda, que está na família há muitas gerações. Todos os seus antepassados cuidaram bem da propriedade, conservando e reformando os prédios, cultivando a terra com muito cuidado e, de repente, a pessoa começa a freqüentar corridas de cavalos, a apostar e perde o interesse na casa e na terra, deixando que tudo venha a se tornar decadente e destruído. A diferença, no caso dos

romanos, é que não foram as corridas de cavalo que os levaram a se tomar irresponsáveis. Foram a Igreja e o Cristo.

Todos os capítulos da história antiga foram submetidos a essa metodologia crítica. Houve um benefício inesperado, já que o conhecimento em relação ao significado da condição humana foi estudado desde tempos bem remotos, através de grande variedade de culturas e civilizações. Mas os resultados não foram sempre tão confiáveis ou fiéis aos fatos como pareceram ser no início. Algumas vezes o historiador moderno simplesmente substituía um antigo preconceito ideológico por outro mais novo, escapando de ser descoberto imediatamente sob o disfarce de objetividade científica. Durante a época do Iluminismo, a "objetividade erudita" intimidava os leitores, levando-os à aceitação sem crítica, quase da mesma forma que a expressão "inspiração divina" havia levado antes.

Por volta do século XIX, a parte histórica da Bíblia foi submetida a esse método de estudo. Até essa ocasião, a crença na inspiração divina e na autoridade das Escrituras evitara que fossem examinadas. Essa isenção durou mais ou menos um século, mas chegou um momento em que os estudiosos se voltaram para a Bíblia e disseram ser intolerável que ela ficasse escondida atrás da doutrina. Ela foi, então, intimada a enfrentar a mesma corte de inquisição que julgara os documentos seculares. Afirmava-se que o objetivo era encontrar a verdade e que, se a fé cristã fosse verdadeira, não teria o que temer; antes, teria tudo a ganhar quando fossem aplicados sobre ela os métodos que tinham como único alvo descobrir e descrever o que realmente acontecera. Os estudiosos diziam procurar aquilo que as pessoas recordavam erradamente, esperavam ansiosamente e rearranjavam tendenciosamente.

O mais famoso estudioso a trabalhar no rearranjo da história bíblica foi Julias Wellhausen. Como resultado do trabalho dele, os Salmos - as orações dos hebreus - perderam sua importância e ficaram à margem da cena histórica. Até esse momento, os Salmos haviam estado bem no centro de toda a ação, mostrando os hebreus orando, cheios de coragem e vivacidade, respondendo ao Deus que estava dando forma à salvação através deles. Essas orações eram motivo de grande seriedade e grande prazer, atraindo os melhores comentaristas

e fornecendo um modo de expressar uma vida inteira de adoração e cada dimensão da experiência de um povo de fé. Não existe outro lugar em que se possa enxergar de forma tão detalhada e profunda a dimensão humana da história bíblica como nos Salmos. A pessoa em oração reagia à totalidade da presença divina, partindo da condição humana, concreta e detalhada. Wellhausen, então, com um golpe de sua caneta, afastou os Salmos da ação, retirando-os das partes dinâmicas e criativas da história. Esse trabalho foi tão perfeito e os efeitos tiveram alcance tão amplo que o nome dele se coloca junto com o de Prometeu na responsabilidade pela destituição da oração do lugar central que ocupava.

A reconstrução de Wellhausen descrevia a história hebraica em três estágios. No primeiro, os começos, no meio da pré-história: Abraão, um ser lendário, tentava encontrar um caminho, tateando desajeitadamente entre as trevas da superstição e do sacrifício de crianças. Na Palestina, ritos tribais bárbaros, fanáticos e assassinos foram-se desenvolvendo gradualmente, à medida em que o povo foi recebendo contribuições morais de seus vizinhos egípcios e babilônicos, que eram mais avançados. Graças a essas contribuições, os palestinos chegaram a alcançar certa semelhança com povos civilizados. As histórias se desenrolavam em condições naturais adversas e os desastres da natureza acabavam sendo vistos com tendências moralistas ou espirituais. A arte de contar histórias dava forma a interpretações dos poderes divinos e demoníacos. Com o passar dos séculos, de toda essa mistura de nômades *sem destino,* surgiu, aos poucos, uma nação que tinha uma certa inclinação a falar sobre Deus.

Nesse ambiente tão sem perspectiva, algo realmente espetacular aconteceu: os profetas surgiram e começaram a fazer parte da história. *Surgiram* é um termo muito suave, seria melhor dizer *explodiram,* e essa explosão constitui o segundo estágio da reconstrução da história hebraica. Isaías, Amós, Oséias e Jeremias eram como gigantes no meio do povo, monoteístas apaixonados, moralistas insistentes, tendo uma visão ardente da justiça. O mundo nunca vira algo assim. Aqueles profetas avançavam pelo país, cidade após cidade, confrontando e denunciando erros, despertando o espírito

humano para níveis morais mais elevados e dando nova forma à ordem política, econômica e social. *Nesse momento,* a religião atingia seu ápice, havendo-se afastado das crendices da superstição, do cultivo de lendas e das fábulas. Havia chegado o momento da maturidade, da moralidade monoteísta.

O terceiro estágio começa depois de uma série de desastres militares e do terrível exílio que deixou os hebreus oprimidos e desmoralizados, destituídos de sua identidade política. O movimento profético perdeu seu ímpeto e enfraqueceu, seu incrível vigor se dissipou e, com o desaparecimento dos grandes profetas, o povo foi tomado por uma prostração espiritual, passando a contar as histórias antigas, cheias de nostalgia. A partir do conjunto de lendas ancestrais e laivos de memória, o povo moldou personagens heróicas, de acordo com o modelo profético: Abraão, o corajoso da fé; Moisés, sábio e destemido; Davi, lírico e forte. A situação em que estavam só deixava duas saídas: contar histórias e orar, de forma que eles oravam. Já que haviam sido afastados do cenário principal da história, só lhes restava orar. Contar histórias e orar. Os Salmos, então, eram essas orações, o resíduo de piedade de uma fé que, um dia, havia sido cheia de vigor. A energia dos profetas - poderosa, apaixonada, transformadora, reformadora - havia-se esvaído, deixando em seu lugar as orações patéticas do povo que um dia havia sido orgulhoso, mas agora era composto por velhos e criancinhas que cultivavam uma piedade interna, procurando compensar a perda da glória de que ainda se lembravam.

Essa, em linhas gerais, é a história reescrita: no primeiro estágio, os começos, na pré-história, com a superstição imatura e as tribos em guerras bárbaras criando futuras sagas e mitos. No segundo estágio, o florescimento brilhante da paixão moral dos grandes profetas. No terceiro estágio, o fraco desfecho, levando a uma piedade derrotada e lamurienta, que tem expressão nos Salmos.

No final do século, em 1899, Bernard Duhm publicou um comentário sobre os Salmos[15], que veio a ter grande influência. Nessa obra, afirma que todos eles são do período Macabeu (167-63 a.C), excluindo-se apenas o de número 137, que é do período do exílio. Essa posição foi apoiada pelo maior

estudioso dos Salmos daquela época, Hermann Gunkel, e a partir de então foi aceita como óbvia e irrefutável.

Nenhum desses estudiosos tinha objetivos escusos em seu trabalho, e a maioria deles era de devotos, que amavam os Salmos e que simplesmente seguiram a orientação acadêmica do Iluminismo, convencidos de que este era o caminho para a verdade e sem criticá-lo. O alvo deles não era sabotar a vida de oração, mas a conseqüência, não intencional, foi que os Salmos foram removidos da ação, de forma efetiva. Deixaram de ser parte do âmago do cultivo da fé, a escola de oração que dava forma a homens e mulheres que aprendiam a responder com todo seu ser ao Deus que estava chamando à existência toda a criação e redenção. Passaram a ser vistos como a piedade decrépita de uma religião desgastada.

Tendo os Salmos passado a essa situação dentro da história, o mesmo aconteceu com a oração em geral. Sendo esse o lugar que a oração desempenha no desenrolar histórico de nossa fé, não irá atrair muitos seguidores entre as pessoas que querem agir frente ao que está errado no mundo. Todos preferem assistir aos profetas e imitá-los, porque a expressão mais vigorosa do ministério bíblico está justamente neles: pregação profética, confrontação política, interpelação das pessoas nas ruas, desafio às autoridades corruptas, comunicação do conselho divino com eloqüência apaixonada. Os Salmos são bons como letras de hinos e frases para painéis religiosos. A oração é útil no final do dia, para acalmar um espírito desgastado e refazer a pessoa para uma noite de descanso. Se a profecia é a carne e a batata da religião, a oração será um copo de leite momo que leva ao sono tranqüilo.

Pode-se discutir se os pastores adotaram conscientemente a reconstrução da história bíblica feita por Wellhausen e a conseqüente destituição dos Salmos como centro dinâmico da vida de fé. O fato é que, tanto eles como a oração, estão, de fato, marginalizados tanto no estudo quanto no desempenho do pastorado, e Julias Wellhausen teve um papel importante no processo. No século XX, o modelo ideal de pastor tem sido aquele que é profeta de ação e administrador competente. O pastor de oração, que leva o povo à adoração, arranca da congregação, no máximo, um bocejo. Mas Wellhausen não teve a palavra final. Foi um estudioso

brilhante, e muito de seu trabalho continua a ser desenvolvido e utilizado como base por outros estudiosos. Ainda assim, uma parte dele, a reconstrução histórica, foi completamente desintegrada, e de forma tão silenciosa que parece que muitos pastores ainda não ouviram a respeito. Existe um detalhe totalmente inesperado, mas muito interessante, em tudo isso que é particularmente convincente para os pastores e a Igreja que oram. Isso surgiu quando o estudioso norueguês Sigmund Mowinckel penetrou no campo que havia sido aberto por Wellhausen e Gunkel. Esse norueguês estava estudando, ao mesmo tempo, a Bíblia e um outro assunto, não bíblico: o culto das antigas tribos teutônicas. Os dois estudos - os hebreus em oração e os teutônicos em oração -, colocados lado a lado, resultaram na completa anulação do veredicto de Wellhausen. As conclusões negativas sobre os Salmos - de que o ambiente histórico era ultrapassado e seu significado espiritual desprezível - provaram ser totalmente erradas. O trabalho de Mowinckel trouxe os Salmos de volta ao centro da ação.[16]

Ao estudar as orações teutônicas, Mowinckel percebeu que, nas sociedades primitivas da Europa, o papel da comunidade em oração era base para tudo o mais que ocorria. O momento em que o povo se reunia para orar não era casual nem periférico. Era dramático e básico, "prendia toda a sociedade, exercendo domínio poderoso, moldando idéias, disciplinando valores e agindo como o cimento que mantinha a comunidade unida".[17] Orar era a atividade mais importante para o povo. As orações eram profundamente pessoais quanto a seu impacto e moldavam a história e a cultura da comunidade. O primeiro a notar esse fato e a compreender seu significado foi o antropólogo dinamarquês Vilhelm Gronbech.[18] Mowinckel tomou a história antiga dos hebreus e analisou sob esse ponto de vista e demonstrou que os princípios descobertos se-lhe aplicavam também.

Isso levou a uma completa inversão no julgamento dos eruditos quanto ao papel desempenhado pelos Salmos na vida do povo de Israel. O trabalho de Wellhausen via a profecia como o manancial criativo de Israel, que, ao secar, deixou algumas poças de Salmos. O trabalho de Mowinckel mostrou o contrario: o poço artesiano original eram os Salmos, o louvor e

adoração a partir dos quais a profecia se desenvolveu. Os Salmos, que haviam sido admirados por suas qualidades literárias - condenados, na realidade, como se fossem louvor tímido - e relegados a uma posição estritamente subordinada e secundária dentro da história da religião, foram reconhecidos como a base: a *fonte* daquilo que mais impressiona em Israel. Ronald Clements resume a reviravolta: durante décadas os Salmos

foram vistos simplesmente como o reflexo da tendência, oculta, da piedade e esperança pessoais, as quais floresceram quando os principais impulsos criativos da religião israelita acabaram. Como, porém, resultado do trabalho de Gunkel e Mowinckel, os Salmos foram elevados a uma nova posição de prioridade, sendo testemunhos do fundamento do culto e da piedade que subjaz a formação dos livros históricos, bem como o fenômeno da profecia em Israel... uma posição central notável.[19]

Em resumo; os Salmos fornecem a linguagem, *as* aspirações, a energia para a comunidade, que se reúne em oração, e chamam à existência as atividades dos profetas, sábios e historiadores e fazem parte da formação deles. Os Salmos iniciam e os profetas seguem. A ação interna (oração) tem precedência sobre a ação externa (proclamação).

A implicação de tudo isso no trabalho pastoral é evidente: ele começa com a oração. Tudo aquilo que tem nossa participação - o que for criativo, poderoso, *bíblico* - tem origem na oração. Os pastores que imitam a pregação e as ações morais dos profetas sem, ao mesmo tempo, imitar sua vida profunda de oração e louvor, que é tão evidente nos Salmos, são um estorvo para a fé, um empecilho para o crescimento da Igreja.

*** * ***

A história de Prometeu e a historiografia de Wellhausen explicam o desaparecimento da oração entre aqueles que desejam fazer alguma diferença no mundo arruinado. Mas é necessário mais do que uma explicação, é preciso encontrar uma estratégia para reverter a situação. E, para isso, não se deve olhar para os antecessores da cultura atual, os gregos, e,

sim, para os ancestrais da fé, os hebreus, que não eram muito interessados em entender a condição humana, preocupavam-se mais em responder à realidade divina. Seu esforço maior era no sentido de ouvir a palavra de Deus, e não de contar histórias sobre deuses. A linguagem característica entre eles não era a dos mitos, mas a da oração. Estavam profundamente comprometidos com um modo de vida que propiciasse a ação de Deus.

Existia algo a ser feito com em relação à condição humana, mas esse não era o empreendimento primeiro dos homens e mulheres, era ação divina. Para que Deus agisse, eles oravam. Seu objetivo não era entender o que estava acontecendo com a raça humana, mas participar do que estava acontecendo com Deus. Os gregos eram *experts* em entender a existência de um ponto de vista humano. Os hebreus eram hábeis em colocar a existência humana como resposta a Deus. Enquanto que os gregos tinham uma história para cada ocasião, os hebreus tinham uma oração. Para os pastores, as histórias gregas são úteis, mas as orações hebréias são essenciais. A oração significa relacionar-se primeiro com Deus e, depois, com o mundo, ou seja: o mundo é visto não como um problema a ser solucionado, mas como uma realidade, na qual Deus está agindo.

As histórias gregas são as melhores do mundo, interessantes e precisas. Explicam nossa condição, mas não a alteram e nem mesmo dão esperança de mudança. Mas, como disse Karl Marx, o grande profeta herege, hebreu, do século XIX, o importante não é entender a história, mas, sim, alterá-la. Se nosso objetivo é recuperar nossa integridade original, isso terá que ser feito através da retomada da oração. Se deixarmos de orar, ou nos atirarmos a atividades que não sejam a oração, terminaremos no trágico impasse que o mito de Prometeu descreve tão bem.

II. Orando Conforme o Livro

A oração é uma aventura ousada rumo à linguagem, que coloca nossas palavras junto com aquelas cortantes, vivas, que penetram e dividem alma e espírito, juntas e medulas e, impiedosamente, expõem cada pensamento e propósito do coração (Hb 4:12,13, Ap 1:16). Se houvéssemos mantido nossa boca fechada, não nos teríamos envolvido nessa exposição, temível e implacável. Se nos contentássemos em falar às mulheres, homens e crianças que nos cercam, poderíamos ter continuado a usar as palavras de forma que eles pensariam bem de nós, enquanto ocultaríamos aquilo que não queríamos que fosse revelado. Mas, quando nos aventuramos a orar, toda palavra pode, em algum momento, passar a significar exatamente aquilo que significa e levar-nos a um envolvimento com um Deus santo, que deseja nossa santidade. O máximo que esperávamos era uma conversinha religiosa, uma fofoquinha sobrenatural, e, de repente, somos envolvidos em algo eterno, sem que fosse essa a nossa intenção e sem que houvéssemos calculado as conseqüências.

É por isso que tantos mestres antigos aconselham cautela: "Vá devagar com a oração", pois ela não é um empreendimento no qual se possa entrar levianamente. Ao orar, estamos usando palavras que nos levam à proximidade de outras que despedaçam cedros, fazem tremer os desertos e desnudam os bosques (Sl 29:5-9). Usamos as palavras que podem deixar-nos trêmulos, de espírito quebrantado: "Ai de mim! Estou perdido! porque sou homem de lábios impuros...!" (Is 6:5). Ao orar, temos grandes oportunidades de ir parar em um lugar no qual, definitivamente, nunca quisemos estar. Protestamos com raiva, preferindo morrer a ter o tipo de vida que Deus insiste em, imprudentemente, empurrar sobre nós: "Peço-te, pois, ó SENHOR, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver" (Jn 4:3). Desejamos viver de acordo com nossas condições, e a oração coloca-nos sob o risco de envolvermo-nos com as condições de Deus, as quais não queremos. Vá devagar com a oração, porque, na maior parte

das vezes, ela não traz aquilo a que aspiramos, mas o que Deus quer, que pode ser bem diferente do que entendemos como sendo nosso melhor interesse. E, quando percebemos o que está acontecendo, comumente é muito tarde para voltar atrás. Vá devagar com a oração.

Sabendo de tudo isso - que a oração é perigosa, que eleva nossa linguagem a potências com as quais não estamos acostumados e para as quais não estamos preparados -, fico sempre intrigado porque tanta oração parece sem energia, completamente banal. A falta de energia e a banalidade podem ser tão comuns nos pastores quanto o são nos leigos, mas, nos primeiros, são mais visíveis, porque eles estão mais expostos ao público.

Pergunta: Como pode a linguagem, usada no mais alto grau de poder, sair da boca dos pastores como algo estagnado e trivial?

Resposta: Ela foi arrancada de seu solo, a palavra de Deus. Essas, digamos, orações são como flores cortadas do jardim e colocadas em pequenos vasos para servirem como enfeite em cima de mesas. Enquanto receberem uma provisão, artificial, de água, continuarão a dar um toque de beleza. Mas não irão durar muito, logo murcharão e serão descartadas. Flores assim são, com freqüência, usadas como enfeite para o centro de uma mesa de jantar, pois ficam adoráveis ali. Nunca, porém, serão confundidas com o elemento real da mesa, a carne e as batatas, que prometem estômagos cheios e calorias para um difícil dia de trabalho.

É comum os pastores, em face do seu trabalho, ou daquilo que os outros pensam ser seu trabalho, serem chamados para orar, de forma cerimonial e decorativa: começamos nossas reuniões, lideramos as congregações e, às vezes, iniciamos os dias com oração. Nas situações em que somos convidados para cerimônias na comunidade - formaturas, comemorações patrióticas, inaugurações -, nossa tarefa rotineira, que é invocar a Deus, é a primeira parte do programa, já que a oração inicia as coisas da maneira certa. Durante o trabalho cotidiano, somos continuamente envolvidos no oferecimento de orações nesses contextos de "início": agradecimento por uma nova vida quando nasce uma

criança; no hospital, petição enquanto o médico começa uma cirurgia; o momento em que uma pessoa começa a deixar a vida rumo à morte, sendo o fim também um início. Essas orações, colocadas como estão como o primeiro item de nossos programas, feitas logo no início, associadas a todos os tipos e condições de novas situações, tanto pessoais quanto públicas, parecem ser o ato principal, a primeira palavra em relação àquele assunto.

Mas as aparências enganam e, da mesma forma que estamos seguindo a orientação errada, nossas orações carecem de solo para se enraizar e nutrientes para florescer. Os pastores, como uma classe de profissionais, contribuem com um número desproporcional para a turma dos desorientados. Por que não têm maior conhecimento? Por que são tão facilmente iludidos? Será vaidade ou ignorância o que os coloca nessa postura de pompa banal? A cura, em qualquer dos casos, é transplantar-se, da cova cheia de cascalho e ervas daninhas, que é a tagarelice religiosa para o solo da palavra de Deus.

As aparências enganam: a oração nunca é a primeira palavra, é sempre a segunda. Deus diz a primeira. A oração é a réplica, não o primeiro "discurso" e, sim, a "réplica". A compreensão dessa classificação secundária é essencial para a prática da oração. Essa compreensão é especialmente importante para os pastores, já que somos freqüentemente colocados em posições nas quais parece que nossas orações têm uma energia inicial, as palavras santas que dão legitimidade e abençoam o discurso secular de um comitê, uma discussão comunitária, a recuperação de um enfermo ou o crescimento.

Os pastores são continuamente submetidos a uma indignidade, quando um grupo se reúne, para uma reunião ou refeição, e alguém lhes pede: "Pastor, o senhor podia fazer uma oraçãozinha para começar?" Seria maravilhoso responder, gritando, como imaginou William McNamara: "Não posso! Não existem oraçõezinhas! A oração penetra na cova dos leões, leva-nos até à presença da santidade, lugar de onde não sabemos se voltaremos vivos ou equilibrados, já que 'horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo' ".[20]

Não estou recomendando que sejamos grosseiros: o grito não precisa ser audível. Insisto em dizer que o pastor que, por indolência ou ignorância, condescende polidamente com os pedidos da congregação ou da comunidade para fazer orações semelhantes a flores cortadas do jardim, está perdendo o direito a seu chamado. A maioria das pessoas que encontramos, dentro e fora da Igreja, acredita que as orações são pistolas inofensivas, mas necessárias, que dão tiros para o alto e fazem com que os eventos tenham início. Supõem que a "ação verdadeira", como dizem, sejam esses "eventos": projetos e conversas, planos e desempenhos. É um ultraje e uma blasfêmia os pastores ajustarem sua prática de oração de forma que acomode essas futilidades.

A ironia em tudo isso é que, ao colocar a oração num aparente primeiro lugar, contribuímos para sua desvalorização. Ao pronunciar uma oração para "iniciar a programação", damos legitimidade e abençoamos um secularismo superficial e imaturo, já que, a partir desse momento, todos se sentem livres para seguir seu próprio caminho, sem pensar mais sobre Deus. "Isso, pelo menos, já foi resolvido, agora podemos voltar-nos para as coisas importantes que requerem nossa atenção. Já agradamos a Deus com nossa piedade e estamos livres para tratar daquilo que nos diz respeito."

Os pastores não são os culpados por esse estado de coisas, mas se tornam a partir do momento em que o perpetuam, com sua aquiescência. Ao percebermos a extensão de nossa responsabilidade, devemos fazer algo frente à situação. Mas fazer o quê?

O óbvio: restaurar a oração ao contexto que tem na Palavra de Deus. Ela não é algo que inventamos para conseguir a atenção de Deus ou angariar seu favor. É a réplica. A primeira palavra foi a de Deus. A oração é a palavra humana, nunca a primeira, a principal, a que dá início ou forma, simplesmente porque nós nunca somos os primeiros e nem os principais. Tratar a oração como algo que ela não é, mesmo que nos pareça sagrado e exaltado, não é honrá-la. O que fazemos, na realidade, é transformá-la em ídolo verbal, e nesse momento ela se torna uma ferramenta que nos diminui e, talvez, leve-nos à perdição inclusive. Já que, em face do

nosso trabalho pastoral, tantas vezes nos encontramos em situações nas quais todos que nos rodeiam estão certos de que a oração é, ou pelo menos deveria ser, a primeira palavra, precisamos de desenvolver em nosso interior maneiras de estarmos sempre conscientes de sua categoria secundaria, seu caráter responsivo. De outra forma, seremos arrastados, sem que o percebamos, para uma idolatria verbal e suas conseqüências negativas. Necessitamos de advertências repetidas e reforçadas: em todos os lugares, sempre, a primeira palavra é a de Deus para nós, e não a nossa para ele. É necessário termos vigilância cuidadosa para manter nossas armas ajustadas contra essas orações bárbaras que são solicitadas e preferidas por praticamente todos com quem nos encontramos.

Podemos aguçar nossa atenção através do livro de Gênesis. Na criação, Deus fala primeiro. Gênesis descreve a criação, "no princípio", sendo realizada pela fala: "Disse Deus: Haja luz; e houve luz". A frase é repetida: disse Deus... Disse Deus... Disse Deus... Disse Deus... A repetição é semelhante a um projeto arquitetônico, sendo que, durante os seis dias da criação, a frase vayomer elohim - e disse Deus - é pronunciada nove vezes. A palavra dita por Deus cria, inicia, modela, supre, ordena, comanda e abençoa.

A palavra de Deus é o meio criativo através do qual todas as coisas vêm à existência. Dá forma a toda a realidade que nos rodeia. Tudo que sentimos, vemos, tudo aquilo com que temos contato - mar e céu, bacalhau e passarinho, sicômoro e cenoura - tem origem através da palavra dEle. Tudo, absolutamente tudo, foi chamado à existência pela palavra. "Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir." (Sl 33:9)

O que vimos não é menos verdade quando se trata do trabalho paralelo de Deus, a redenção. O apóstolo João, ao reescrever Gênesis de forma magistral, afirma: "No princípio era o Verbo ... E o Verbo se fez carne." O evangelho mostra em detalhes Jesus falando para que a salvação se tomasse realidade: repreendendo o caos causado pelos demônios; livrando homens e mulheres da condenação ao chamá-los, pelo nome, para a vida de discipulado; derrotando o tentador com citações das Escrituras; ordenando curas; usando

palavras abençoadoras para alimentar e ajudar. A palavra é tão fundamental no trabalho da salvação quanto no da criação. Tudo que nos rodeia tem origem na palavra de Deus, assim como tudo que há dentro de nós. Não há como existirmos antes que Deus fale. Não existe inspiração, desejo, grito humanos que sejam anteriores a essa palavra de Deus. Antes e depois dela não há nenhuma abstração nem verdade, por maior que sejam. Para todos os lados que olhemos, qualquer que seja a investigação que fizermos, em tudo que ouvirmos, depararemo-nos com a palavra - não nossa, mas de Deus.

Embora seja óbvio nas Escrituras que Deus fala de forma ampla e impressionante antes que oremos, não o percebemos imediatamente, porque estamos muito mais atentos a nós mesmos do que a ele. Assim, ao orarmos, estamos normalmente perceptivos ao que estamos conseguindo em nossa primeira palavra endereçada a Ele. Mas essa percepção nos engana.

Então, é necessário esforço - repetido, imaginativo, de acordo com o modelo bíblico - para que possamos adquirir e manter essa percepção de que o discurso de Deus ocupa o primeiro lugar irrestrito e completo, em relação a tudo que sair de nossa boca.

Nossa experiência pessoal na aquisição da linguagem coincide com o testemunho bíblico e fornece um laboratório acessível e gratuito para se confirmar Gênesis e João. Não nos lembramos claramente do processo de aquisição de linguagem, já que ele ocorreu muito cedo em nossa vida, mas, observando nossos filhos aprendendo a falar, confirmamos imediatamente aquilo que é óbvio: a linguagem é falada para nós, aprendemos a falar quando falam conosco. Ao nascer, mergulhamos num mar de linguagem, nadamos em palavras e nos encharcamos com substantivos e verbos. Pouco a pouco percebemos que algumas dessas palavras estão sendo dirigidas a nós: palavras que têm objetivos pessoais, como dar nome, amar e confortar. Depois, de sílaba em sílaba, adquirimos a capacidade de responder: mamãe, papai, mamá, sim, não. Nenhuma destas palavras foi dita primeiro, todas foram respostas. Alguém falou conosco antes de que falássemos. Isso acontece com todas as pessoas.

Essa linguagem que aprendemos é imensamente complexa. O fato de começarmos, tão cedo, a selecionar, combinar e variar todos os elementos de som, silêncio, gestos, gritos, risadas e lágrimas, transformando-os em respostas apropriadas a um número crescente de pessoas que nos dizem cada vez mais coisas é uma maravilha contínua. Em certo momento, começamos a responder a Deus, e a descrição comum desse uso que fazemos da linguagem é a palavra oração. Ela é a linguagem usada para responder à maior parte do que foi dito para nós, com potencial para dizer tudo que está dentro de nós. É o desenvolvimento da fala até à maturidade, a linguagem no processo de se adequar para responder àquEle que falou conosco da forma mais completa, ou seja: Deus. Colocado assim, fica claro que a oração não é um uso limitado da linguagem em ocasiões especiais, e, sim, seu uso mais amplo, através do qual tudo aquilo que temos de mais humano - todas as partes da criação e da salvação - é expresso com maturidade. Vivemos, porém, em uma cultura que tem pouco interesse nessa linguagem, e em uma sociedade na qual ela é constantemente reduzida.

Pergunta: Para onde nos voltaremos, buscando aprender a linguagem que se transforma em maturidade ao responder a Deus?

Resposta: Para os Salmos.

A universidade, grande e abrangente, que os hebreus e os cristãos freqüentaram para aprender a responder a Deus, a orar, foram os Salmos. Mais pessoas foram instruídas na oração através deles do que de qualquer outra forma. Eles eram o livro de orações de Israel, de Jesus e da Igreja. Não houve época, durante o período hebreu e nem no cristão (à exceção, possivelmente, do século XX), em que os Salmos não tenham estado bem no centro de toda a atenção dada à oração, bem como da sua prática.

Existe uma característica nos Salmos que requer atenção, antes que se passe a lê-los e orar através deles: a forma como estão dispostos. Os 150 Salmos são divididos em cinco livros. É impossível não perceber essa divisão mas, da mesma forma que acontece com tantos outros fatos óbvios e familiares, é comum não nos determos nela. O que é mais

necessário, porém, é que *reparemos:* a divisão em cinco livros estabelece as condições sob as quais iremos orar, formando um contexto canônico. Ignorando ou esquecendo essas condições e esse contexto, não alcançaremos nosso objetivo: a oração. Por outro lado, observando as condições e o contexto, nunca estaremos longe demais do alvo. A divisão é tão importante que não há como enfatizá-la além da conta. Não é um remendo editorial, sem importância e acidental, trata-se de orientação essencial, para que se aprenda a orar de forma apropriada, sabendo que a oração é a *reação* humana ao *primeiro* discurso de Deus. A oração não pode ser confundida com a fala inicial.

A separação entre *os cinco* livros é feita por uma fórmula litúrgica central, com variações, aparecendo, pela primeira vez, depois do Salmo 41:

> Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel, da eternidade para a eternidade! Amém, e amém! (41:13)

A fórmula aparece uma segunda vez, unindo os Salmos 42 a 72, formando o segundo livro. A primeira sentença da bênção e o final, com dois améns, são idênticos, mas o centro é ampliado. Uma anotação final mostra que nesse ponto termina a seção davídica do Saltério.

> Bendito seja o Senhor Deus, o Deus de Israel, que só ele opera prodígios. Bendito para sempre o seu glorioso nome, e da sua glória se encha toda a terra. Amém, e Amém! Findam as orações de Davi, filho de Jessé. (72:18-20)

Os Salmos 73 a 89 são unidos pela fórmula litúrgica abreviada, restrita àquilo que é essencial, para formar o terceiro livro:

> Bendito seja o Senhor para sempre! Amém, e amém. (89:52)

A fórmula que reúne os Salmos 90 a 106, formando o quarto livro, começa igual, mas depois é intensificada. O Amém duplo é ampliado, tornando-se "e todo o povo diga: Amém.", e o último amém que consta dos livros anteriores é substituído por "Aleluia!".

> Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, de eternidade a eternidade; e todo o povo diga: Amém. Aleluia! (106:48)

No final do quinto livro existe uma conclusão dupla, que, além de reunir os Salmos 107 a 150, conclui o próprio Saltério. Para isso, a fórmula usada anteriormente ("Bendito... Amém") é substituída por outra, mais adequada a este trabalho mais amplo, formada a partir do Aleluia. Esta palavra foi introduzida na quarta conclusão, como complemento do Amém repetido, e agora toma seu lugar. Essa mudança faz a transição das grandes afirmações terminadas em Amém dos primeiros quatro livros para a conclusão do Saltério, em uma celebração que rompe o confinamento da fórmula litúrgica e explode em cinco salmos de aleluia (146-150), um para cada "livro" do Saltério. Cada um desses salmos finais começa e termina com o Aleluia. Essas expressões agrupam entre si novos motivos de louvor, e várias dimensões se desenvolvem ali. O último salmo, o 150, não apenas começa e termina, mas tem cada sentença girando em torno do Aleluia: louvai a Deus, louvai-o, louvai-o... treze vezes: um bombardeio de aleluias, tiroteio explosivo de alegria.

> Aleluia!
>
> Louvai a Deus no seu santuário; louvai-o no Armamento, obra do seu poder. Louvai-o pelos seus poderosos feitos; louvai-o consoante a sua muita grandeza.

> Louvai-o ao som da trombeta; louvai-o com saltério e com harpa. Louvai-o com adufes e danças; louvai-o com instrumentos de cordas e com flautas. Louvai-o com címbalos sonoros; louvai-o com címbalos retumbantes. Todo ser que respira louve ao Senhor. Aleluia!

É claro que houve aqui o trabalho de um editor ou de um comitê editorial. Podem-se ver, por todo o Saltério, indícios de compilação e arranjo.[21] No século XX, com a descoberta de textos dos Salmos nas cavernas de Qumran, nos conhecidos Manuscritos do Mar Morto, sobreveio uma enxurrada de novas evidências desse trabalho, mostrando sua extensão e vitalidade. É provável que haja demorado pelo menos uns dois séculos, e toda essa atividade mostra a posição de evidência que a oração ocupava em Israel, e toda a atenção que lhe era dispensada. Fornecer os meios para que o povo fosse ensinado e treinado a orar, respondendo a seu Deus, a partir dos fatos específicos de sua vida, ocupava posição de destaque na agenda, compartilhando a maior importância com os meios para ouvir a própria Palavra. Mas a única parte em que esse trabalho editorial inspirado é inequivocamente claro é a edição final, onde essas fórmulas conclusi*vas,* são óbvias e definitivas. As orações de Israel foram agrupadas, formando entidades ("livros"), que estão separadas, com maestria, umas das outras, e finalmente terminam. A quinta conclusão é um *grand finale*. Temos cinco livros e não aparecerão outros.

Por quê? Existe uma possibilidade muito grande de que essas orações hajam sido arranjadas em cinco livros de forma a corresponderem aos primeiros cinco livros da Bíblia, a Torá, fazendo o contraste e a conexão entre a fala divina (Torá) e a resposta humana (Salmos).[22] Cristoph Barth chama isso de "a resposta quíntupla que a congregação dá à palavra de Deus que se encontra nos cinco livros de Moisés".[23] Freqüentemente, o *modo* de se falar é tão importante quanto *o que* é dito. A forma pode comunicar tanto quanto o conteúdo. E isso, certamente, é verdadeiro aqui. O cuidado e a arte com que o Livro dos Salmos foi dividido em cinco partes merece mais atenção hermenêutica do que comumente recebe. Ao meditarmos e darmos atenção a este assunto, nós, pastores,

descobrimos que estamos surpreendentemente bem defendidos contra, pelo menos, uma das mais enervantes doenças que acometem a oração.

Os hebreus arrumaram suas Escrituras em três grandes grupos. A Torá, os primeiros cinco livros da Bíblia, foi estabelecida como a primeira fala de Deus. Tudo aquilo que ele nos queria dizer estava ali. A Torá é a Bíblia básica, tudo que se segue deriva dela. O grande grupo seguinte, os Profetas *(nebiim),* mostra a Torá dentro das mudanças nas circunstâncias históricas, com o passar dos séculos. O terceiro grupo, os Escritos *(kethubim),* reúne as reações humanas à palavra divina, que foi ouvida na Torá e vivenciada nos Profetas. Algumas vezes a reação é de argumentação, como em Jó, ou de sábias reflexões, como em Provérbios, mas, na maior parte das vezes, é de oração, como nos Salmos. Eles dominam os Escritos e fornecem a maior documentação daquilo que significa responder "das profundezas" ao Deus que se dirige a seu povo. Atanásio, o teólogo e bispo egípcio do século IV, enfatizou o lugar especial que eles ocupam na Bíblia: "a maior parte das Escrituras fala *conosco;* os Salmos falam *por nós".*[24]

Assim, o arranjo dos Salmos em cinco livros é estratégico: cada palavra que Deus dirige *para* nós tem que ter uma resposta partindo *de* nós. Nada que ele diz pode ficar sem resposta. A palavra de Deus não está completa ao ser dita, precisa de ser respondida. Para os cinco livros que trazem a palavra criadora/salvadora de Deus até nós, existem cinco livros de nossa palavra confiante/obediente para Ele. Cinco se encontram com cinco, assim como os dedos de duas mãos postas juntas.

Avançando, porém, para o estágio seguinte e começando a procurar nos Salmos respostas específicas para as interpelações da Torá, ficamos confusos. Não existe correspondência aparente entre os assuntos tratados nas duas obras. A Torá se desenrola em ordem cronológica de Adão até Moisés. Os Salmos não têm ordem definida, estão misturados, sem se encaixar especificamente em qualquer elemento da Torá. Nem existe neles outro tipo de esquema nos quais estejam agrupados, como temático, por exemplo: Salmos de louvor, lamento, confissão etc. Cada um dos cinco livros contém todos os tipos de oração, agrupados de forma um tanto

casual. Podem-se identificar alguns subgrupos: o Livro II contém um punhado de salmos que se encaixam nas circunstâncias históricas da vida de Davi; o Livro III traz salmos que são atribuídos a Asafe e Coré, ligados ao culto público; o Livro V apresenta a notável seqüência de salmos associados à peregrinação ao Templo. Mas, ainda assim, cada um dos livros contém salmos de todos os outros tipos.

Há evidências muito fortes de que esta "confusão" interna seja tão deliberada quanto o arranjo em cinco livros. E não é necessário ir muito longe para se encontrar a razão: não aparecem aqui respostas prontas, como as de um catecismo, pelo simples fato de a comunicação entre seres humanos não ser composta por perguntas e respostas prontas. A vida que Deus coloca dentro de nós é de uma variedade enorme e infinitamente complexa. Respostas decoradas não são adequadas à estonteante criatividade da interpelação que Deus nos faz através de sua palavra. O que se requere de nós não é que aprendamos uma resposta específica para uma pergunta, também específica, mas que adquiramos habilidade em uma linguagem pessoal que responde corretamente àquilo que ouvimos Deus nos dizer através de sua palavra, nas Escrituras e em Cristo, nas situações variadas por que passamos e nos vários níveis de nossa fé. Precisamos de vocabulário e sintaxe suficientemente pessoais e adequadamente abrangentes para responder a tudo que Deus nos diz, de onde quer que O ouçamos, em cada estágio do desenvolvimento de nossa peregrinação, através de todo o âmbito de nossa vida. Desta forma, o Salmo 1 não é a resposta a ser decorada para Gênesis 1, nem o Salmo 2 para Gênesis 2. O que o Salmo 1 faz é nos apresentar as palavras e ritmos que nos fornecerão caminhos para responder Êxodo 16 em um dia e Deuteronômio 4 em outro. Li Números 22 quando tinha 17 anos e era estudante e li de novo aos 45, sendo pastor e, nas duas vezes, o texto foi adequado. Minhas respostas, porém, só foram adequadas quando continham obediência e fé, que brotavam de um presente totalmente real, tanto pessoal como físico. Preciso de uma linguagem que seja ampla o suficiente para manter continuidades, flexível a ponto de expressar as nuanças de uma vida que engloba experiências infantis e adultas, e corajosa o suficiente para explorar todos os ângulos de pecado, salvação, misericórdia, graça, criação, aliança, ansiedade,

confiança, descrença e fé que compõem o universo da condição humana. Os Salmos são esta linguagem ampla, flexível e corajosa. João Calvino chamou os 150 Salmos de "anatomia de todas as partes da alma".[25] Tudo que alguém possa vir a sentir, vivenciar e dizer é expresso diante de Deus através dos Salmos.

Se insistirmos em ser autodidatas, nossa oração, embora eloqüente, será inadequada e pobre. Inevitavelmente ela terá, por um lado, a forma que o "mercado" congregacional requer e, de outro, estará restrita à nossa própria fé, que é pequena. Os pastores têm que viver sob a amplidão da aliança e ter familiaridade com todas as pessoas e seus dialetos, conhecer cada canto e fresta do ambiente: não apenas ter informações *a respeito,* como acontece com um guia turístico, mas estar à vontade, como alguém que cresceu ali, brincando nas montanhas e trabalhando nos campos, apaixonando-se e deixando de amar, adoecendo e sarando. Não é fácil arriscar-se a deixar os programas religiosos cômodos e tacanhos e partir, de boa vontade, para a obediência, abandonando os sucessos seguros de. vidas profissionalmente definidas e vivendo através da fé e do amor, em oração (o que, freqüentemente, envolve fracasso e sofrimento). Onde poderemos adquirir uma linguagem adequada a tal nível de intensidade? Em que outro lugar além dos Salmos? Para os homens e mulheres chamados a liderar a comunidade da fé, o aprendizado nos Salmos não é uma opção, é um mandamento. A maior parte da Igreja tem concordado com isso, durante a maior parte de sua existência. O breviário da Igreja Católica Romana, o Livro Anglicano de Oração Comunitária e o Saltério Presbiteriano Escocês, todos eles "livros didáticos" para seus respectivos clérigos, foram compostos a partir dos Salmos. Em sua bula papal *Divine Afflatu,* Pio X afirmou: "Os Salmos ensinam à humanidade, especialmente àqueles comprometidos com uma vida de adoração, o modo como se deve louvar a Deus".[26] Existe muita coisa em jogo aqui - maturidade na palavra de Deus, integridade do ministério pastoral, qualidade da adoração, para que se permita que os pastores escolham e peguem um curso sobre oração, da forma como estão mais ou menos inclinados a fazer, da mesma maneira que não permitimos que nosso médico colha ervas em seu quintal e faça uma mistura para que a usemos como remédio. Ela não

pode ser fabricada a partir de fragmentos emocionais ou obrigações profissionais. Sem instrução ou treinamento, a oração será semelhante ao que os turistas encontram em um livro de frases prontas: agradecemos as refeições, arrependemo-nos dos pecados maiores, abençoamos reuniões sociais e, de tempos em tempos, pedimos orientação. Será que pensamos ser a oração apenas uma linguagem especializada e incidental que adotamos quando acontece de estarmos em terreno religioso? Toda nossa vida, porém, está envolvida. Precisamos de dominar a língua do país em que vivemos e não apenas fazer algumas anotações para um relatório semanal, necessário para nosso trabalho. Temos que ser alunos de pós-graduação dessa gramática abrangente que fornece todas as partes da fala e as complexidades da sintaxe para a "resposta". Ao orar os Salmos, encontramos fragmentos de alma e corpo, nossos e de todos com quem convivemos, expressos em adoração, amor e fé. Todos os que oram, cristãos e judeus, encontram neles a sua "voz" de oração, mas, para os pastores, que ocupam uma posição especial, em que têm a responsabilidade de orar por outros e ensiná-los a fazê-lo, ignorar ou descuidar-se da leitura dos Salmos é negligenciar seu dever. Ambrósio usou uma metáfora diferente e chamou-os de "um tipo de ginásio para ser usado por todas as almas, um estádio da virtude, onde diferentes exercícios são praticados, dentre os quais se podem escolher os mais adequados treinamentos para se alcançar a coroa".[27]

*** * ***

O Dr. Donald G. Miller criou um tipo de *midrash* [28], sobre os cinco livros de "Moisés", que mostra a necessidade, implícita neles, de serem respondidos com as intensidades apaixonadas e pessoais que tomam a forma de oração nos cinco livros de "Davi".[29] Resumo, a seguir, o pensamento dele.

Gênesis é a palavra pré-natal de Deus, onde tudo é embrionário. A semente da palavra concebe um cosmos, um mundo e seres humanos, e uma vida de fé, em Abraão. Os começos todos estão aqui, mas nas sombras, no escuro do útero. Sabemos muito pouco em relação aos antidiluvianos e dos patriarcas, vastas extensões cronológicas e geográficas, mas poucos fatos, poucas histórias. Ficamos pensando no que

acontecerá a partir de tudo isso. O esboço da criação e da aliança está definido, mas as formas são rudimentares, membros e órgãos estão-se desenvolvendo. Podemos discernir grandes energias se juntando, uma enorme esperança crescendo no útero de Gênesis.

Êxodo é o nascimento e a primeira infância. A gravidez de Gênesis durou séculos e chegou ao final com o nascimento do povo de Deus. Não foi um parto fácil. Existe um trabalho árduo e doloroso no Egito, depois o rompimento das águas no Mar Vermelho e, maravilhosa e miraculosamente, o recém-nascido na praia distante. Este nascimento faz com que brotem grandes celebrações de alegria: canto e dança, louvor e gratidão. O povo bebê aprende a dar seus primeiros passos e recebe a primeira instrução ao pé do Sinai: faça isso, não faça aquilo. É lançado a um mundo perigoso, cheio da bondade de Deus, perigoso por causa das tentações do pecado. Êxodo apresenta este povo bebê, retirado das águas e aprendendo a dar os primeiros passos. Mostra-o em adoração, ouvindo e respondendo ao Deus que os trouxe à luz e à existência.

Levítico é a infância. O povo está crescendo, e aprende o abecedário da vida, sob a misericórdia e o julgamento de Deus. A grande realidade com a qual tem que lidar é Deus, e seu relacionamento com Ele, que sofre interrupção, interferência e é alterado de mil maneiras diferentes. Aprende os nomes dos aspectos do relacionamento de fé, e o que fazer quando as coisas não caminham bem. É mais fácil aprender Geografia, Física ou Gramática, mas Levítico facilita ao máximo a matéria, usando o método audiovisual: em vez de discussões abstratas sobre pecado e graça, apresentam-se objetos visíveis e tangíveis: uma bacia de cereal, uma novilha, um bode-expiatório. Tudo é apresentado de forma figurada (sacrifícios), com algumas ações simples que requerem participação física (rituais). Levítico é a cartilha para os filhos de Deus, crianças que estão aprendendo a ler sua palavra pela primeira vez.

Números é a adolescência. O povo está-se esforçando para chegar à idade adulta, lutando através das dificuldades nos anos passados no deserto. Rebela-se contra a autoridade, tentando descobrir quem é: não mais criança, mas ainda sem a experiência necessária para dirigir sua própria vida. Sente saudade do Egito, onde a existência era segura como o útero,

de onde foi expulso, rumo às rigorosas realidades da vida de fé. Está inquieto e impaciente com as instituições geriátricas de Moisés. Murmura e desobedece, reclama e resmunga. A meio caminho entre seu nascimento, saindo do Egito, e sua herança em Canaã, chafurda na confusão da terra-de-ninguém, que é a adolescência.

Deuteronômio é a idade adulta. Finalmente, o povo cresceu em Deus. Amadureceu até chegar a uma vida de fé e é capaz de receber a herança, que é a Terra Prometida, e viver nela, com responsabilidade. Sua educação é boa; o treinamento, excelente, e passou por um sem-número de testes. Deus está prestes a entregar-lhe aquilo que preparou, para que se cuide. Moisés, está quase saindo de cena e deixando o povo seguir sozinho, e reúne em forma de sermão tudo que viveram juntos em seus quarenta anos no deserto, tudo que Deus revelou através de Sua vontade e Seus caminhos, todos os assuntos sérios e gloriosos sobre a vida de fé. Na fronteira entre o deserto e a Terra Prometida, chama a atenção dos israelitas, em um magnífico ato de adoração: apresenta-os a Deus e apresenta Deus a eles, e os abençoa. S. R. Drives, em seu estudo e pesquisa de Deuteronômio, concluiu que uma única palavra é característica e definitiva neste livro: "amor".[30] Esta conclusão é poderosamente significativa, já que só adquirimos a capacidade de amar ao nos tornarmos adultos (ou, para dizer de outra forma, no momento em que somos capazes de amar somos adultos). O amor reúne tudo que se desenvolve em nós enquanto passamos da primeira infância para a infância, depois para a adolescência e, por fim, traz à tona a integridade que leva a relacionamentos pessoais íntimos e fiéis com os outros e com Deus.

*** * ***

O *"midrash"* do professor Miller fornece uma nova perspectiva para encararmos as cinco partes da Torá como a palavra de Deus, que nos chama à existência de forma global, do nascimento ao amor maduro, e portanto requer de nós resposta também global, através das cinco partes do Saltério. Toda oração é recolocada em seu devido contexto dentro da palavra de Deus, que não trabalha impessoal nem

mecanicamente, colocando a vontade divina como selo em assuntos tolos. *Pessoas* são trazidas à existência, *vidas* são moldadas pela graça, em amor. No que concerne às pessoas, a linguagem ocupa lugar de destaque, e tem seu ápice na conversação, interpelação e réplica, pergunta e resposta. A vida de fé não é *feita para* nós, mas *desenvolvida em* nós por palavras que ordenam e abençoam, e são completadas com palavras de aquiescência obediente e louvor voluntário. Fomos interpelados por Deus e a Ele respondemos em todas as áreas de nossa vida.[31] A palavra de Deus, que abrange e penetra em tudo, é o ambiente em que vivemos. Uma das principais tarefas pastorais é fazer com que nem uma palavra desse ambiente caia na abstração impessoal ou se congele, tornando-se mera informação. *Toda* palavra é interpelação pessoal. O trabalho pastoral significa ficar alerta e manter os outros também alertas para esta linguagem e dar resposta a cada palavra dela. Não tudo de uma vez, é claro, mas durante todo o tempo, já que nada em nossa vida escapa da palavra criativa e salvadora de Deus, que nos convida a responder, na fé e na linguagem de obediência, que é a oração.

III. Hora de Oração

Tive uma surpresa ao entrar em minha vocação pastoral e ver que em qualquer dia da semana um número enorme de pessoas, de dentro e de fora de minha congregação, queria que eu fizesse alguma coisa por elas. O que esperava era uma vida bem tranqüila, de estudo e oração, visita aos enfermos e aos abatidos, com algumas interrupções, em ocasiões de crise. Havia chegado à conclusão, lendo os sociólogos, de que a religião não era uma grande preocupação para as pessoas nos dias atuais e que, exceto por aquelas ocasiões esporádicas, em que alguma pressão familiar ou protocolo comunitário iria requerer minha presença, seria tratado com um bondoso esquecimento. Havia ouvido, durante muitos anos, os gracejos sobre os pastores que trabalham apenas um dia por semana, e supunha que devia haver algum fundo de verdade nisso, já que o sarcasmo existia há tanto tempo (minha piada predileta é aquela do pastor escocês que era "invisível seis dias na

semana e no sétimo era incompreensível"). Todas as semanas, depois do culto dominical, tenho uma versão personalizada do sarcasmo. Vou caminhando para casa e meu vizinho, sempre trabalhando distraidamente em seu jardim, saúda-me com a piadinha, fingindo que acabou de pensar nela: "Acabou outra semana, bem? É, deve ser muito bom." Dou uma resposta adequada: "É, é sim." Interiormente, não sou tão amável: faço uma descrição mental de toda a minha semana de trabalho, pensando que vou escrever e entregar-lhe mais tarde, documentando a evidência de não ser um parasita do sistema, ameaçando os valores de propriedade da vizinhança com minha indolência. Ele vai-se mostrar totalmente chocado e gaguejar um pedido de desculpas. Mas, depois de tomar um banho demorado e ouvir alguns cumprimentos bem elaborados de minha esposa, sobre a originalidade profética do sermão matutino, retiro minhas idéias ameaçadoras e guardo minha defesa para outra semana.

No início, a surpresa da agenda diária cheia de solicitações foi bem-vinda, e continuou a sê-lo por vários anos. É agradável sentir-se necessário. Mais do que isso: é completamente lisonjeiro. Quase todos os pedidos por minha atenção e presença pastorais estavam escondidos sob a retórica da urgência. Isso, junto com a conexão, presumida, de tudo que eu fazia com Deus, a eternidade, ou a santidade, fez com que até mesmo as ações mais triviais fossem revestidas de uma aura de importância. Além disso, era bom descobrir que os sociólogos estavam errados.

Comecei a deixar de me sentir lisonjeado ao perceber que, entre o número considerável de exigências quanto ao meu tempo, não havia uma só que me levasse a ter uma vida de oração. Ainda assim, era ela o âmago da vocação que eu havia abraçado. Havia recebido a incumbência de estimular a conversação viva entre o povo com quem vivia e o Deus vivo. Eu não me havia, conscientemente, disposto a ser professor, ensinando, de modo afetado, crianças relutantes o ABC de Deus. Antes, havia aceitado o chamado para ser companheiro das pessoas em uma peregrinação que envolve exercitar a presença de Deus. Não havia concordado em ser um moço de recados, praticando, na congregação e na comunidade, as boas ações para a quais os outros não tinham tempo, em face

dos seus negócios sérios. A responsabilidade que tinha aceitado era a de ouvir e responder, pessoalmente, a palavra de Deus e guiar os outros a, da mesma forma, ouvirem e responderem. Estas duas ações constituem nossa humanidade madura.

É claro que estar sempre ocupado não é característica exclusiva da vida pastoral: é uma endemia em nossa cultura. Um crítico lamentou-se dizendo: "A maioria de nós tem um taxímetro no lugar do cérebro, que trabalha transformando tempo e espaço em dinheiro".[32] E existem, porém, dimensões pastorais que requerem algo além de uma boa repreensão. Precisamos de uma estratégia que leve em consideração o dilema diário de viver entre dois tipos de demandas que, aparentemente, cancelam, uma a outra, uma estratégia que aceite ambos os lados, sem favorecer qualquer um deles. O primeiro tipo de demanda é que respondamos, com atenção e compaixão, às solicitações que são feitas por aqueles que nos rodeiam, solicitações que se recusam a permanecer confinadas nos limites dos horários razoáveis e sempre são em número superior ao que conseguimos atender. Este tipo de demanda, em geral, mascara necessidades espirituais profundas, e não pode ser resolvida com um clichê e nem delegada a um comitê. Em alguns dos casos, a vida das pessoas está correndo risco e é necessário atender com inteligência e discernimento. O segundo tipo de demandas inclui responder, em oração reverente, à chamada que Deus faz para que Lhe demos atenção, para ouvi-Lo, levá-Lo a sério dentro das circunstâncias reais do que vivo no dia de hoje, no lugar onde moro. Ele não quer que enganemos os outros, que tomemos o caminho errado ao adotar uma função profissionalizada. Sabemos, em face do que nos foi ensinado e da nossa experiência, que esse tipo de atenção só pode ser alcançada vagarosamente e de forma deliberada. Existe um lugar amplo e calmo em nossa existência, no qual se deve meditar profundamente em Deus e crer nEle com muito amor. Este segundo tipo de demanda não é para que façamos orações enquanto agimos, ou atendamos a pedidos, e, sim, para que entremos no domínio de espírito, onde a maravilha e a adoração têm espaço para se desenvolverem, onde a diversão e o prazer têm tempo para florescer. Será possível aos pastores se confrontarem, diariamente, com este segundo tipo de

demandas? Ficamos pensando que essas coisas são para monges e freiras, dentro dos monastérios, para os ermitãos, nos lugares desertos, e para algumas almas nobres que, de alguma forma, conseguem viver além das limitações de nossa mortalidade comum.

É possível aos pastores. Em decorrência da existência de uma provisão bíblica, os pastores, por toda a história, foram capazes de integrar os dois tipos de demandas, em vez de viver através deles, com raiva e cheios de culpa, encarando-os como um dilema. O nome para isto é sabá, sabbath judeu. O simples ato de manter a prática do sabá faz mais do que qualquer outra coisa para treinar os pastores no ritmo de ação e resposta, de forma que os dois tipos de demanda podem ser vivenciados de forma sincrônica, no lugar de violentamente.

O entendimento acurado do sabá é pré-requisito para sua prática: deve ser visto biblicamente, e não culturalmente. Uma compreensão errada, muito divulgada, trivializa-o, designando-o como "day off". O sabá não é isto, um dia de folga, e é indesculpável que os pastores, que estudam a Bíblia e são os guardiões das práticas sagradas, troquem a designação desta forma. Um dia de folga é um sabá bastardo. Os days off trazem benefícios, é certo, mas não são sabás. Os pastores, com freqüência, são convencidos por cônjuges, filhos e psiquiatras a interromperem seu trabalho obsessivo e compulsivo, que vai de segunda a segunda e tirarem um dia de folga. Em geral, ficam satisfeitos com o resultado: conseguem desempenhar mais tarefas em seis dias do que estão acostumados a desempenhar em sete. A mente e o corpo não foram feitos para estarem em movimento perpétuo, e a saúde mental e física melhora nitidamente com um dia de folga. Sentimo-nos melhor, a eficiência aumenta, os relacionamentos melhoram. Embora seja benéfico, não é um sabá verdadeiro, e, sim, um secularizado. A motivação é utilitária: o dia de folga está a serviço dos seis dias de trabalho. O objetivo é restaurar as forças, aumentar a motivação, recompensar os esforços e manter o incentivo para um bom desempenho das funções. E acontece que os efeitos colaterais, a harmonia da família e melhoria na saúde mental são também atraentes. A substituição, quase geral, dos termos entre os pastores é mais um sinal de uma identidade vocacional abandonada (Uma

troca de nome que se relaciona com esta é a de "gabinete pastoral" por "escritório", secularizando, desta forma, ainda mais, a percepção do trabalho pastoral. Muitos pastores vão para sua mesa como para centros de operação e organização de projetos e não mais como para lugares de aprendizado. A mudança do vocabulário não é feita impunemente. As palavras nos moldam. Se entramos freqüentemente em uma sala intitulada "escritório", acabaremos fazendo trabalho de escritório. Primeiro, mudaremos a palavra; depois, ela nos muda.

*** * ***

Sabá significa largar, dar um tempo, deixar esfriar. A palavra, em si mesma, não tem nada de religioso, ou santo. Indica tempo, denotando que não o estamos usando, ou seja, aquilo que habitualmente chamamos de perder tempo.

O contexto bíblico para a compreensão do sabá é a semana de Gênesis, na qual ele é o sétimo e último dia, no qual "... Deus... descansou [shabbatth] de toda a obra que, como Criador, fizera" (Gn 2:3). Reentramos naquela seqüência de dias na qual Deus falou para que a energia e a matéria viessem à existência, e repetidamente aparece o refrão: "Houve tarde e manhã, o primeiro dia. ... Houve tarde e manhã, o segundo dia.... Houve tarde e manhã": de novo e de novo, seis vezes.

É assim que os hebreus entendem o dia, diferente de nós. Nossos dias, a maioria deles, pelo menos, começam com um despertador rasgando as últimas trevas da madrugada, e terminam não com o anoitecer, mas muitas horas depois, quando desligamos as luzes elétricas. As referências convencionais feitas ao dia não incluem as horas da noite, à exceção das duas ou três que roubamos no início e no fim, para que tenhamos mais tempo para trabalhar. Em decorrência desta diferença de definição, temos que fazer um esforço imaginativo para entender a frase hebraica tarde e manhã, o primeiro dia. Além do modo de falar, está incluído aqui um senso de ritmo. O dia é a unidade básica do trabalho criativo de Deus, e a tarde é o começo deste dia, é a investida de Deus, falando para que luz, estrelas, terra, vegetação,

animais, homem e mulher venham à existência. Mas é, também, o momento em que deixamos nossas atividades e vamos dormir.[33] É nesta parte do dia que dizemos "Agora me deito para dormir, guarda-me, ó Deus em teu amor" e deixamo-nos levar até à inconsciência, pelas próximas seis, oito ou dez horas, um estado no qual estamos totalmente improdutivos e não temos valor monetário.

Depois, acordamos, descansados, saltamos da cama cheios de energia, engolimos uma caneca de café e saímos apressados para colocar as coisas em movimento. A primeira coisa que descobrimos (um grande golpe para o ego) é que tudo começou a funcionar muitas horas antes. Tudo aquilo que é importante continuou acontecendo enquanto estávamos em sono profundo. Ao nos atirarmos a um dia de trabalho, pegamos a ação pela metade. Junto-me a um trabalho cujo planejamento básico está pronto, as tarefas distribuídas e as ações se desenrolando.

Algumas vezes, ainda pasmos, vamos para o trabalho pensando que estamos iniciando a operação e nos encontramos, por acaso, no meio de algo que já está quase pronto. Mas, no momento em que começamos a agir, interferimos naquilo que já está bem adiantado rumo ao término do processo de execução. Nossas intenções sinceras e alegria durante o trabalho não evitam que a interferência seja uma asneira e um agravo. A posição mais sensata é perguntar onde nos encaixamos, onde é necessário mais uma pessoa para o trabalho, ou o que ainda precisa de ser feito.

A seqüência hebraica de tarde/manhã nos condiciona ao ritmo da graça. Vamos dormir, e Deus começa seu trabalho. Enquanto dormimos, Ele desenvolve sua aliança. Acordamos e somos chamados a participar da criação ativa dEle. Reagimos com fé e trabalho. Mas a graça sempre vem antes, é primária. Acordamos em um mundo que não fizemos, para uma salvação que não merecemos. Tarde: Deus começa, sem nossa ajuda, Seu dia criativo. Manhã: Deus nos chama para aproveitar, compartilhar e desenvolver o trabalho que Ele iniciou. A criação e a aliança são graça pura e estão ali, para nos saudar, todas as manhãs. George MacDonald escreveu que o sono é a artimanha que Deus usa para nos dar o socorro que não consegue dar-nos enquanto estamos acordados.

Lemos e relemos essas páginas iniciais de Gênesis, junto com certas seqüências de Salmos, e recuperamos esse ritmo profundo e poderoso, internalizando a realidade: a pulsação forte, inicial, é a palavra criadora/salvadora de Deus, sua presença providenciadora e sustentadora, sua graça.

À medida que o ritmo do gênesis bíblico trabalha em mim, descubro algo mais: ao terminar meu dia de trabalho nada do que é essencial pára. Preparo-me para dormir, não exausto e frustrado por haver ainda coisas demais a serem começadas e acabadas. Estou cheio de expectativa. O dia vai começar! As palavras que Deus disse em Gênesis serão, logo, ditas de novo. Enquanto durmo, ele vai preparar maneiras de usar minha obediência, meu serviço e minha fala quando o dia amanhecer. Vou dormir para sair do caminho um pouco. Entro no ritmo da salvação. Durante nosso sono, coisas maravilhosas e grandes, que vão muito além de nossa capacidade de inventar ou tramar, estão-se processando: a lua marcando as estações, o leão urrando atrás de sua presa, os vermes da terra fazendo com que ela receba ar, as estrelas seguindo seu curso, as proteínas reparando nossos músculos, nossos sonhos restaurando uma sanidade profunda, sob as fofocas e maquinações das horas em que estamos acordados. Nosso trabalho se encaixa no contexto do trabalho de Deus. Os esforços humanos são honrados e respeitados não por si mesmos, mas por sua integração ao ritmo da graça e da bênção.

Vivenciamos essa graça no corpo antes de apreendê-la na mente. Estamo-nos voltando para uma questão de *tecnologia* físico-espiritual e não idéias, doutrinas, virtudes. Estamos colocando nosso corpo no ritmo de Gênesis.

O sabá amplia este ritmo básico e diário, levando-o ao contexto maior do mês. A volta da Terra em torno de seu eixo nos dá o ritmo básico, de duas batidas: tarde/manhã. A lua, em sua órbita, introduz outro ritmo, o mês de vinte e oito dias, marcado por quatro fases de sete dias cada. É um ritmo maior, o do sétimo dia, que somos intimados a obedecer. Praticar o sabá inclui observar o ritmo diário, tarde/manhã. É difícil evitar parar de trabalhar cada noite, quando somos vencidos pela fadiga e pelo sono. Mas é fácil, porém, deixar de parar de trabalhar no sétimo dia, especialmente se nossos projetos

estão indo a todo o vapor. Manter o ritmo semanal requer ações deliberadas. É comum sentirmos que estamos interrompendo ou interferindo com nossas rotinas. Observar o sabá desafia a convicção que construímos gradualmente, de que nosso tra*balho* diário é indispensável para fazer com que o mundo avance. Então, descobrimos que não se trata de uma interrupção, mas de um ritmo com métrica mais ampla que confirma e estende a batida básica. Todo sétimo dia soa uma nota mais grave: um gongo enorme, cujo som profundo reverbera por todo lado as batidas diárias dos tímpanos: tarde/manhã, tarde/manhã, tarde/manhã: a criação honrada e contemplada, a redenção relembrada e compartilhada.

*** * ***

Existem duas versões bíblicas do mandamento sobre o sabá. Os mandamentos são idênticos, mas as razões apresentadas são diferentes. A razão de Êxodo é que devemos manter o sabá porque Deus o fez (Êx 20:8-11). Ele fez seu trabalho em seis dias e depois descansou. Se ele pode separar um dia para descansar, nós também podemos. Existem coisas que só podem ser realizadas - até mesmo por Deus - em um estado de descanso. O ritmo trabalho/descanso é construído a partir da própria estrutura da perspicácia de Deus quanto à realidade. Ele nos dá o precedente para deixar o fazer e simplesmente *ser* e nos manda observar o sabá para que internalizemos o ser que amadurece a partir do fazer.

A razão que Deuteronômio apresenta para a observação do sabá é a de que nossos ancestrais no Egito trabalharam quatrocentos anos sem descanso (Dt 5:15). Nenhum dia de folga. A conseqüência: não eram mais considerados pessoas, mas escravos. Mãos. Unidades de trabalho. Não pessoas criadas à imagem de Deus, mas equipamento para fazer tijolos e construir pirâmides. A condição humana estava desfigurada.

A fim de não agirmos assim com nosso vizinho, marido, esposa, filho ou empregado é que recebemos a ordem de observar o sabá. No momento em que começamos a olhar para os outros em termos do que eles podem *fazer* em vez de olhar o que eles *são,* mutilamos a humanidade e violamos a comunidade. Não adianta argumentar que não precisamos de

descanso nesta semana, e por isso não iremos praticar o sabá: nossa vida é tão interligada que inevitavelmente envolvemos os outros em nosso trabalho, querendo ou não. Praticar o sabá é pura generosidade. Foi-nos ordenada esta prática para que a imagem de Deus em nossos próximos fosse preservada, de forma a podermos vê-los como são e não como precisamos ou queremos que sejam.

É interessante notar que a verdade e a necessidade de sete dos dez mandamentos são óbvias e não carecem de explicação. É difícil cumprir o segundo, de forma que ele é enfatizado com um aviso. É cansativo obedecer o quinto, então ele recebe o apoio de uma promessa. Mas o quarto mandamento não parece ser necessário nem lógico, de forma que aparecem razões para reforçá-lo. É uma das ironias da história que nossa era, que se orgulha de usar a razão, seja a que mais desrespeita o mandamento que é apoiado por uma razão: na realidade, uma razão dupla, uma histórica e outra teológica.

Toda profissão tem pecados aos quais está mais sujeita. Não analisei detalhadamente os pecados que ameaçam médicos, advogados, marceneiros e oleiros, mas me detive em examinar o laço do passarinheiro do qual os pastores necessitam de livramento diário: é o pecado de inverter o ritmo. No lugar de graça/trabalho, fazemos trabalho/graça. Em lugar de trabalharmos num mundo em que Deus chama tudo à existência com sua palavra e redime seu povo com braço estendido, rearranjamos tudo, criando um mundo no qual pregamos a poderosa palavra de Deus e posteriormente pedimos a bênção dEle sobre o que falamos; no qual estendemos nossos braços poderosos para ajudar os oprimidos e abrimos nossas mãos para atender os necessitados e, desesperadamente, pedimos a Deus para cuidar daqueles que nos escapam.

É claro o motivo pelo qual tão poucos pastores mantêm a prática do sabá: invertemos o ritmo e por isso não conseguimos deixar de trabalhar um dia. Não ficamos sem tarefas por um dia porque recebemos ordem de remir o tempo. Não podemos ficar calados, porque temos fogo em nossa boca. Não podemos ficar à toa por um dia inteiro porque nos mandaram, com toda autoridade, instar a tempo e fora de

tempo, e nunca chega um tempo em que os pedidos de ajuda não exceda nossa capacidade de atendê-los. Mas é também por isso que o sabá é um *mandamento* e não uma *sugestão,* já que apenas um mandamento tem o poder de intervir no ciclo vicioso, acelerador, autoperpetuador da ocupação sem fé nem graça. Em tudo isso, percebemos apenas nossas boas intenções, ignorando todo o resto.

É significativo e sintomático que este seja o mandamento tratado com mais desrespeito e insolência. Curioso: somos capazes de pregar bons sermões a nossos paroquianos sobre ele, e somos muito cuidadosos ao providenciar um sabá de boa adoração e lazer santo para eles, mas nos eximimos da prática. Não há muitos de nós que preguem vigorosamente sobre o sétimo mandamento e tenham vida de adultério. Não é comum pastores pregarem o segundo mandamento com eloqüência e terem um emprego noturno, vendendo deusas da fertilidade de plástico na porta de igrejas. Mas, conscienciosamente, catequizamos nosso povo sobre o quinto mandamento e, sem nem corar, ostentamos a quebra do sabá como evidência de uma piedade extraordinária, parecendo viciados em trabalho.

Sabá: Tempo e espaço em ordem, para nos distanciarmos da agitação de nossas atividades, a fim de podermos ver o que Deus fez e está fazendo. Se, regularmente, não deixarmos nosso trabalho por um dia por semana, estaremo-nos levando a sério demais. O suor moral que brota de nossas sobrancelhas nos cega para a ação fundamental de Deus dentro de nós e à nossa volta.

Observar o sabá: Aquietar nosso ruído interno, de forma a ouvir a voz baixa e tranqüila de nosso Senhor. Remover as distrações do orgulho para que possamos discernir a presença de Cristo "... em dez mil lugares, / Amável nos membros, e amável em olhos que não os seus / Para o Pai, através das formas das faces humanas".[34]

Sabá: Tempo e espaço em ordem para separarmo-nos das pessoas que nos cercam, de forma que tenham a oportunidade de se relacionar com Deus sem que vigiemos ou nos intrometamos. Elas precisam de ser livres, independentes de

nós. Precisam de estar livres de nossa orientação, que sempre tende a ser manipulação.

Observar o sabá: Separarmo-nos das pessoas que se apegam a nós, das rotinas às quais nos agarramos para ter uma identidade, e entregar tudo isso a Deus, com louvor.

Nenhum de nós tem dúvida teológica sobre esse assunto. Somos convincentemente articulados no púlpito e nossa teologia em relação é ortodoxa e bíblica. Não é a teologia que é deficiente, mas a tecnologia: a observância do sabá não é questão de fé, mas de utilização de uma ferramenta (o tempo), não um exercício do coração e da mente, mas do corpo. Obedecer o sabá não é ter pensamentos devotos ou louvor no coração, mas simplesmente tirar nosso corpo de circulação um dia por semana.

A maioria de nós é agostiniana[35] nos púlpitos. Pregamos a soberania de nosso Senhor, a primazia da graça, a glória de Deus: "Porque pela graça sois salvos... não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2:8,9). Mas, no minuto em que deixamos o púlpito, passamos a ser seguidores de Pelágio.[36] Em reuniões, sessões de planejamento, tentativas obsessivas de atender às expectativas das pessoas, ansiedade de agradar e pressa de cobrir todas as bases, praticamos uma teologia que coloca nossa boa vontade como fundamento da vida e estimula o esforço moral como sendo o elemento básico para se agradar a Deus.

O dogma produz o comportamento característico do pastor: se as coisas não estão indo bem o suficiente, haverá melhora se eu trabalhar um pouquinho mais e levar os outros a fazê-lo também. Inclua um comitê aqui, recrute mais alguns voluntários ali, introduza mais algumas horas de trabalho no dia.

Pelágio era um herege único e Agostinho um santo sem igual. Pelo que se sabe, Pelágio era polido, cortês, convincente e parece que todos gostavam imensamente dele. Agostinho desperdiçou sua juventude com imoralidade, tinha algum tipo de problema freudiano com sua mãe e fez uma porção de inimigos. Mas todos os mestres teólogos e pastorais concordam com que Agostinho partiu da graça de Deus e por isso agiu certo e Pelágio do esforço humano, portanto, errado.

Se fôssemos agostinianos fora do púlpito da mesma forma que somos quando estamos nele, não teríamos dificuldade em observar o sabá. Como é que Pelágio foi tornar-se o nosso mestre? Nossa atração disfarçada por Pelágio não nos levará à excomunhão, ou à fogueira para sermos queimados, mas mutila severamente nosso trabalho pastoral e, conquanto não seja doloroso pessoalmente, é catastrófico para a saúde e integridade da Igreja.

*** * ***

As duas razões bíblicas para a observância do sabá levam a atividades paralelas para este dia: oração e diversão. A razão de Êxodo nos direciona para a contemplação de Deus, que se torna oração. A de Deuteronômio nos orienta para o lazer social, que se toma diversão. Oração e diversão são profundamente semelhantes e possuem extensas conexões internas, anotadas e comentadas por um grande número de filósofos e teólogos.[37] João Calvino preenchia seus sabás com ambos. Sua fama de austeridade desprovida de humor não nos prepara para os fatos: ele dirigia sua congregação em oração pela manhã, e à tarde saía com pessoas de Genebra para jogar boliche.[38] Em nossa época, o poeta W. H. Auden ficou alarmado ao ver que estamos perdendo duas de nossas mais preciosas qualidades: a habilidade de rir de todo o coração e a habilidade de orar. Implorou, em favor de um mundo são, que orássemos e nos divertíssemos mais.[39]

O Salmo 92 é o único salmo bíblico especificamente destinado ao sabá. Suas linhas iniciais põem as ações em paralelo:

> Bom é render graças ao SENHOR, e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo. (Sl 92:1)

Como nos divertimos? Como oramos? Os sabás puritanos que eliminaram a diversão foram um desastre. Os seculares, que eliminam a oração, são piores. Manter o sabá envolve ambos: diversão e oração. As atividades são parecidas o suficiente para dividirem o mesmo dia e diferentes o suficiente

para precisarem uma da outra para que, complementando-se, formem um todo. Combiná-las, porém, não é fácil. É mais fácil se especializar no sabá de Êxodo ou de Deuteronômio. George Sheehan escreveu: "O homem se divertindo é um tema quase tão difícil quanto o homem em oração."[40] As crianças, porém, fazem as duas coisas o tempo todo, demonstrando, assim, que não são hábitos alienados que temos que adquirir, mas, pelo contrário, são a recuperação de algo profundamente essencial dentro de nós, que "amamos durante muito tempo e perdemos há pouco" (Newman).

Um desenho de Rembrandt mostra Jesus ensinando um grupo de adultos que estão diante dEle, enlevados e reverentes. Um pouco afastada, uma criança está em brincar com um pião. O artista não nos diz o que Jesus estava falando. Penso que Ele estava ensinando a orar. A criança nos mostra como nos divertirmos. (Lembro-me de um fato que ocorreu há vinte anos e que tem uma justaposição semelhante. Abri meus olhos, depois de liderar minha congregação em orações de intercessão, e vi meu filho, que era bebê, engatinhando pelo centro do santuário, perseguindo uma bola, com a qual estivera brincando enquanto eu e a congregação orávamos. Minha reação inicial foi de embaraço. Depois, arrependi-me. Será que a diversão dele glorificava Deus menos do que nossa oração?)

O Salmo 92 coloca a oração e a diversão logo atrás uma da outra e então elabora as ações paralelas com três metáforas, fornecendo-nos um tríptico para a obediência ao sabá.

A primeira metáfora é musical: oramos e nos divertimos "com instrumentos de dez cordas, com saltério, e com a solenidade da harpa" (v. 3). Oração e diversão são como a arte dos músicos, que combina a disciplina com o prazer. A música mexe profundamente conosco. Nosso corpo assimila o som e o ritmo e sente a vivacidade. A melodia e a harmonia nos levam além dos limites dos grunhidos e gemidos desafinados do discurso diário, dos pedidos e reclamações que nos prendem dentro de nós mesmos. Bem executada, a *performance* musical parece não requerer esforço, ainda que por trás desta espontaneidade tranqüila esteja uma disciplina imensa que, conquanto árdua, não é pesada, mas o meio aceito para nos

levar além de nosso ser exterior laborioso, para percepções e aspirações que nos colocam dentro da beleza. E sempre que estamos além de nós mesmos, por qualquer motivo, estamos mais perto de Deus. Com certeza, é significativo que quase todas as orações no Livro dos Salmos demonstrem evidência de haverem sido musicadas. Karl Barth declarou que a música de Mozart "o levava ao limiar de um mundo que, sob sol ou tempestade, de dia ou de noite, é bom e cheio de ordem".[41]

Apareceu, na Roma antiga, um ateísta esperto e culto, que passou a incomodar as pessoas com seus argumentos, arrazoando que não existia Deus, nem propósito e nem significado na vida, e que, por isso, tudo era permitido. Escolheu um pastor, sem estudo, na praça da cidade, para realçar suas afirmações, pensando em zombar dele diante dos espectadores. Usou sua lógica como uma navalha para recortar o pastor, embriagado com sua eloqüência estonteante. Concluiu com um floreio: "O que você me diz sobre *isso?"* O pastor pegou sua flauta e tocou uma melodia cheia de vida. Em poucos minutos, todo o povo que estava na praça dançava, cheio de alegria.

A segunda metáfora é animal: oração e diversão se comparam ao boi selvagem: "tu exaltas o meu poder como o do boi selvagem" (v. 10). A selvageria dos animais é a exuberância sem obstáculos. Ficamos embevecidos ao vê-los em seus ambientes naturais: saltando, voando a grande altura, empinando-se. Uma águia dourada mergulha até sua presa; um urso pardo vagueia despreocupadamente pela relva das montanhas, procurando tubérculos; um cervo de cauda branca salta por cima de um ribeirão. É assim que são a oração e a diversão: não domesticadas. Perdemos a pose e deixamos cair as máscaras. Tornamo-nos inconscientes de nós mesmos. Nesse momento, *somos.*

Erik Erikson comenta sobre isso:

> De todas as definições de diversão, a mais breve, e melhor, é a encontrada nas *Leis* de Platão. Ele vê o modelo da verdadeira diversão na necessidade que têm todas as criaturas jovens, animais e humanas, de pular. Para se

> pular de verdade, é necessário aprender a usar o solo como trampolim, e a pousar com elasticidade e segurança. Isso significa testar a margem de segurança fornecida por limites estabelecidos; ultrapassá-los e, mesmo assim, não escapar da força da gravidade. Desta forma, onde quer que a diversão predomine, haverá sempre um elemento de surpresa, ultrapassando a simples repetição ou hábito, e, no seu melhor, sugerindo a conquista de uma nova possibilidade, algumas margens divinas compartilhadas.[42]

Se substituirmos a palavra diversão por oração no trecho acima, a compreensão será a mesma.

A terceira metáfora é rústica: quem ora e se diverte

> ... florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro no Líbano. Plantados na casa do SENHOR, florescerão nos átrios do nosso Deus. Na velhice darão ainda frutos, serão cheios de seiva e de verdor. (vs. 12-14)

Oração e diversão têm esta qualidade em comum: desenvolvem-se e amadurecem com o passar do tempo, não entram em declínio. Revertem os efeitos mortais de vidas dirigidas pelo pecado. São atividades que aumentam a vida e não que a diminuem, infundem vitalidade, contrabalançando & fadiga. Renovam-nos, em vez de desgastar-nos. Combatem o tédio, reduzem a ansiedade, empurram, puxam, dirigem, e encorajam-nos rumo à nossa humanidade total, unindo corpo e espírito, harmonizando-os. Schiller escreveu: "O homem só se diverte quando é homem na completa acepção da palavra, e só no momento em que se diverte ele é completamente homem."[43]

Johann Huizinga escreveu um livro longo e erudito, *Homo Ludens,* mostrando que uma cultura só é saudável quando se diverte.[44] A diversão é atividade característica do ser humano

e, reprimindo-a ou negligenciando-a, estaremos desumanizando nossa cultura. Huizinga escreveu com o intuito de advertir. À medida que nossa civilização avança, temos perdido contato com o que é exclusivamente humano. Dessa forma, conquanto apresentemos espantosa riqueza tecnológica, nossa humanidade coletiva mergulhou bem abaixo do nível de pobreza. Perdemo-nos a nós mesmos. Sem diversão e oração, deterioramo-nos, passamos a ser reles consumidores, a vida míngua, até se tornar um mero *pegar*. Os pastores precisam de estar na primeira linha da defesa da obediência ao sabá, reflorestando nossa terra, devastada tão selva-gemente por aqueles que nos intimidam, desprovidos de bom humor. Os pastores precisam de criar nesta terra parques de diversão e de oração.

*** * ***

Essas três metáforas se combinam e dão à prática do sabá um tipo de despreocupação audaciosa, que desafia as necessidades. O contexto traz isso à tona: as três metáforas diversão/oração são desenvolvidas em um salmo que é, primeiramente, voltado para a preocupação com a verdade enorme do mal. Cercado, por um lado, com a diversão em oração e pelo outro com a oração em diversão, o centro do salmo é assim:

> Quão grandes, SENHOR, são as tuas obras!
> Os teus pensamentos, que profundos!
> *O* inepto não compreende,
> e o estulto não percebe isto:
> ainda que os ímpios brotam como a erva,
> e florescem todos os que praticam a iniqüidade,
> nada obstante, serão destruídos para sempre;
> tu, porém, SENHOR, és o Altíssimo eternamente.
> Eis que os teus inimigos, SENHOR,

> eis que os teus inimigos perecerão; serão dispersos todos os que praticam a iniqüidade.
>
> (Sl 92:5-9)

Este salmista do sabá não está passeando, cheirando flores, sonhando, separado da luta terrível que o povo enfrenta. Está estarrecido, vendo que os "ímpios brotam como a erva", desanimado porque eles florescem. Mas avança, e tem o sabá de oração e diversão. Os pastores que têm seu sabá semanal conhecem muito bem a ruma em que se encontra o mundo, mas o praticam de qualquer forma, não porque sejam egoístas desarmados, ou levianos e fúteis, mas porque estão convencidos de que esta prática é a vontade de Deus, não apenas para eles, mas também para o mundo maltratado. Pode alguém imprudente e irresponsável separar um dia para oração e diversão, apesar da pressão que o incita a fazer algo prático, para acabar descobrindo que esta era a coisa mais prática a se fazer.

A tecnologia da observância do sabá não é complexa. Simplesmente, escolhemos um dia da semana (podemos entender, de Rm 14:5,6, que Paulo considerava qualquer dia tão bom quanto os outros) e largarmos nosso trabalho.

Depois de escolher o dia, precisamos de protegê-lo, já que nossos instintos e hábitos não nos ajudarão. Nesse dia, não teremos qualquer atividade útil, não é um dia que prove seu valor, que se justifique. Entrar em um tempo vazio, sem função, é difícil e requer proteção, tendo em vista que nos ensinaram que tempo é dinheiro.

Nossa era, secularizada, é tão fragmentada que não é possível haver consenso nos detalhes sobre a da prática do sabá. Não podemos prescrever uma receita para os outros. Mas, temeroso de que o mandamento se dissolva em um nevoeiro de boas intenções, arriscar-me-ei a contar minha experiência. O risco é que alguém tente imitar os detalhes de minha atividade, ou (o que é mais provável), diga que ela é tola e que não vê sua utilidade, e deixe de lado toda a intenção de obedecer, com base em minha prática inepta. Desculpo-me por usar meu exemplo, usando o precedente de Thoureau: "Eu não deveria falar tanto de mim, se houvesse alguém que eu

conhecesse tão bem. Infelizmente, estou confinado a este tema pela estreiteza de minha experiência."

Segunda-feira é o meu sabá. Não assumo compromissos para este dia. Atendo a emergências, mas, surpreendentemente, há poucas. Minha esposa se junta a mim na guarda do dia. Fazemos um lanche, colocamos em uma mochila, pegamos nossos binóculos e saímos de carro. Rodamos de quinze minutos a uma hora e pegamos alguma estrada secundária, beirando um rio ou rumo às montanhas. Antes de começarmos nossa caminhada, minha esposa lê um salmo e ora. Depois disso, não conversamos mais, ficamos em silêncio pelas duas ou três horas seguintes, até pararmos para almoçar.

Caminhamos despreocupadamente, esvaziando-nos de nós mesmos e abrindo-nos para o que nos rodeia: a forma das samambaias, o perfume das flores, o canto dos pássaros, os afloramentos de granito, carvalhos, sicômoros, chuva, neve, granizo, vento. Temos roupas adequadas a todas as condições climáticas, de forma que nunca cancelamos nosso sabá por causa do tempo, assim como não cancelamos nossa ida à Igreja no domingo, e pela mesma razão: precisamos de nosso sabá, como nossas ovelhas precisam do delas. Quando o sol ou nossos estômagos avisam que é hora de almoçar, quebramos o silêncio com uma prece abençoando os sanduíches, as frutas, o rio e a floresta. Daí em diante, estamos livres para conversar, compartilhando os pássaros que vimos, pensamentos, observações, idéias, muito ou pouco, de acordo com nosso desejo. Voltamos para casa no meio ou no final da tarde, perdemos tempo com ninharias, realizamos algumas tarefas menores, lemos. Depois do jantar, escrevo, habitualmente, cartas para familiares. É assim. Não há trovões como no Sinai, nem luz brilhante como na Estrada de Damasco. Não acontecem visões como em Patmos. Um dia separado para estar sozinho e em silêncio. Não fazer. Estar. A santificação do tempo.

Não temos regras para a preservação da santidade do dia, apenas o compromisso de que ele foi separado para ser e não para usar. Não é dia para executar qualquer atividade, é para assistir e reagir ao que Deus tem feito.

Temos ajuda, porém, ajuda, porque a guarda do sabá não pode ser um empreendimento privado. Precisamos do apoio de nossa congregação. Ela precisa de nossa ajuda para observar seu sabá, nós precisamos de que nos auxilie com o nosso. De vez em quando digo, mais ou menos estas palavras aos meus presbíteros e diáconos: "A grande realidade com a qual estamos envolvidos, como povo e pastor, é Deus. A maioria das pessoas à nossa volta não sabe disso, e não dá a mínima importância. Uma das maneiras que ele estabeleceu para que nos mantivéssemos conscientes e reagíssemos a ele como a realidade determinante e central de nossa vida, em um mundo que não se preocupa, é o sabá. Precisamos de interromper *nosso* trabalho, a intervalos regulares, para contemplarmos o *dele,* parar de conversar uns com os outros para podermos ouvi-lo. Deus sabe que precisamos disso e nos deu o caminho, o sabá; um dia para oração e diversão, simplesmente desfrutando aquilo que ele é. Uma de minhas obrigações é liderá-los na celebração do sabá, todos os domingos. Mas esse dia não é o sabá para mim. Acordo de manhã com minha adrenalina fluindo, é dia de trabalho para mim. Segunda-feira é o meu sabá, e preciso de sua ajuda para guardá-lo. Necessito de suas orações, de sua cooperação no sentido de não me envolver na administração nem em visitas. Dependo da admoestação de vocês, se me virem, descuidadamente, permitir que outras atividades interfiram com o sabá. Os pastores também precisam de pastores. Uma das maneiras que vocês podem pastorear-me é ajudando-me a guardar o sabá semanal, como Deus ordenou."

E eles ajudam. Acredito que a grande maioria das congregações nos apoiaria se soubesse que estamos comprometidos em obedecer e precisamos de sua ajuda para fazê-lo.

Minha esposa mantém, esporadicamente, um diário do sabá, há quatorze anos, desde que começamos a prática. O título do diário é *Caminhadas de Emaús*. Creio que ninguém ficaria muito impressionado ao ler os registros eventuais. Listas de pássaros, flores campestres que desabrocharam, fragmentos de conversas, notas pequenas sobre o clima. Mas essa frugalidade registra uma plenitude, uma presença, já que

o sabá não é basicamente o que fazemos, mas o que não fazemos.

Escolhemos a expressão "Caminhadas de Emaús" em uma conversa com Douglas V. Steere, que nos contou a história de um idoso mestre de um abrigo luterano que ele conhecera, muito prussiano, cuja fala era marcada pelos sons guturais das línguas germânicas. Ele era especialista em asilos para homens. À medida que os homens chegavam ao abrigo, fazia com que abrissem suas malas, e confiscava todo o uísque. Depois, dividia-os em pares e mandava que saíssem naquilo que chamava de caminhadas de Emaús. Steere nos contou que, durante muito tempo, perguntava-se o que eram aquelas caminhadas, até que *um* dia entendeu; dois discípulos, andando juntos e conversando, e Jesus andando junto, sem que O reconhecessem. Mas, depois, perceberam: "Porventura não nos ardia o coração, quando Ele pelo caminho nos falava, quando nos expunha as Escrituras?" (Lc 24:32). É este tipo de alteração discreta na percepção e na oração que acontece, sem alarde mas cumulativamente, na prática do sabá. Acertamos o ritmo. E, com isso, entendemos que, sem ser nossa primeira intenção, passamos a ter tempo para orar.

Segundo Ângulo
AS ESCRITURAS

IV. Transformando Olhos em Ouvidos

Uma imensa ironia que nosso próprio trabalho resulte no abandono dele. No decorrer de nossas tarefas para executá-lo, acabamos por abandoná-lo. Mas lendo, ensinando e pregando as Escrituras, isto acontece: deixamos de *ouvi-la* e, conseqüentemente, minamos a intenção de colocá-la em primeiro lugar.

Ler a Bíblia não é o mesmo que ouvir Deus. Um não está necessariamente ligado ao outro, mas, muitas vezes, presume-se que sejam a mesma coisa. Os pastores, que passam mais tempo lendo as Escrituras do que a maioria dos cristãos (não em face da devoção, mas do seu trabalho), adotam essa opinião sem justificativa com freqüência alarmante.

Isso acontece tão comumente e de forma tão insidiosa que temos que estar alertas para analisar as maneiras pelas quais o ouvir a palavra de Deus vai-se tornando ler sobre a palavra de Deus e, então, com energia, recuperar nossos ouvidos, para que voltem a se abrir.

O interesse dos cristãos nas Escrituras tem sido sempre o de ouvir Deus falar, e não o de analisar notas morais. A prática comum é desenvolver uma disposição para ouvir - o ouvido absorto em vez do olho distante - ansiando por tornar-se ouvinte apaixonado da palavra em lugar de leitor frio da página. Mas é exatamente esse *ouvir* cheio de alegria e paixão que diminui, chegando, mesmo, a desaparecer, no decorrer do exercício do pastorado. Quando isso acontece, um dos ângulos essenciais que definem e dão precisão ao nosso trabalho se foi. Isso não ocorre porque os pastores repudiaram ou negligenciaram a Bíblia: o fato aparece no próprio ato de *leitura* das

Escrituras. A leitura, por si só, é responsável pelo trabalho fatal.

Ouvir e ler não são a mesma coisa. Envolvem sentidos diferentes. Ao ouvir, usamos nossos ouvidos; na leitura, os olhos. Ouvimos o som de uma voz, lemos marcas *em um* papel. Essas diferenças são significativas e têm conseqüências profundas. Ouvir é um ato interpessoal, que envolve duas ou mais pessoas em razoável proximidade. A leitura envolve uma pessoa com um livro escrito por alguém que pode estar a muitos quilômetros de distância, ou morto há séculos, ou ambas as coisas. O ouvinte precisa de estar atento ao falante, e estar mais ou menos à mercê dele. Com o leitor, a situação é bem diferente, já que é o livro que está à mercê dele e pode ser levado de um lugar para outro, aberto ou fechado, de acordo com sua vontade, lido ou não. No momento em que leio, o livro não sabe se estou prestando atenção ou não. Quando ouço, a outra pessoa sabe muito bem se estou ou não atento a ela. Ao ouvir, outros iniciam o processo; na leitura, eu começo. Ao ler, eu abro o livro e presto atenção às palavras. Posso fazê-lo sozinho, mas não ouvir sozinho. Ouvindo, o falante está no controle; na leitura, quem controla é o leitor.

Muitas pessoas preferem ler a ouvir, porque exige menos, emocionalmente falando, e pode-se adaptar a leitura de forma a atender às conveniências pessoais. O estereótipo é o marido enterrado no jornal, durante o café da manhã. Ele prefere ler as notícias do último escândalo em um governo europeu, os resultados das competições esportivas da véspera e as opiniões de alguns colunistas, que ele nunca vai conhecer, a ouvir a voz da pessoa que acabou de dormir na mesma cama que ele e preparou seu café da manhã, embora ouvir essa voz viva prometa amor, esperança, profundidade emocional e exploração intelectual, muito além do que ele consegue juntar nas informações de todos os jornais que lê juntos. Na voz dessa pessoa viva, ele tem acesso a uma história colorida, um sistema emocional incrivelmente complexo, e combinações de palavras nunca antes escutadas que podem surpreende-lo, comovê-lo, agradá-lo ou irritá-lo: sendo qualquer dessas opções mais atraente para um ser humano vivo do que reunir algumas informações, das quais nenhuma, ou poucas, terão qualquer impacto sobre a vida daquele dia. Dessa forma, a

leitura não aumenta nossa capacidade de ouvir. Em alguns casos, diminui.

A intenção das pessoas de fé ao ler as Escrituras é a de estender o alcance do ato de ouvir ao Deus que se revela em palavra, conhecer as maneiras pelas quais Ele falou em várias épocas e lugares, e também as maneiras pelas quais as pessoas reagem quando Ele fala. É convicção cristã que Deus fala para que a realidade venha à existência: a criação tendo forma, a salvação sendo ação. É, ainda, convicção cristã que *nós* somos *aquilo* que é falado como forma de criação e ato de salvação. Somos o que acontece no momento em que a palavra é falada. Assim, ouvimos para descobrir o que está acontecendo, dentro de *nós.* H. Selwyn Mauberley, personagem de Ezra Pound, expressa desta forma a grande alegria deste tipo de leitor/ouvinte: "Conte para mim tudo, eu bebo com sofreguidão, com meus ouvidos o mais abertos possível!"[45]

Mas, e se a leitura nunca chegar a ser igual a ouvir? E se as pessoas incumbidas pelas comunidades de fé na direção delas para ouvirem a palavra de Deus nas Escrituras, através das leituras públicas, pregando seus textos e ensinando seu significado, não estiverem ouvindo, elas mesmas, mas apenas usando-a como uma ferramenta para seu trabalho: lendo o jornal e ignorando a voz que está do outro lado da mesa? As Escrituras estarão sendo sabotadas.

Três condições contribuem para o afastamento da palavra ouvida pela impressa. A primeira é uma invenção notável, a segunda é um ensino infeliz e a terceira é uma descrição de trabalho imperfeita. Identificar essas condições é o primeiro passo para a recuperação da primazia do ouvido sobre o olho na atenção à palavra de Deus nas Escrituras.

*** * ***

A invenção notável é o tipo móvel. Em 1437, Gutenberg inventou-o e, em pouco tempo, livros passaram a ser impressos e colocados à disposição do povo por toda a Europa. Até essa época, todos os livros eram escritos à mão, laboriosamente. Eram, por isso, caros e escassos. As Escrituras Sagradas, um livro particularmente extenso, custavam muito caro. As cópias eram acorrentadas às mesas

das bibliotecas para não serem roubadas. Já que os livros eram raros, os leitores também o eram, porque não adiantava saber ler, sendo que não existia muito material escrito à disposição. No momento da leitura da Bíblia, habitualmente lia-se em voz alta, de forma que os analfabetos - a esmagadora maioria - tivessem acesso à palavra. A palavra escrita era recolocada como voz viva nessas circunstâncias. A leitura era um ato oral e evento comunitário.

O Rei Assuero, na noite em que não conseguia dormir e queria ser distraído, não pegou uma história de detetive e leu por ele mesmo até dormir; alguém leu para ele, que *ouviu* as palavras. Na ocasião em que os cristãos, nas sete congregações da Ásia de que fala o Apóstolo João, reuniram-se para tomar conhecimento da palavra de Deus, escrita para eles a partir da visão de Patmos, não leram com seus olhos; antes, ouviram com os ouvidos: "Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem..." (Ap 1:3). Antônio, o primeiro monge cristão, ouviu por acaso as palavras de Jesus para o jovem rico lidas em voz alta e acreditou ter ouvido o Senhor falar diretamente com ele.

No mundo pré-Gutenberg, as pessoas não liam, como dizemos, "para elas mesmas". *Ouviam* as palavras do autor ditas novamente, mesmo quando a voz que colocava em movimento as ondas sonoras era a delas mesmas. Uma pessoa lê em voz alta, outras ouvem, em silêncio.

A invenção de Gutenberg, porém, mudou tudo isso. A oralidade completa, na qual a palavra reunia o povo em uma comunidade que escutava, deu lugar a indivíduos separados, sozinhos, lendo silenciosamente. Os livros produzidos em massa e publicados com pouco custo geraram a motivação para a leitura, que levou à alfabetização generalizada, que mudou o ato de ler, de evento comunitário e oral para exercício visual privado e silencioso. Durante os séculos anteriores, quando praticamente todos os atos de leitura davam voz novamente às palavras escritas, a conexão com a voz viva era bem marcada. Hoje, quando quase toda leitura é feita em silêncio, essa ligação é remota.

Milhões de Bíblias impressas e distribuídas é um fato encarado, freqüentemente, como uma enorme bênção. E é,

mas "essa facilidade de acesso, sendo usada de forma errada, torna-se uma maldição. Quando lemos mais livros, olhamos mais figuras ou ouvimos mais músicas do que podemos absorver, o resultado da glutonaria não é uma mente culta, mas consumista; o que lê, olha e ouve é imediatamente esquecido, deixando marcas semelhantes às do jornal de ontem".[46] Não desejo a retirada nem mesmo de um único evangelho de João da distribuição geral. Mesmo assim, o legado de Gutenberg é uma bênção mista, e precisamos de estar preparados para lidar com as conseqüências. Walter Ong fez uma meditação longa e interessante sobre esse fenômeno e está convencido de que, depois de seis séculos de imersão na imprensa, nós somos

> os mais abjetos prisioneiros da cultura alfabetizada na qual amadurecemos. Mesmo com o maior esforço, o homem contemporâneo considera extremamente difícil, e em muitos casos quase impossível, perceber o que a palavra é, realmente. Ele a sente como a modificação de algo que comumente é, ou deveria ser, escrito.[47]

E a palavra escrita e impressa das Escrituras se tornou sinônimo de palavra de Deus. Presumimos que, se a temos impressa, nós a temos e pronto. Bíblia igual à palavra de Deus, sem discussão e sem a menor percepção de que igualar o livro encadernado "Bíblia" à "palavra de Deus" não seria compreendido pela maioria de nossos ancestrais cristãos. Não existia "eu" ou "mim" individuais quanto às Escrituras: era sempre "nós". Não se tomava uma "posição" quanto à Bíblia, como se ela fosse um objeto, porque sempre a leitura era a ocasião em que o som estava na frente, falava-se para a comunidade sentada *embaixo* (o leitor e o púlpito ficam acima da nave, não apenas para facilitar a audição, mas também para mostrar a natureza da ação: a congregação não olha *para baixo* no livro, curiosamente, mas senta-se *embaixo* da sua palavra, obedientemente).

Ainda assim, nem tudo está perdido. Existem enclaves, por todo o mundo, onde a Bíblia continua sendo lida em voz alta e ouvida por pessoas que, por inclinação e por hábito,

preferem lê-la na conveniência e conforto de seus lares, já que, entre os crentes, pensa-se em Deus como sempre "falando" aos seres humanos, e não escrevendo-lhes. "A inclinação para a oralidade do texto bíblico é espantosa"[48] e poderosa o suficiente para, séculos depois de Gutenberg, manter-se pela voz, ao menos nos serviços litúrgicos, onde o povo se apresenta perante Deus.

*** * ***

O ensino infeliz apareceu através da troca do aprendizado pela escolaridade. Aprender é uma atividade altamente pessoal, levada a efeito através de intercâmbio: mestre e aprendiz, professor e aluno, pai e filho. Nesses relacionamentos, a mente é treinada, a imaginação disciplinada, as idéias exploradas, os conceitos testados, as habilidades comportamentais amadurecidas, em um contexto no qual tudo importa, em uma hierarquia na qual as pessoas são o molde. O aprendizado facilita a integração do interno com o externo: o mundo externo e o espírito interno. Os métodos clássicos de aprendizagem são todos pessoais: diálogo, imitação e debate. O aprendiz observa o mestre enquanto este aprende, e vice-versa. O aprendizado se desenvolve e se transforma em relacionamentos expressos em gestos, entonação, postura, ritmo, emoções, afeição, admiração. E tudo isso faz parte de um mar de oralidade: vozes e silêncios.

O arquétipo do aprendizado é o relacionamento entre a criança pequena e o pai ou mãe, no qual ambos, de igual forma, amadurecem e desenvolvem, a competência para. viver como pessoas. completas num mundo mais amplo. Esse modelo de aprendizagem é tão profundamente arraigado na condição humana e tem funcionado tão bem através dos séculos que parece impensável abandoná-lo, preferindo um pequeno segmento, reproduzido em laboratório, do processo complexo. Mas isso aconteceu, e o laboratório é chamado de escola, sendo esse termo um engano gritante: a palavra grega *schole* significa lazer. Para os gregos, *schole* era o espaço e tempo reservados para o cultivo de relacionamentos pessoais sem pressa, em conversas ou jogos, com orientação, mas sem

interferência. A escola contemporânea, com suas notas, séries e matérias, está a anos-luz dessa idéia.

Escolaridade é muito diferente de aprendizado, porque nela as pessoas contam muito pouco. Decoram-se fatos, assimilam-se informações e aplicam-se provas. Os professores estão sujeitos a supervisão, que visa a assegurar desempenho uniforme, o que significa que todos agem de forma tão semelhante quanto possível, e são recompensados com base na transferência de dados dos livros para os cérebros, com a menor interferência pessoal possível. Na escola, o que é pessoal é reduzido ao mínimo: provas padronizadas, professores regulados, alunos voltados para a informação.

Sendo difícil levar todas as crianças a abstrações de uma vez, o aprendizado manteve ascendência precária sobre a escolaridade, por alguns anos. Mas, inexoravelmente, as proporções foram sendo trocadas, até ser possível que um aluno se forme no segundo grau e nem um professor saiba seu nome, sendo o registro escolar resumido em relatórios numéricos, a mais abstrata das linguagens. O aprendizado, um processo muito mais intrincadamente pessoal, não se submeterá a essa simplificação.

Não há como escapar dessa escola em nossa sociedade. Somos todos produtos dela. A capacidade de ler, que adquirimos nessas condições, é inevitável e primeiramente voltada para as informações: nos ensinam a ler para encontrar o que é concreto, útil e relevante. A maioria dos pastores tem mais ou menos vinte anos de treinamento nessa atitude. Lemos para tirar boas notas nas provas, descobrir como analisar um verbo grego ou dirigir o escritório da Igreja. Não consideramos séria a leitura ocasional que fazemos para nos distrair, em uma noite fria de inverno. Durante esses vinte anos (não computo cursos eventuais como "treinamento"), não nos ensinam a descobrir as *nuances* e alusões, a apreender o significado e a intenção da voz viva que está por trás das palavra da página. O resultado é que ficamos impacientes com a metáfora e irritados com a ambigüidade, que são necessárias às pessoas, às criaturas mais imprevisíveis, quando usam a linguagem da forma melhor e mais pessoal. Nossa escolaridade estreitou nossa atitude com relação à leitura: queremos saber o que está acontecendo, para que possamos continuar em

nosso caminho. Se algo não é útil para a realização de nosso trabalho ou para que consigamos outro melhor, não vemos sua vantagem.

Associando a leitura tão intimamente com a escola, habituamo-nos a procurar informações quando lemos em vez de nos relacionarmos com a pessoa que, um dia, falou e depois escreveu para que pudéssemos ouvir o que disse. É claro que a linguagem fornece informação, e os livros são depósitos convenientes e acessíveis para ela. Mas a utilidade básica da linguagem não é transmitir informações, mas, sim, estabelecer relacionamentos, fato que não se altera no momento em que ela é escrita. A razão principal para a existência de um livro é colocar um escritor em relação com leitores, de forma que possamos ouvir suas histórias, identificando-nos com elas; suas perguntas, respondendo-as; suas canções, cantando junto; seus argumentos, discutindo-os; suas respostas, questionando-as. As Escrituras são, quase totalmente, esse tipo de livro. Se as lermos impessoalmente, querendo recolher informações, estamos lendo de forma errada.

A própria proliferação de palavras impressas desvaloriza-as, e torna nossa tarefa ainda mais difícil. A escola contribui, tratando os livros como depósitos de informações. Uma vez esvaziados de seu conteúdo (quando retiramos as informações que estão neles), são descartados (talvez por *esse* motivo tantas Bíblias sejam compradas, todos os anos, nos Estados Unidos, com base no princípio da sacola de compras, que traz informações úteis e santas para batismo, confirmação, casamento, conversão, conforto, aniversários, solidão, aflição, ansiedade, ou qualquer outra situação. Depois que as compras estão guardadas, joga-se a sacola fora. Havendo necessidade de mais mercadorias, pega-se outra sacola. Um mercado para Bíblias-sacola seria interminável, como, de fato, parece ser.) A forma mais comum de leitura atualmente é o jornal, que é jogado fora depois de ser lido. Ninguém, na era pré-Gutenberg, teria feito isso. Tudo que era escrito era o registro de uma voz viva e o meio de trazer aquela voz à vida de novo, para o ouvido do leitor. As palavras escritas eram *símbolos.* Um símbolo não é o mesmo que a palavra falada, mas, sim, o meio para se ter acesso a ela. Na Grécia antiga, um *symbolon* era um sinal visível, um rótulo, às vezes uma moeda ou outro

objeto quebrado, cujas partes cada uma das pessoas que estavam firmando um acordo[49] guardava separadamente. Todo bom livro é um símbolo desse tipo: escritor e leitor se unindo e juntando as partes separadas que combinam - boca e ouvido - e depois, incrivelmente, a boca falando, o ouvido escutando. As Escrituras Sagradas são um *symbolon,* um bom livro, exatamente dessa maneira.

*** * ***

A descrição de trabalho imperfeita foi feita por clientes, em uma sociedade de consumo. Historicamente, algo singular aconteceu em nossa sociedade. As causas são múltiplas, mas o efeito é simples: todos são clientes. Fomos treinados a pensar em nós como clientes e a nos portarmos de acordo com a idéia. Somos reconhecidos pelo que compramos. Medimos a saúde de nossa nação e o sucesso de nossa vida nos termos de renda *per capita* e produto interno bruto. Se as pessoas poupam aquilo que ganham em vez de gastar, a nação adoece. Se devotarmos tempo demais a criar algo duradouro e bonito, sem calcular sua relação custo/benefício, estaremos prejudicando a economia. Se olharmos por muito tempo sem comprar, retardaremos o progresso. Se fizermos muitas doações, sem calcular o custo, interferimos no mercado. Se um político em campanha pergunta se estamos melhores hoje do que há quatro anos, todos interpretam o "melhores" em termos de quanto dinheiro disponível têm para gastar. Meu valor é igual ao meu gasto.

Nenhum pastor está isento desse condicionamento. Nossos educadores nos treinam, com muita eficiência, na aquisição de produtos. Marshall McLuhan sempre notava, desanimado, que o orçamento de propaganda em nosso país era muitas vezes maior do que a verba para as escolas, e que os dirigentes das agências de publicidade eram, com poucas exceções, muito mais capazes do que os que dirigiam as escolas: "A sala de aula não pode competir *com o* brilho e o sucesso e prestígio bilionários desta educação comercial... disfarçada de entretenimento, que faz pouco caso da inteligência, enquanto opera na vontade e nos desejos."[50]

Sendo minha primeira identidade social a de consumidor, minha primeira expectativa sobre as pessoas que encontro é que posso conseguir algo delas, se estiver preparado para pagar um preço. Compro mercadorias na loja de departamentos, saúde no médico, assistência jurídica no advogado. A conseqüência é que, nesse tipo de sociedade, minha "ovelha" vai ter expectativas comerciais em relação a mim. Se nenhuma das profissões respeitadas escapou da comercialização, então por que o pastorado escaparia? Isso produziu, em nossa era, a manipulação, pelos pastores, daquilo que chamam de rebanho, com base nos mesmos princípios que os administradores utilizam para gerenciar supermercados.

A pergunta opera subliminarmente, moldando meu comportamento: que as pessoas querem de mim, seu pastor? Certamente, algo que seja acompanhado de uma vida melhor: encorajamento, percepção, consolo, fórmulas que as capacitem a viver melhor em um mundo difícil, que as leve a um nível mais alto (um amigo meu chama isso de "teologia do sutiã"). É claro que estamos condicionados a ceder. Por que não agradaríamos àqueles que pagam nossos salários, se podemos fazê-lo e manter nossa consciência tranqüila? E por que nossa consciência não estaria tranqüila, se nossas ações são ratificadas pelo voto, em todas as congregações por onde passamos? Esse consumismo nos molda sem que nos demos conta. Não há área em nossa vida que não seja afetada, de uma forma ou outra, pelo consumismo.

O modo de vida que enfatiza a aquisição de bens é tão esperado culturalmente e tão recompensador quando se relaciona com a congregação que não pode deixar de afetar o tratamento que damos às Escrituras. Ao nos sentarmos para ler a Bíblia, já temos um produto final em vista: queremos encontrar algo que seja útil para as pessoas, que atenda àquilo que esperam de nós como pastores que entregam os produtos. Quando alguém me diz que lê a Bíblia mas não tem proveito, meu primeiro reflexo é mostrar o modo como a pessoa deve lê-la para conseguir o que procura. A palavra que move tudo aqui é "conseguir". Vou ajudá-lo a ser um consumidor melhor. Chegando a esse ponto, o processo está tão avançado que é quase irreversível. Eu e minhas "ovelhas" concordamos em que

a Bíblia é útil, em face do que podemos aproveitar dela. Eu, pastor moldado pelas expectativas deles, ajudo-os a fazer isso. Em algum momento, passo a agir dessa forma por mim mesmo: procurando um texto atraente para um sermão, uma leitura psicologicamente adequada para um quarto de hospital, evidência da verdade sobre a Trindade. O verbo "procurando" assumiu a ação. Não estou mais ouvindo uma voz, ouvindo o Deus a quem responderei com obediência e fé, tornando-me a pessoa que Ele está chamando à existência. Procuro ferramentas para trabalhar melhor, esperando receber aumento de salário, se o desempenho for visivelmente melhor.

* * *

Essas três influências poderosas e sutis operam silenciosamente, às nossas costas, e subvertem a verdadeira natureza das Escrituras, que é fornecer o meio para que *ouçamos* a palavra de Deus. Nossa imersão nessas condições é quase total. Será possível escapar?

Sim, mas não é fácil. A análise é uma alavanca para nos arrancar, penosamente, de nossa prisão cultural surda-muda. É possível enxergar que a mera *leitura* das Escrituras não tem, por si só, integridade, é apenas um elemento de uma seqüência de quatro: fala, escrita, leitura, audição. O livro é essencial porque fornece o canal de ligação entre o falante e o ouvinte, sem que ambos estejam juntos no espaço ou no tempo. Os dois termos intermediários da seqüência estão subordinados ao primeiro (fala) e ao último (audição). O livro (combinando escritor e leitor) fica no meio, tecido que liga a boca do falante ao ouvido do ouvinte, ambos órgãos vivos. Escrita e leitura, ou seja, os livros, são atividades a serviço da voz que fala e do ouvido que escuta. Se não forem mantidos nessa função, e tornarem-se objetos por si mesmos, tomarão o lugar da realidade básica, trocando-a por algo diferente e menor: objetos mortos em vez de órgãos vivos.

A leitura, do modo como habitualmente a praticamos, separa os termos da seqüência, extraindo os dois intermediários e atribuindo-lhes valor próprio. Mal notamos que houve uma violência bem diante de nós, com a eliminação da voz viva em uma ponta e do ouvido pronto a escutar em

outra, em favor do livro escrito e lido. Essa violência serve admiravelmente bem aos propósitos da sociedade impessoal e tecnológica. Algumas pessoas, porém, percebem o que está acontecendo. Poetas, pais e cônjuges o fazem, já que aspectos essenciais de sua identidade são questionados no momento em que as palavras deixam de ser vivas: faladas e ouvidas. E os pastores precisam de perceber, já que estão envolvidos em um modo de vida e compromisso com a realidade, que são basicamente pessoais e insistem em envolver relacionamentos. Nossa tarefa é nos distanciarmos de nossa cultura o suficiente para termos convicção teológica de que Deus fala e esta convicção nos leve a ter tempo e espaço para ouvir a palavra dita por Ele e não apenas ler sobre ela.

Os pastores devem ir além de perceber: precisam contra-atacar. Dadas as circunstâncias, não é fácil. Gutenberg deu-me um livro barato, que posso ter em casa e carregar para onde for, estimulando a ilusão de ter o conteúdo dele em meu bolso ou bolsa, possessão que controlo. Minha escola deu-me um texto autorizado, no qual posso encontrar informação confiável sobre a mobília celeste e da temperatura do inferno. Meu consumismo me deu um manual muito vendido, que posso utilizar para melhorar a vida em noites tenebrosas e chicotear minha congregação, até que esteja em forma para a eternidade. Vivo, estudo e ganho minha vida em um mundo que trata todos os livros dessa forma e não faz exceção para um deles, apenas porque é abençoado com o adjetivo "Sagrado". E assim a voz falante de Deus e o ouvido ouvinte do ser humano – os elementos básicos que levaram à escrita, leitura, cópia e tradução das Escrituras - têm um sepultamento silencioso e decente. Paulo estava certo: "a letra mata" (II Co 3:6).

*** * ***

Paulo tinha, também, esperança, acreditando que "o espírito vivi-fica". Ele traz de volta à vida não apenas corpos e almas, mas também letras mortas. Assim, além de avaliar criticamente a invenção de Gutenberg, reclamar de nosso sistema escolar e condenar Adam Smith por nos tornar consumistas tão diligentes, precisamos de fazer algo. Acontece

que algo *já* foi feito. Localizando exatamente onde aconteceu e como funciona, poderemos prosseguir com essa reação.

Uma metáfora do Salmo 40, versículo 6, brilhantemente concebida, fornece uma posição central» em torno da qual podemos agir. Literalmente, está escrito: "o Senhor cavou ouvidos em mim". É estranho que nenhum tradutor haja produzido a sentença exatamente assim. Eles preferem usar a paráfrase nesse ponto, apresentando o sentido de forma adequada, mas perdendo a metáfora: "abris-te os meus ouvidos". Mas, neste caso, perder a metáfora é inaceitável, porque o verbo hebraico é "cavar".

Imagine uma cabeça humana sem ouvidos. Um bloco compacto. Olhos, nariz, boca, mas sem orelhas. No lugar em que, comumente, elas estão, apenas uma superfície lisa, impenetrável, osso duro. Deus fala, não há reação. A metáfora ocorre no contexto de uma atividade religiosa apressada, surda à voz de Deus: "Sacrifícios e ofertas não quiseste ... holocaustos e ofertas pelo pecado" (40:6). Como essas pessoas sabiam sobre as ofertas, e de como fazê-las? Tinham *(ido* e seguido as instruções de Êxodo e Levítico, tornando-se religiosos. Seus olhos leram as palavras na página da Torá e os rituais tomaram forma. Leram cuidadosamente as palavras das Escrituras e adotaram o ritual adequado. Que aconteceu para que não atentassem para a mensagem "não os requeres"? Deve haver mais envolvido do que seguir instruções sobre animais sem defeito, altar de pedra e fogo sacrificial. E há: Deus está falando e tem que ser ouvido. Mas o que adianta Ele falar, sem que existam ouvidos humanos para escutar? Por isso, Deus toma uma picareta e uma pá e cava o granito craniano, abrindo a passagem que dará acesso às profundidades interiores, à mente e ao coração. Ou, talvez, não imaginemos uma superfície lisa de crânio, mas algo como poços entupidos de lixo: barulho cultural, fofoca descartável, conversa suja. Os ouvidos estão cheios de tal forma que não ouvimos Deus falar. Ele os cava de novo, retirando o lixo sonoro, assim como Isaque abriu de novo os poços que os filisteus haviam entupido.

O resultado é a restauração das Escrituras: olhos transformados em ouvidos. O ritual hebraico do sacrifício incluía leitura de um livro, mas ela se degenerou,

transformando-se em ação e assistência. O que se fazia com o rolo era apenas uma parte do *show,* ingrediente verbal jogado no ritual, porque a receita mandava. Agora, com *ouvidos* recém-cavados, a pessoa ouve uma voz chamando, convidando. E responde: "Então, eu disse: Eis aqui estou, no rolo do livro está escrito a meu respeito; agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro em meu coração está a tua lei." (40:7,8). O ato de ler transformou-se no de ouvir. Descobriu-se que há no livro uma voz, dirigida ao leitor transformado em ouvinte: "escrito a *meu respeito".* As palavras no papel, que foram lidas com o olho, agora são escutadas com o ouvido e invadem o coração: "agrada-me fazer a tua vontade... dentro em meu coração está a tua lei". A palavra de Deus ("tua vontade"), que havia sido materializada em palavra escrita ("tua lei"), agora é pessoal, em uma palavra de resposta e adoração ("meu coração"). O ato de ler transforma-se em ato de ouvir. O que foi escrito é dito de novo: "Proclamei as boas-novas... jamais cerrei os lábios" (40:9). A palavra de Deus não é mais apenas escrita: é falada. O *ouvido* vence o *olho* e envolve o *coração.*

O ouvido está de volta. A seqüência dinâmica foi restaurada. O salmo começou com Deus ouvindo: "Esperei confiantemente pelo SENHOR; Ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro." (40:1). Agora, o salmista ouve. Deus cavou através de seu crânio espesso e abriu passagem para que ele escutasse. A voz viva de Deus é percebida pelo ouvido humano. A conseqüência, como sempre quando a palavra de Deus trabalha, é o evangelho ("boas-novas de justiça", "tua salvação", 40:9,10). Durante a Idade Média, era dito que o órgão usado para a concepção em Maria havia sido o ouvido.

É claro que para ouvir as Escrituras é necessário lê-las. Temos que ler, antes de que possamos ouvir, mas é possível ler sem ouvir. A leitura acurada, que leva à compreensão da Bíblia, é uma das tarefas mais difíceis que existem. Gilbert Highet, um classicista, dizia que qualquer pessoa que leia a Bíblia sem ficar confusa, pelo menos durante a metade do tempo, não está com sua mente ligada ao que está fazendo. Ao passarmos do ler para o escutar, as dificuldades, que já eram enormes, são acrescidas com os enganos traiçoeiros do ego.

Não é de admirar que tantas tentativas de ouvir acabem-se tornando a rotina da leitura.

Felizmente, não somos abandonados à nossa sorte no meio dessas dificuldades. O Deus que deseja revelar-se a nós na palavra anseia, ainda, que ouçamos - e fornece o caminho para que isso aconteça. João nos conta que a palavra de Deus que traz a criação à existência e a salvação à realidade se tornou carne em Jesus, o Cristo. Ele é a palavra de Deus. Uma dimensão ampla do Evangelho de João mostra Jesus levando homens e mulheres a conversarem com Deus: não mais simples leitores das Escrituras, o que muitos deles eram, mas ouvintes de *Deus,* algo que dificilmente acreditavam ser possível. Essa sucessão de conversação foi seguida de perto e, cheios de fé, muitos a praticaram: Maria em Caná, Nicodemos à noite, a samaritana, o paralítico de Betesda, os beligerantes fariseus, o cego de Jerusalém, as irmãs de Betânia, os viajantes gregos. Todas essas conversações, reunidas, levaram à profunda conversa da véspera da crucificação, que sofre uma maravilhosa reviravolta no final, o Filho trocando de interlocutor: dos discípulos para seu Pai. Em nenhum lugar no Evangelho de João a palavra de Deus está simplesmente ali: gravada em pedra, pintada em placa, impressa em um livro. A palavra é sempre *som:* falada e ouvida, perguntada e respondida, rejeitada e obedecida, e, finalmente, orada. Os cristãos na Igreja primitiva estavam imersos nessas conversações e elas mudaram o modo como liam as Escrituras: para eles, tudo era voz. Ouviram Jesus falando sobre cada página. Pregando ou ensinando, não expunham textos. Pregavam "Jesus": pessoa viva, com voz viva. Não estavam "lendo sobre" Jesus nas Escrituras; estavam *ouvindo,* como se fosse a primeira vez, e escutando aquela palavra que estava no princípio com Deus e através da qual todas as coisas foram feitas, a quem haviam visto e tocado. Agora, escutavam a palavra de Deus transformada em vida para eles na ressurreição. Tanto o corpo morto de Jesus quanto a letra morta de Moisés estavam vivos.

Mateus, Marcos e Lucas empregam métodos diversos do de João, mas continuam com a mesma ênfase ao trocarem nosso apoio sensorial dos olhos para os ouvidos. Os três apresentam Jesus como um mestre, cujo método de ensino é a

parábola, que é um modo oblíquo de se chegar à verdade, especialmente útil para se quebrarem as defesas dos que são tão familiarizados com ela que se sentem superiores. Cada um dos escritores sinóticos faz sua própria seleção de parábolas, da forma apropriada à ênfase que adota. Todos, porém, concordam com que a primeira é a do semeador e dos quatro solos, que aborda o escutar. Esta é a parábola que dá início, mantendo a guarda sobre tudo o mais que Jesus dirá. Ela nos nega a opção de reduzir a palavra de Deus a um livro; o alvo principal da palavra é o ouvido. Jesus fala as palavras-semente de Deus em nossos ouvidos: alguns são como a beira do caminho, onde ela não germina; outros, cheios de pedras, onde não pode lançar raízes, outros, ainda, cobertos de ervas daninhas onde não consegue amadurecer e ouvidos que são como o solo bom, no qual todas as sementes frutificam. O mais importante nessa história, e neste mundo, é que Deus está falando. O mandamento que se refere ao Senhor é *ouça:* "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça" (Mc 4:9 e paralelos). A ordem reverberou por décadas através das comunidades da Igreja primitiva, e reapareceu no cenário do *Apocalipse:* "Bem-aventurados aqueles que lêem e *aqueles que ouvem",* e depois é modulada nas sete famosas repetições da ordem de Jesus, que impulsiona todo leitor cansado de palavras e que, alguma vez, já esteve em um púlpito ou assentou-se no banco de uma Igreja e participou de uma viva audição da palavra que conhece, repreende, ordena, encoraja, promete, convida e termina, assim como começou, fazendo tudo novo (Ap 2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13, 22 e, ainda, 13:9).

Poderá qualquer pastor, em sã consciência, contentar-se em deixar as palavras escritas das Escrituras na página para que o olho as leia? Temos que nos ocupar é dos ouvidos.

Oh, aprenda a ler o que o amor silencioso escreveu! Ouvir com os olhos é a maior sabedoria do amor.[51]

V. Exegese Contemplativa

Na novela de Herman Melville, *White Jacket (Paletó Branco),* um dos marinheiros fica doente, com dores agudas no estômago. O cirurgião de bordo, Dr. Cuticle, maravilha-se por

ter um paciente com doença mais difícil de tratar do que bolhas na pele. Diagnosticou apendicite. Vários outros tripulantes são chamados para ajudar, como enfermeiros. O marujo é deitado na mesa de operação e preparado para a cirurgia. O Dr. Cuticle começa a trabalhar, com vigor e habilidade. Corta com precisão, e, enquanto se prepara para extirpar o órgão enfermo, aponta detalhes anatômicos interessantes para os ajudantes à volta da mesa, que nunca haviam visto o interior de um abdômen. Está absorto em seu trabalho e, obviamente, executa-o bem. No conjunto, seu desempenho é impressionante, mas os marinheiros não estão impressionados, mas consternados. O pobre paciente, no momento em que teve seu abdômen suturado, já estava morto na mesa há muito tempo. O Dr. Cuticle, cheio de entusiasmo sobre a cirurgia, não havia percebido. Os marinheiros, subservientes e tímidos, não contaram.[52] A exegese das Escrituras é trabalho cirúrgico: cortar camadas de história, cultura e gramática; deixar à vista o esqueleto da sintaxe e o músculo da gramática; amputar enganos que foram introduzidos inadvertidamente no texto durante a transmissão; remediar incompreensões que se insinuaram nas interpretações com o passar dos séculos; observar a complexidade incrível e fascinante do organismo, à medida que as partes escondidas são colocadas à vista.

Esse trabalho é essencial para que a Igreja compreenda as Escrituras. Os pastores são treinados para isso. Quanto à tecnologia exegética, estamos muito mais bem servidos do que as gerações anteriores. O cirurgião moderno, com seu equipamento magnífico, tecnologia eletrônica, nuclear e química, não está mais avançado, em relação aos que o precederam do que estamos em relação aos pastores que viveram antes de nós. Sabemos mais sobre de Hebreus do que Jerônimo sabia, usamos um método histórico melhor do que o de Agostinho, e entendemos gramática comparativa melhor do que Calvino. No nosso século, o pastor em uma comunidade rural tem mais e melhores ferramentas exegéticas à mão do que faculdades inteiras conseguiam reunir há apenas cem anos. As descobertas de manuscritos, escavações arqueológicas e estudos filológicos forneceram pilhas de material novo para as mesas e bibliotecas dos eruditos da Igreja. As melhores mentes do mundo estão entre as que exa-

minam e avaliam essas descobertas e depois produzem interpretações históricas, teológicas e textuais das Escrituras, que são, simplesmente, além de qualquer elogio. É difícil acreditar, mas na maioria das páginas da Bíblia podemos chegar a uma leitura mais acurada do texto do que qualquer pessoa o fez, desde que há leitores. Há muito que ainda não sabemos, um tanto que nunca iremos saber, mas o que nossos eruditos das Escrituras e bibliotecas teológicas fornecem é tremendamente magnífico. E não há pastor na face da Terra a quem se negue a riqueza exegética: pelo contrário, ele ou ela é convidado, algumas vezes ordenado, a se tomar competente nela. O acesso ao ensino teológico é irrestrito, os professores instruídos, as bibliotecas bem supridas, e o tempo reservado para o estudo é adequado.

Apesar de tudo, a situação não é boa. Passando de uma congregação a outra, os pastores trabalham sobre as Escrituras, com diligência e habilidade. Os paroquianos ficam à volta dele, criando coragem para dizer algo. Parece ser uma vergonha interromper: o pastor é tão bom no que faz, sabe tanto, gosta tanto de explanar a origem de uma história, o significado de um costume, o sentido da raiz de um verbo. Mas o fato é que o paciente está morto. Não importa que o pastor apresente uma técnica de exegese excelente, porque não existe a compreensão correspondente de que a preocupação da Igreja com as Escrituras tem a ver com *Deus:* um ser vivo, que fala. Um pastor após o outro trabalha com a habilidade técnica do Dr. Cuticle, e também com sua insensibilidade. Em relação ao treinamento acadêmico incomparável que recebem, parece que ainda não houve geração de pastores, da qual tenhamos notícia, que seja tão sem preparo para a contemplação das Escrituras. Isso nos embaraça.

Não há acúmulo de habilidade exegética que compense a falta de atendimento ao "paciente": as Escrituras como a palavra viva de Deus. A tarefa exegética dos pastores está a serviço da vida dessa palavra. Para servir à vida da Igreja e ser de acordo com o chamado dos pastores, a exegese tem que ser *contemplativa.*

A exegese contemplativa não é nova, foi praticada durante a maior parte da vida da Igreja, o que significa que a solução para a nossa dificuldade com ela não envolve

inovação, mas recuperação. Isso não significa abandonar nenhum item dos fatos exegéticos atuais ou de suas percepções. Estamos incumbidos de proclamar e ensinar os textos das Escrituras, de forma que se requer de nós que saibamos o máximo que for possível, em cada esfera de conhecimento: gramática, teologia e história. Se houvesse como, os pastores que se descuidam da exegese deveriam ser processados, com a mesma diligência e nos mesmos termos que acontecem com os cirurgiões que usam bisturis contaminados. A exegese contemplativa não evita nem denigre a técnica; pelo contrário, é diligente a seu respeito. Ainda assim, como Melville nos contava há mais de cem anos, *técnica* não é cura e *informação* não é conhecimento. Existe algo *vivo* em um corpo, em um livro. Qualquer pastor que esqueça ou ignore isso e suba ao púlpito e ensine por toda parte é um arremedo do Dr. Cuticle.

*** * ***

A recuperação da exegese contemplativa começa com a compreensão de que uma palavra, qualquer que seja, é, original e basicamente, um fenômeno sonoro e não impresso. As palavras são ditas antes de serem escritas, ouvidas antes de serem lidas. A maior parte das que estão nas Escrituras tiveram existência oral bem longa antes de serem escritas. Foram pregadas e ensinadas, cantadas e oradas nas comunidades de adoração durante anos, décadas, às vezes séculos, antes de serem escritas. Foram passadas de boca a ouvido. Não estavam em prateleiras de bibliotecas, mas ressoaram de ouvido a ouvido através de gerações. As únicas palavras que Jesus, a palavra feita carne, escreveu foram na areia e se dissolveram na chuva seguinte. Mas essas foram as únicas, dentre suas palavras, que foram perdidas para nós, pelo menos as únicas que tinham muito significado. Tudo que ele falou e que é necessário para nossa salvação foi ouvido e saboreado, meditado e pregado, ruminado e ensinado, relembrado e repetido na interação dinâmica entre lábios audaciosos e ouvidos ansiosos, nas comunidades de fé.

Essa *oralidade* presente em todas as comunidades bíblicas é a realidade imensa, subterrânea, que aflora nos escritos bíblicos e leva à reflexão sobre o que a palavra, por si

só, é. O fato de Deus revelar-se através da palavra tem importância enorme para o pastor que trabalha em exegese.

Uma voz, ao falar, tem origem no interior de alguém e é dirigida ao interior de outra pessoa. A visão lida com superfícies, o som com interiores - é algo interno que torna-se uma expressão, uma exteriorização que, quando escutada, toma-se interna na outra pessoa Minha voz realmente sai de mim, mas não chama algo exterior, mas o interior do outro. Walter Ong, que refletiu sobre a forma mais completa entre as pessoas que conheço, disse que uma palavra "é a chamada de um interior, através de um exterior, para outro interior".[53]

O som, muito mais do que a visão, envolve-nos no que é pessoalmente vivo. *Contamos* nossos pensamentos interiores e sentimentos, não os *mostramos.* Não cortamos alguém para descobrir o que há dentro dele, mas ouvimos suas declarações, que penetram em nós. É através do intercâmbio de sons, e não de fotografias, que a revelação acontece e o relacionamento entre as pessoas se torna íntimo.

Ong, que defende que a palavra, e não a imagem, é o meio exclusivo e apropriado pelo qual Deus revela seu interior para o nosso, desenvolve uma perspectiva sobre a prática da exegese que os pastores precisam de dominar:

> A palavra, como som, indica interioridade e mistério (uma certa intangibilidade, mesmo na intimidade)..., dois aspectos da existência que precisamos manter vivos hoje. Indica, ainda, santidade: a santidade individual, no ensino hebraico e cristão, a santidade de Deus. Sendo a santidade intangível, um senso da distância a ser mantida, do que é tabu: o termo hebraico *kadosh,* geralmente traduzido como santo, em sua raiz significa separado. A palavra falada é, de alguma forma, sempre radicalmente intangível; ela nos foge, escapa de ser agarrada, quando tentamos imobilizá-la. Vem do profundo interior, de uma região para a qual não temos entrada direta: a consciência

> pessoal do outro, consciência do que ela significa na boca de outra pessoa.[54]

Esse fato fenomenológico - todas as palavras têm origem sonora - significa que todas elas são eventos. E não eventos jornalísticos que podem ser relatados, mas revelatórios, que entram em nós e nos envolvem. Nenhuma palavra é inerte, mesmo depois de escrita. Esse é um fato teológico no que se relaciona às Escrituras, mas é também biológico/físico quanto a todas as palavras, dentro e fora da Bíblia: algo *visto* pode ser inerte; *ouvido,* nunca. Ao ouvir um som - voz sussurrando, trovão ecoando, árvore caindo, cachorro rosnando, bebê chorando -, sabemos que algo está ocorrendo e que é melhor ficar alerta.

Segue-se disso ser um erro fatal a prática acadêmica amplamente disseminada de tratar as Escrituras basicamente, se não exclusivamente, como fenômeno impresso, livro didático escrito para nos fornecer informações sobre Deus, doutrina, moral ou história religiosa. Lamentavelmente, os pastores adotaram essa prática. A Bíblia, definitivamente, não é um livro didático. E a Igreja em adoração nunca levou muito a sério essa noção. Percebe-se na Bíblia algo muito maior e mais ativo: uma *matriz* verbal, na qual o comportamento de fé de uma comunidade de adoração é moldado e renovado. Deus tanto esteve quanto está ativo nas Escrituras. Nem todos, é claro, acreditam nisso, mas os eruditos da *igreja* e os teólogos (tenho pouca consideração pela opinião universitária nesses assuntos) acreditam. As Escrituras são revelação. Quando um Deus vivo se revela, o resultado é uma verdade viva.

No momento, porém, em que a verdade é escrita, deixamos de estar de joelhos e enfrentamos um paradoxo: tinta e papel não são vivos. Como pode a palavra morta transmitir a viva? Os pastores trabalham em meio a esse paradoxo: letras mortas, escritas por mãos humanas são palavras vivas, ditas por Deus. Mas não é dessa forma que, comumente, tratamos as palavras nos livros, que são *objetos* que *vemos* e não ouvimos. Nós os compramos e os vendemos, abrimos e fechamos, emprestamos e pedimos emprestados. E porque a Bíblia, não obstante tudo o mais que é, entram em nossa experiência sensorial como um livro, é possível (de fato,

provável, em face grande número de livros que observamos e com os quais lidamos) que a interpretemos erradamente como informação inanimada e não como revelação viva. A tarefa da Igreja (por cuja execução os pastores têm grande responsabilidade) é evitar esse mal-entendido: evitar que a *revelação,* que sempre envolve histórias e reações pessoais, seja tratada como *informação,* que comumente envolve fatos impessoais e idéias abstratas.

Deveria ser claro que minha preocupação pastoral não é defender uma posição teológica particular sobre a inspiração das Escrituras, mas, simplesmente, representar o consenso irrefutado de Israel e da Igreja com relação a elas: um Deus vivo fala uma palavra viva e a Bíblia Sagrada é a representação escrita dessa palavra. Lemos as Escrituras para ouvir de novo a palavra *falada* de Deus e, ao fazer isso, ouvimo-lo *falar.* De um modo ou de outro, essas palavras *vivem.*[55]

Não há como exagerar a apreciação pelo fato de essas palavras haverem sido *escritas,* formando esse livro maravilhoso, essas sentenças incríveis. Isso é um presente bem além de qualquer comparação. Mas se a apreciação não for acompanhada de discernimento pode-se tornar superstição (tratar a Bíblia como um totem) ou se endurecer como arrogância (usá-la como ferramenta para "bater nos outros" com a verdade). As palavras atuam de modo diferente ao serem lidas ou ouvidas: a apreciação com discernimento mantém a pressão em todos os que lêem as Escrituras, no sentido de continuamente retornarem ao contexto que lhes deu origem na adoração e *ouvir a* palavra de Deus.

O contraste entre as culturas grega e hebraico-cristã é elucidativo quanto a esse ponto. Os antigos hebreus e gregos diferiam em sua orientação sensorial básica: os primeiros tendiam a pensar que a compreensão era um tipo de audição, enquanto que os outros ligavam-na à visão.[56] Northrop Frye mostrou que a cultura grega girava em torno de dois eventos visuais poderosos: a nudez na escultura e o drama na literatura[57]. No teatro, as palavras são faladas, mas ele é, basicamente, uma experiência visual, como a origem da palavra indica (*theasthai:* ver). Uma religião com muitos deuses e deusas requer estátuas ou pinturas para distingui-los uns dos outros. Na cultura grega, o divino era olhado e

falava-se a sobre ele. O panteão olímpico fornecia enredos de dramas, patronos para os jogos e imagens para os templos. Os deuses eram alheios à vida do povo. As atividades e fala dos deuses eram concebidas visualmente, um espetáculo ao qual as pessoas se limitavam a assistir.

Por outro lado, a cultura hebraico-cristã girava em torno de dois eventos audíveis: o Deus invisível falando com Moisés e seu povo no Sinai e a palavra se tornando carne, em Jesus, o Cristo. Os hebreus proibiam imagens e não produziam peças teatrais, no que foram seguidos pelos cristãos. Ouviam o único Deus. Sua palavra os fez como eram e os chamou à peregrinação e ao discipulado. Ao se reunirem com ele, não olhavam para uma estátua ou assistiam a uma peça. Ouviam o mandamento e respondiam com oração. A diferença é radical e revolucionadora.

Os hebreus e os cristãos, conscientes da enorme diferença entre eles e os gregos, e da necessidade crítica de preservar a palavra que tinham dos ataques das imagens gregas, mantinham distância dos corpos nus e dos teatros. De nossa perspectiva, isso pode parecer pudicícia, e talvez tenha realmente passado a ser, mas, no início, era proteção contra o perigo dos estímulos visuais trazidos pela escultura e pelo drama, que podiam seduzi-los e levá-los a uma religião de esteticismo, afastada das intensidades morais e espirituais da fé. Eles sabiam como era fácil diluir o ardor da audição obediente, transformando-o em assistência agradável, e tomaram providências para manter a concentração auricular. Sentiam que, cercando-se com todas essas imagens de deuses, acabar-se-iam se rebaixando a um nível inferior ao que sabiam pertencer. A religião como distração é sempre mais atraente, mas também é menos verdadeira. É uma realidade bem pobre, se comparada à palavra. Paulo, com sarcasmo, perguntou aos gálatas se preferiam os "rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis ainda escravizar-vos?" (Gl 4:9).

Na Palestina helenística, Herodes, o Grande, construtor apaixonado, fez sete enormes anfiteatros por todo o país. Ele tinha grande amor por tudo que era grego e queria converter seus súditos ao modo de vida grego. Os anfiteatros eram adornados com estátuas gregas e romanas, magníficas, e acomodavam grande número de pessoas. A estratégia era

embeber a população, através das apresentações nesses teatros, do helenismo, e transformar seu reino num lugar em que o povo estava atualizado com o que havia de melhor na cultura mundial. Os anfiteatros dominavam o cenário arquitetônico em sete cidades: Cesaréia, Damasco, Gadara, Kanatha, Citópolis, Filadélfia (moderna Amã) e Jerusalém. Só nesta última as estruturas foram totalmente destruídas, nas outras ainda são visíveis: impressionantes, mesmo parcialmente arruinadas.[58] Nenhuma outra construção do primeiro século pode-se igualar a eles em tamanho ou beleza. As sinagogas parecem galinheiros quando comparadas com eles. O Templo em Jerusalém, reconstruído por Herodes, era tão luxuoso quanto os anfiteatros, mas não foi construído por fé, mas por propaganda: ele estava buscando o favor dos judeus, para fazer deles bons gregos.

Dada a quantidade e posição estratégica e proeminente desses anfiteatros gregos, parece incrível que não exista qualquer menção a um deles em nosso Novo Testamento. É uma omissão tão improvável quanto a narração detalhada de um grande evento histórico em Washington, D.C., não conter alguma referência aos grandes edifícios e monumentos que existem nessa cidade tão cheia de construções bonitas. Mas a omissão leva a um grande alívio: o mais importante na vida daqueles que escreveram nossas Escrituras é que a comunidade cristã se reunia para ouvir e não para assistir. O Senhor deles havia estado entre eles, pregando, ensinando e curando. Veio sem comitiva, fez a maior parte de seu trabalho na obscuridade. Ao escreverem o relato do que havia sido dito e ouvido, cantado e pregado, das boas-novas, era como se aqueles grandes teatros e as multidões que os enchiam semana após semana nunca houvessem existido. E, de certa forma, não tinham mesmo: não havia neles qualquer substância. Eram exteriores, um *show*. Enquanto isso, os escritores haviam escutado uma palavra que penetrou em seu interior e concebeu, dentro deles, uma nova vida. Escreveram o que vivenciaram: a palavra que curava e abençoava, salvava e julgava. Nada do que experimentam poderia ser esculpido em uma estátua ou representado no palco: *eles* eram as imagens de Deus, o enredo tragicômico da salvação. A conseqüência foi as Escrituras, não estátuas ou teatros onde as pessoas se reuniam para olhar, mas palavras ante as quais o povo se

juntava para ouvir os sons que moldavam grandes energias e propósitos dentro deles, os começos e os fins *(arche* e *telos).*

*** * ***

A exegese contemplativa significa ouvir a palavra como *som,* palavra que revela o interior de alguém. Significa, ainda, receber as palavras na *forma* em que foram entregues. Tudo isso porque o *modo* no qual foram ditas é tão importante quanto aquilo que dizem. Alterar a forma é alterar a mensagem, e algumas vezes violá-la. As palavras bíblicas chegaram a nós na história bíblica: a exegese contemplativa é cuidadosa no ouvir a história.

Todas as palavras vêm a ser, depois de algum tempo, histórias. A narrativa é a forma mais básica de discurso. Se a recuperação da exegese contemplativa começa com a compreensão de que as palavras são, basicamente, sons que revelam, ela amadurece com o reconhecimento de que, quando colocadas juntas, viram histórias que transformam. Sempre que abrimos nossa boca para falar, acabamos contando uma história. Sempre que abrimos nossos ouvidos para escutar, logo estamos ouvindo uma história. Essa é a forma mais comum e natural de se juntarem palavras. Elas não aparecem isoladas, conectam-se umas às outras, fazendo uma narrativa.

As palavras são usadas também em formas não narrativas: para mandar, identificar, dirigir, fofocar, amaldiçoar, explicar, ensinar. Mas nessas expressões especializadas há sempre um contexto narrativo implícito, que fornece as condições para a compreensão.

As crianças são evidência e recordação contínua disso. Assim que adquirem o conhecimento funcional da linguagem, começam a pedir histórias. As pessoas que as contam são as mais velhas. Começamos a usar a linguagem ouvindo narrativas e, se formos afortunados, terminaremos fazendo narrativas. Entre os dois extremos, na pressão de ganhar a vida, verificar as cotações do mercado de ações, aprender a programar um computador, preparar um sermão, freqüentemente abandonamos o costume de ouvir e contar histórias, em favor do que supomos serem os usos mais práticos da linguagem. Mas mesmo nesse período estamos,

habitualmente, prontos a ouvir ou contar uma história, se nós ou alguém que é importante para nós estiver nela.

Esse profundo amor pelas narrativas e o costume generalizado de usá-las é transcultural. Parece que todos as usam. Povos primitivos, sem tradição escrita, contam histórias. Cientistas altamente preparados as lêem, e, entre os dois extremos, todos podem ser encontrados, em algum momento durante o dia, ouvindo, contando ou lendo uma história.

A demanda universal por apreciação das histórias está arraigada à natureza dos seres que usam a linguagem e à natureza da linguagem que usamos. Em algum nível profundo dentro de nós sentimos que a história é o único meio adequado para dar alguma razão à existência e ao mundo. É, ainda, o único modo pelo qual as palavras podem ser usadas que quase chegam a fazer justiça ao valor que têm. Sendo palavras, de fato, revelação pessoal e não apenas sinais para comunicar dados (sendo o objetivo e prática delas colocar em som o interior de um ser para o interior de outro), então o que elas transformam em som é a história Não aumentam uma lista de definições léxicas, não se reúnem em uma enciclopédia como informação, nem se congelam como oráculos flutuantes, mas formam histórias, cada palavra se ligando à outra, apresentando significados que têm continuidade, descrevendo o caráter e as circunstâncias, de modo que tudo seja coerente, desenvolvendo-se no tempo e no espaço entre as pessoas.

As palavras se multiplicam, formando histórias, do mesmo modo que as células se multiplicam, transformando-se em um corpo humano. Isso não quer dizer que palavras são histórias, assim como células não são corpos. Eventualmente, para a cura, é útil examinar algumas células em um pedaço de tecido, sob um microscópio. Mas as pessoas têm corpos, e, se são sábias, cuidam deles como um todo, vivem neles completamente. Existem momentos, também, em que é útil, para a compreensão, submeter palavras à retalhação etimológica e sentenças à análise sintática. Mas é em sua conexão orgânica, a história, que vemos as palavras, quando permitimos que a linguagem opere completamente.

Nenhum de nós vive ou sabe o suficiente para ouvir todas as histórias que a linguagem forma. Cada corpo humano é representativo de todos os outros, o que acontece também com as histórias. Alguns corpos e algumas histórias têm mais consistência, por natureza, ou se desenvolvem melhor, em face da disciplina, do que outros, de forma que convidam maior atenção. Para o povo da fé, a Bíblia é a história consistente e desenvolvida. Nela, a linguagem usada por Deus para se revelar toma a forma mais completa de história. Ao ouvirmos a palavra de Deus nas Escrituras, escutando o que Ele está revelando sobre de si mesmo, uma história toma forma em nosso ouvido, e o fato de ser *história* e não outra coisa - teologia sistemática, instrução moral, provérbios sábios - tem poderosas implicações para o trabalho exegético, porque, da mesma forma que as palavras têm uma qualidade reveladora, as histórias têm uma qualidade transformadora.

Por que a história é, com tanta freqüência, deixada de lado como não sendo adequada a adultos? Por que entre os pastores mais zelosos, ela é desprezada por não ser séria? Na maior parte, em face da ignorância. Ela é a forma mais adulta, mais séria da linguagem. É imperativa para os pastores, que têm responsabilidades particulares em manter as palavras das Escrituras ativas na mente e na memória das comunidades de fé, uma apreciação pela história na qual as Escrituras chegam até nós.

Assim como existe um corpo humano básico (cabeça, tronco, dois braços, duas pernas etc), também existe uma história básica. Todas diferem nos detalhes (assim como todos os corpos), mas os elementos básicos estão sempre presentes. Para aguçar nosso reconhecimento, apreciação sobre a forma essencialmente narrativa das Escrituras, precisamos de destacar de apenas cinco elementos.

Primeiro, existe um começo em um fim. Todas as histórias têm lugar no tempo e são limitadas por um passado e um futuro. Essa moldura grande que as cerca faz supor a existência de uma bondade inicial e final. Temos uma origem, em algum lugar no passado, de alguma forma, que é boa (criação, Éden, Atlântida), temos um destino, algum lugar, em algum momento, que é bom (Terra Prometida, céu, utopia).

Segundo, ocorre uma catástrofe. Não estamos mais ligados ao bom começo: fomos separados dele por um desastre. Estamos também, é claro, separados do bom final. Estamos, em outras palavras, no meio de uma confusão.

Terceiro, a salvação é traçada. Algumas recordações esmaecidas nos lembram que fomos feitos para algo melhor do que o que temos. Subsistem algumas fracas esperanças de que podemos fazer algo em relação à confusão em que nos encontramos. Na tensão entre o bom começo e o bom final, e o presente mal, um plano se desenvolve, visando a nos retirar da luta em que nos encontramos, para viver melhor, para chegar ao nosso destino. Esse plano se desenvolve com dois tipos de ação: a batalha e a jornada: precisamos de lutar contra as forças que se opõem à nossa transformação em seres completos e precisamos de encontrar nosso caminho através do território difícil e desconhecido, rumo ao nosso verdadeiro lar. Os temas da batalha e da jornada estão, habitualmente, entrelaçados. Eles são tanto interiores (dentro da pessoa) quanto exteriores.

Quarto, as personagens se desenvolvem. O que as pessoas fazem é significativo. Elas têm nomes e dignidade, tomam decisões. Não são soldados comandados, alinhados e se movendo de um lado para o outro arbitrariamente. As personalidades se desenvolvem no decorrer do conflito e durante a jornada, caráter e circunstância em interação dinâmica. Algumas pessoas melhoram, outras pioram. Ninguém fica igual.

Quinto, tudo tem significado. Já que "história" implica o "autor", nada aparece por acidente. Nada é um mero "recheio". Chekov disse, certa vez, que, se um escritor põe uma arma sobre uma mesa no primeiro capítulo, alguém tem que puxar o gatilho antes do último. Cada palavra se conecta com todas as outras na mente do autor, e, assim todos os detalhes, sobre a forma como nos afeta a princípio, tem ligação - e podem ser vistos assim apenas se os olharmos por tempo suficiente para perceber.

Todas as histórias têm essas características. Os cinco elementos podem estar mais ou menos implícitos ou explícitos, mas estão presentes. Com variações nas ênfases e proporções,

com mudanças de perspectiva e invenção de detalhes, desenvolvem-se em tragédias, comédias, epopéias, confissões, assassinatos misteriosos e romances góticos. Poetas, dramaturgos, novelistas, crianças e pais têm desenvolvido milhões de variações desses elementos, algumas das quais foram escritas.

O que foi escrito na Bíblia é um relato enorme, abrangente, que contém matéria de várias culturas, linguagens e séculos. Existem muitos objetos e pessoas nele, que foi escrito de muitas formas diferentes. Com toda a aparente heterogeneidade, porém, acaba sendo uma história. Northrop Frye, avaliando as Escrituras como crítico literário e não como crente ou teólogo, em cuidadoso estudo se convenceu de que sua característica mais importante é "a ênfase dada à narrativa, e o fato de a Bíblia inteira estar cercada por uma moldura narrativa a distingue de muitos outros bons livros sagrados".[59]

A linha histórica básica da Bíblia é definida na Torá, os primeiros cinco livros. A criação é o começo bom, gravado em nossa memória com as repetições rítmicas: "E viu Deus que era bom." A Terra Prometida é o bom final, enquanto Moisés lidera o povo até à fronteira de Canaã e os deixa, enquanto seu sermão de Deuteronômio ecoa nos ouvidos deles. Entre os dois fatos está a catástrofe da queda, sucedida pela salvação tramada e executada na peregrinação - do Éden a Babel, a Ur, à Palestina, ao Egito, ao deserto e ao Jordão - e nas lutas com a família, os egípcios, os amalequitas e os cananeus. O desenvolvimento das personagens é mostrado em Abraão, Isaque, Jacó, José e Moisés com mais ênfase, e em muitos outros em menor escala. O significado de cada detalhe da existência é enfatizado pela inclusão das genealogias, regras cerimoniais, observações sociais e instruções para a dieta alimentar.

A história é repetida nos Evangelhos. O nascimento virginal 6 o bom começo; a ascensão, o bom final. A catástrofe irrompe no massacre herodiano e ameaça, na tentação no deserto. A salvação é arquitetada é posta em pratica na jornada da Galiléia a Jerusalém e no conflito com demônios, doenças, fariseus e discípulos. A pessoa de Jesus é proeminente na história, com Pedro, Tiago e João em papéis

secundários importantes. Os detalhes geográficos, cronológicos e conversacionais recebem muita atenção: nada é sem significado nem um pardal, nem um fio de nossa cabeça.

A mesma história é contada, com um enfoque menos abrangente, na Semana Santa. A entrada triunfal é o bom começo; a ressurreição, o bom final. A traição de Judas é a catástrofe. Arma-se a salvação através dos conflitos do julgamento, açoites e crucificação e na jornada de Betânia ao Cenáculo, ao Getsêmani, ao julgamento, ao Gólgota, e ao jardim da tumba. As palavras e ações de Jesus exibem a preparação da vida de redenção, e tudo que ele diz e faz é apresentado como revelação. Nenhum detalhe é desprovido de significado: o perfume de Maria, o comentário do centurião.

A narrativa que é explícita na Torá e nos Evangelhos é estendida a toda a Bíblia, pelo arranjo canônico dos diversos livros. O cânon hebraico é composto por três partes. A Torá (Gênesis até Deuteronômio) apresenta a história básica. Os Profetas (Josué até Malaquias) tomam a história básica e a introduzem em novas situações através dos séculos, insistindo em que se creia nela e a obedeça no presente, não apenas recitando o que passou. Isso envolveu bastante desentendimento e controvérsia. Os Escritos (Salmos até Crônicas) fornecem uma resposta cheia de reflexão para a história, assimilando-a e depois reagindo a ela em sabedoria (Jó e Provérbios) e em adoração (Salmos).[60]

O Novo Testamento tem forma semelhante. Os Evangelhos contam a história básica, em uma nova Torá. As Epístolas correspondem aos Profetas, à medida que a história é contada a um mundo em expansão, pregada e ensinada através de jornadas e conflitos continuados por todos os variados ambientes geográficos e culturais na bacia do Mediterrâneo (Atos desempenha um papel duplo, sendo em parte Torá, em parte Profeta; Lucas, com sua obra em dois volumes, expande de forma agradável os quatro Evangelhos, fazendo um quinto livro, como acontece na Torá, ao mesmo tempo que introduz Pedro e Paulo, profetas/apóstolos.). Tiago e Apocalipse são equivalentes aos Escritos, resumindo em sabedoria (Tiago) e adoração (Apocalipse) a atitude de pessoas que tiveram sua vida transformada pela história que ouviram e contaram, com fé.

Em relação à da exegese, deve-se insistir em que as Escrituras chegaram até nós nessa forma precisa, canônica, sendo uma estrutura narrativa profundamente abrangente, que reúne todos os componentes - provérbios, mandamentos, cartas, visões, jurisprudência, música, orações, genealogias - em um história, estrutura unificada de narração e fantasia.[61]

Quando se perde esse sentido narrativo, ou ele fica eclipsado por outro elemento, a exegese sofre um golpe fatal. Cada palavra das Escrituras se encaixa de alguma forma dentro de seu contexto narrativo mais amplo, de modo que o contexto imediato de uma sentença tanto pode estar distante dela oitenta e cinco páginas, escritas trezentos anos mais tarde, quanto no parágrafo anterior ou no seguinte. Ao honrar e estimular o sentido narrativo, tudo se conecta e os significados crescem, não arbitrariamente, mas organicamente: narrativamente. Vemos isso acontecer na exegese, repleta de narrativa, de um pregador como John Donne, cujos textos nos levam "como um guia com uma vela, através do vasto labirinto das Escrituras, o qual, para ele, era uma estrutura infinitamente maior do que a catedral onde estava pregando".[62]

Ao serem escritas, as palavras imediatamente se tornam o que foi chamado de "livres de contexto". O tom da voz, o cheiro no ar, o vento no rosto foram embora. Ainda assim, observando cuidadosamente o modo como a linguagem realmente trabalha ao ser usada por nós, percebemos que esse contexto vivo no qual falamos e ouvimos as palavras é criticamente importante. O cenário, o tom, a inflexão, os gestos, o clima, tudo importa. A maior parte desse contexto é perdida no ato da escrita, mas um elemento não se perde: o formato narrativo básico, a linguagem em forma de história.

Sendo essa a única parte do contexto a que temos acesso, não podemos deixar que nenhum pedaço dela escape à nossa atenção: o contexto de Gênesis ao Apocalipse, a história básica apresentada na Torá e nos Evangelhos, novas histórias incluídas através dos Profetas e das Epístolas, a resposta conjunta e a antecipação do desfecho em Salmos e Apocalipse.

A maioria dos enganos vem, não de definições erradas, mas de contextos esquecidos. Por que, com tanta freqüência,

não entendemos os outros: no casamento, nas relações internacionais, nos tribunais? Não é por não entender a linguagem, é porque não conhecemos o contexto. Pessoas que têm como profissão ouvir os outros (conselheiros e terapeutas) gastam horas escutando a história de uma pessoa antes de começarem a entender. "Nos primeiros vinte minutos, captam o problema, mas demoram para entender, porque precisam do contexto, tudo que compõe a vida da pessoa: família, trabalho, escola, sexo, sentimentos e sonhos que se cruzam dentro do ser humano. Uma palavra, usada em contexto diferentes, tem sentidos diferentes. Entender intimamente outra pessoa é tarefa para muitos anos, a vida inteira não é suficiente. Quanto mais estivermos familiarizados com o contexto, tanto mais desenvolveremos a compreensão.

Quer na leitura das Escrituras ou na conversa familiar, uma sentença isolada só poderá ser mal-entendida. Quanto mais sentenças tivermos, mais profundo será o sentido de narrativa incrustado em nossa mente e imaginações e mais compreensão alcançaremos. Mateus é incompreensível, se o separarmos de Êxodo e Isaías. Romanos é um enigma sem Gênesis e Deuteronômio. Apocalipse é um quebra-cabeça se o afastamos de Ezequiel e dos Salmos.

*** * ***

As palavras são sons que revelam, criam histórias que transformam. A exegese contemplativa significa abrir nosso interior a esses sons reveladores e submeter nossa vida à história que contam, para sermos transformados. Isso envolve um respeito poético pelas palavras e reação apaixonada a elas.

Então, a exegese contemplativa envolve essas duas atitudes: abertura às palavras que revelam e submissão às que transformam. Elas têm dimensão dupla: carregam um significado de sua fonte, levando influência a seu destino. Todas as palavras, de alguma forma, fazem isso. A decisão de Deus no sentido de usá-las como meio para se revelar e nos transformar faz com que tenhamos que prestar atenção tanto ao que ele diz quanto ao modo como o faz. A exegese contemplativa não é esoterismo, nem imaginação. Significa,

apenas, lidar com a ferramenta com respeito, da forma adequada, sem usar um machado para capinar o jardim.

VI. Notas de Gaza

Na estrada para Gaza, encontro o foco de meu trabalho hermenêutico como pastor: o etíope lendo as Escrituras sem entender, Filipe levando-o à compreensão. Os dois homens, aparentemente, não guardariam qualquer semelhança entre si: país, raça, sexualidade, tudo diverso. O africano havia acabado de adorar em Jerusalém, de onde Filipe, recentemente, houvera sido expulso. O eunuco estava indo para casa, a corte da rainha Candace, da Etiópia, onde era ministro das finanças. O evangelista dirigia-se para Cesaréia, onde morava, com suas quatro irmãs. Na aparência, eram especialmente inadequados para terem uma conversa que iria envolver discriminações problemáticas e confiança pessoal. Mesmo assim, atiraram-se juntos à aventura de entender um trecho cheio de nuanças delicadas e frases de sentido obscuro em um livro escrito quinhentos anos antes. E conseguem. Que encontros improváveis e entendimentos surpreendentes acontecem nessas páginas da Bíblia! E é tão importante estar lá: correndo para alcançar, assentando para ouvir, desejando ser molhado.

A hermenêutica começa com uma pergunta: "Compreendes o que vens lendo?" (At 8:30). É impossível traduzir o jogo de palavras usado por Filipe: *ginoskeis ha anaginoskeis?* A diferença entre ler e compreender parece tão insignificante - um mero prefixo *(ana)* - que demoramos a perceber o abismo que separa o que Isaías escreveu daquilo que entendemos. Lessing chamou o vazio entre o que está escrito e o que é lido de "fosso sujo". O muito que sabemos - definições léxicas das palavras, qualidade do pergaminho, teologia de Deutero-Isaías - funciona como uma tampa sobre o buraco sem fundo que é nossa ignorância. Convivemos com os textos bíblicos durante anos, tendo familiaridade com eles, sem compreendê-los, quando, voltando de uma viagem religiosa a Jerusalém, uma pergunta no momento certo faz com que paremos a carruagem.

A pergunta é respondida com outra pergunta: "Como posso entender, se alguém não me guiar?" (v. 31).[63] O questionador é questionado: Quem me guiará? A escolha da palavra é crucial: não é *explicar,* mas *guiar.* As palavras gregas para "explicar" e "guiar" têm a mesma raiz verbal, "liderar", e têm uma orientação em comum, e em relação ao texto. O que explica o *exegeta* lidera a apreensão do sentido do texto; o guia, o *hodegos,* lidera a *pessoa* pelo caminho *(hodos)* através do texto. A hermenêutica bíblico-pastoral pressupõe a exegese, mas vai além dela. O africano convida Filipe a subir na carruagem para acompanhá-lo, sendo seu guia. Isso demandará algum tempo. Filipe tem que fazer uma escolha: ficará ao lado da carruagem, dando informações e respondendo perguntas sobre as Escrituras - trabalho de exegese, que é fácil para ele - ou se envolverá em uma investigação espiritual com o estranho? E eu? É essa a diferença entre o balconista que vende mapas do deserto e a pessoa que vai com você através dele, arriscando-se nos perigos, ajudando a cozinhar e compartilhando as condições climáticas. Filipe decidiu a favor da *hodegesis.* Subiu na carruagem e compartilhou a jornada.

Terceira pergunta: "Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro?" (v. 34). A resposta de Filipe foi a de que ele falava de outro, a partir do que guiou o eunuco até Jesus. Martinho Lutero insistia em que devíamos sempre ler as Escrituras procurando o que *was Christum triebet,* "o que nos leva a Cristo". Isso não tem nada a ver com a desatenção ignorante do significado completo do texto ou com o desprezo arbitrário pela história ou cultura do autor. A prática tola de percorrer de qualquer jeito as Escrituras, fazendo conexões entre as referências, digamos, de "cordeiro" e "Jesus" não tem qualquer relação com o que se mostra aqui. Pelo contrário, estou convicto, depois de ler muito as Escrituras e ter muitas experiências com Cristo, de que todas as palavras da Bíblia são contextualmente coerentes na palavra feita carne, Jesus. "Muita leitura das Escrituras e muitas experiências com Cristo": foi esse o ensino do curso hermenêutico de Filipe. Ele e seus amigos diáconos e apóstolos não esquadrinhavam a Bíblia para encontrar justificativa para a perseguição que enfrentavam; estavam, simplesmente, conscientes do óbvio: se as Escrituras são a palavra de Deus e

Jesus é a palavra de Deus, então as duas formas são a mesma coisa: as Escrituras são a palavra de Deus em Jesus e este é a palavra de Deus naquelas. Testaram este pensamento em sua vida de fé e adoração e funcionou. Tinham, então, seu princípio hermenêutico.

"Que impede que seja eu batizado?" (v. 36). Perguntas geram perguntas, cada uma penetrando mais fundo do que a anterior. Esta quarta pergunta vai além das outras e alcança o mais profundo interior do ser humano, o coração-útero no qual a vida eterna é concebida e formada. A hermenêutica não é um processo administrativo metódico, indo de um ponto a outro com clareza silogística. Ela serpenteia, desvia, espera, algumas vezes em confusão, outras em admiração, mas tem sempre um alvo. Essas Escrituras não foram criadas para alimentar nossa curiosidade ou legislar sobre moralidade corriqueira. Elas examinam nossa vida e estimulam nossa fé. A palavra de Deus, através do rolo de Isaías, com a ajuda e orientação de Filipe, procura seu caminho através da confusão interior do eunuco, até chegar a seu coração, evocando a pergunta básica: "Que impede que seja eu batizado?" Todas as questões são, de alguma forma, elementos da busca que, levada a efeito com paciência, desemboca no batismo. A pergunta final não é o pedido de mais informações, mas o pedido de urna nova vida. A tinta no rolo de Isaías e a água no riacho de Gaza são formas similares, que ajudam o nascimento de uma fé abrangente e obediente. A hermenêutica de Gaza visa (ou presume) ao batismo e nos envia por nosso caminho, cheios de alegria

Parece que a leitura das Escrituras não é uma atividade autônoma. O leitor de Isaías, solitário em sua carruagem na estrada de Gaza, é interrompido por Filipe, dirigido pelo Espírito. Esse Espírito reúne as pessoas em torno das Escrituras: ouvindo, questionando, conversando sobre a fé. O leitor que questiona é reunido ao ouvinte que interpreta. Isaías, morto mas presente na palavra do rolo, é o terceiro. Cristo, invisível, mas presente no Espírito, é o quarto. Aconteceu de novo, e continua acontecendo: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles."

Passei muito tempo de minha vida neste trecho em particular, ao longo do caminho para Gaza. Algumas vezes,

correndo ao lado da carruagem, fazendo uma pergunta, em outras ocasiões, de dentro do carro, fazendo outra pergunta: interpretando e interpretado pelo rolo de Isaías.

> Sempre que tenho que traduzir ou interpretar um texto bíblico, faço-o com temor e tremor, sob a tensão, da qual não há como escapar, entre a palavra de Deus e as palavras do homem.
>
> *MARTIN BUBER* [64]

> Conheci dúzias de pessoas que usam a Bíblia como se ela fosse um teste de Rorshach e não um texto religioso. Leram mais a palavra impressa do que extraíram algo da leitura.
>
> *ELLEN GOODMAN* [65]

> O Senhor da linguagem é também o Senhor do ato de a ouvirmos.
>
> *KARL BARTH* [66]

> As Escrituras Sagradas são o traje que nosso Senhor Jesus vestiu e no qual se deixa ser visto e encontrado. Essa roupa é completamente entretecida, unida de tal forma que não pode ser cortada ou separada.
>
> *MARTINHO LUTERO* [61]

> No vetor que define a possibilidade da exegese, o método pode ser um dos componentes, mas a experiência com os textos envolvidos é o outro, provavelmente mais necessário e central do que o primeiro.
>
> *JAMES BARR* [68]

> Linguagem não é fala, é um círculo completo, da palavra para o som, para a percepção, para a compreensão, para o sentimento, para a memorização, para a ação e de volta à palavra sobre a ação que foi alcançada no processo. E, antes que o ouvinte possa tornar-se realmente ouvinte, algo tem que lhe acontecer: ele precisa de ter expectativas.
>
> *EUGEN ROSENSTOCK-HUESSY* [69]

A leitura das Escrituras constitui um ato de crise. Dia após dia, semana após semana, ela nos coloca a par de um mundo totalmente diverso do que os jornais e a televisão nos apresentam como ração diária de dados para conversa e preocupação. As Escrituras apresentam o mundo no qual Deus está ativo em toda parte e por todo tempo, onde ele é a causa ardente e não um pensamento ocasional e posterior, onde não há como adiar o que diz sobre ele, onde tudo é relativo a Deus e ele não e relativo a coisa alguma. A leitura das Escrituras envolve uma estonteante reorientação de nossos conceitos e procedimentos condicionados culturalmente, voltados para o trabalho. "As histórias das Escrituras, ao contrário das de Homero, não buscam nosso favor, não nos lisonjeiam, visando a nos agradar e encantar: elas almejam submeter-nos e, se nos recusarmos à submissão, seremos rebeldes."[70] As Escrituras questionam nosso desejo de acomodar confortavelmente o evangelho. A crise na qual a leitura nos coloca não inclui, habitualmente, intensidades emocionais ou transformações dramáticas. Pelo contrário, inclui a consciência solene, repetida diariamente, de que a realidade à qual nos devotamos, em fé e vocação, é constituída divinamente e é nela que Deus nos chama. Não é construída humanamente e nem é lugar em que, segundo nossa vontade, invocamos Deus. Tudo no mundo da cultura pode fazer sentido sem Deus, mas nada no mundo das Escrituras pode ter sentido sem Ele.

A própria freqüência, porém, com que os pastores lêem as Escrituras diminui a radical estranheza em nossa consciência, as condições críticas que são provocadas dentro de nós sempre que penetramos em suas páginas. Mas perder

esta consciência é perder nossa vida: lutamos para ficar atentos. Instalamos sistemas de alarme à nossa volta, com mecanismos sensíveis de detecção. Kafka censura nossa regressão freqüente e fatal à familiaridade jovial:

> Se o livro que estamos lendo não nos desperta, como uma primeira martelada em nosso crânio, por que o lemos? Para ficarmos felizes? Bom Deus, seríamos felizes do mesmo modo se não tivéssemos livros, e, se eles nos pudessem fazer felizes, se necessário, poderíamos nós mesmos escrevê-los. Mas o que precisamos de ter são aqueles livros que vêm até nós como má-sorte, e nos desagradam profundamente, como a morte de alguém a quem amamos mais do que a nós mesmos, como o suicídio. Um livro tem que ser um machado de gelo a quebrar o mar congelado que há dentro de nós.[71]

Incapazes ou sem disposição para trabalhar com as Escrituras em sua forma original, muitos pastores acabam-se tornando vítimas da prática muito difundida de tomá-las mais agradáveis, suprimindo algumas particularidades estranhas, absurdas e cotidianas, substituindo-as por generalidades mais suaves. Afinal, estamos no ramo religioso e procuramos ajuda para levantar nossos olhos, acima do nível das vulgaridades. As particularidades são maravilhosas dentro da ficção, mas só servem se interpor no caminho da verdade. Os autores de ficção treinam para apresentar aromas, sons e sentimentos de forma clara. Nunca colocariam a sentença "A mulher sentia-se deprimida" em uma obra. Em vez disso, descreveriam como Gretchen passou pela frente de seus amigos, enquanto estava em pé na fonte, bem à esquerda do elevador, no segundo andar, por Ethel, a quem houvera dado, na noite anterior, sua antiga receita de família, de carne de alce com molho de chili. Mas as Escrituras não são ficção. São a *verdade,* e deveriam ser apresentadas em duas ou três palavras profundas, que se aplicariam a qualquer situação. Uma verdade abstrata fica maravilhosa em um pôster. Um *slogan* abrangente é atraente

quando colocado em um pára-choque. Não é tarefa dos pastores a *interpretação* das Escrituras, para apresentá-las em um formato que seja compatível som sua inerente dignidade?

Os autores das Escrituras viveram na era primitiva, quando havia bastante tempo para se contarem histórias e elaborar os detalhes apenas pelo prazer que isso trazia. Nossa era é diferente; urgente, racional, prática. Assim, os pastores atarefados, entre pessoas também ocupadas, afastam a desordem de geografia exterior e nomes de pronúncia difícil e tomam a Bíblia mais simples para pessoas bem-intencionadas mas ocupadas, de forma aceitável para a homilética sistemática. Certamente, num país que demonstrou clara preferência pelas sonoras banalidades de Kahlil Gibran, trocando-as pela franqueza austera de Paulo, aparar as arestas é prática comum na hermenêutica.

Bem, eu não tenho mais inclinação para crises do que os outros pastores, e gostaria de tornar tudo o mais fácil possível para mim mesmo e para meus paroquianos. Mas não gostaria de facilitar além do que é possível. E aqui, na leitura das Escrituras, as particularidades difíceis precisam de ser ferozmente guardadas para se evitar o desgaste dos contornos delicados da cultura. A Bíblia tem como característica a impossibilidade de ser resumida. Ela resiste a abstrações, é específica, concreta, geológica e genealógica. Não importa que o povo desta era não goste dessas características em seus textos religiosos: os pastores não estão a serviço desta era. O que eles não podem fazer é retirar princípios das Escrituras, eliminar verdades do evangelho. Erich Auerbach demonstrou ampla e poderosamente o realismo das Escrituras, que a separam de todos os outros escritos da literatura ancestral e dá nova forma à nossa percepção da realidade. De acordo com ele, esses autores penetram "nas profundezas desordenadas da vida cotidiana do povo", tratando com seriedade "tudo que ali encontram", apegando-se ao concreto e recusando-se a sistematizar a experiência em forma conceitual.[72]

A grande atração que a simplificação das Escrituras em forma de lições de verdade e moral exerce sobre as pessoas é causada simplesmente pela preguiça. O pastor preguiçoso não precisa mais de se preocupar com nomes, cidades, detalhes estranhos e embaraçadores, milagres esquisitos que se

recusam a se encaixar na compreensão moderna sobre e do que constitui uma boa vida. Por toda parte, pastores têm transformados seus gabinetes em "destila-rias" ilegais, onde extraem idéias e moralidade da narrativa fértil das Escrituras. As pessoas, é claro, gostam muito disso. Vêem até eles como se sua vida fosse jarro vazio e partem cheios de verdade pura, de forma que não precisarão lidar com os detalhes nem das Escrituras e nem de sua vida. Beber esta iluminação branca e pura evita o trabalho laborioso de cavar o jardim, colher as batatas, preparar a refeição, comer e digerir. O líquido destilado vai direto até à corrente sangüínea e proporciona um rápido fluir de contentamento. Mas, na realidade, bebemos veneno. Não fomos construídos biológica ou espiritualmente para a ingestão desse alimento perfeito. Temos sistemas digestivos mentais e emocionais, com interligações complexas, que percebem e saboreiam variedade enorme de palavras, sentenças, histórias e canções, ruminando-as e assimilando todas as vitaminas, enzimas e calorias que trazem saúde.

A prática de destilar as verdades das Escrituras é a marca do gnosticismo, que considera a matéria como o mal e a história inconveniente: todas as peças inflexíveis e confusão circunstancial de pessoas que estão atrasadas e convidados que chegam cedo, ancestrais que colecionaram prepúcios de filisteus, um Messias que começou seu ministério transformando água em vinho para convidados de um casamento, que já haviam bebido muito (um milagre frívolo, impossível de ser explicado para pessoas sérias), e que morreu sangrando e gritando por água, dizendo a todos que estavam por perto que Deus o havia abandonado. Os gnósticos não suportam esse tipo de banalidade e paradoxo. Aspiram pelo espiritual e belo. Fazem intricadas construções mentais para saber como tudo pode recuperar sua grandiosidade original, verdades que são elegantes em sua simetria e podem ser arrumadas em "níveis", lições salpicadas com profundidades misteriosas que podem ser aplicadas como "princípios". A Bíblia, do modo como a temos, não é para ser apoiada, precisa de ser livre de impurezas. Nos primeiros séculos cristãos, o projeto gnóstico era desfazer-se das Escrituras hebraicas e extirpar os Evangelhos. Os trechos em que S. Paulo fala de teologia lhes agradavam. O que propuseram em troca pode ser encontrado em documentos descobertos em Nag Hammadi, no

Egito, em 1946[73]: Jesus como um guru, mantendo distância segura do comum e do profano, expressando com serenidade as verdades eternas. Essa é a religião para o salão de chá, aonde as "mulheres vêm e vão/Conversando sobre Michelângelo" (T. S. Eliot).

As Escrituras, porém, nunca nos chegam dessa forma, e a *forma* como chegam é tão importante quanto *o fato* de chegar. Nem a crise nas Escrituras nem a de nossa vida é abstrata; pelo contrário, como Marc Chagal disse, "é uma crise que tem cor, textura, sangue e os elementos do discurso, vibrações etc.: o material com o qual a arte, bem como a vida, é construída".[74]

> A oração é parte integrante do estudo das Escrituras, porque antecipa a caminhada do leitor, carregado pelo Espírito, da página escrita ao próprio Deus.
>
> *BREVARD CHILDS* [75]

> As Escrituras antecedem nossa vida cheia de fé, assim como vidas de fé antecederam, para os autores, as Escrituras.
>
> *PAUL HOLMER* [76]

> A reinterpretação das Escrituras antigas penetra em uma rede de inteligibilidade... o próprio Jesus Cristo, exegese e exegeta das Escrituras, é manifesto como logos, iniciando a compreensão delas.
>
> *PAUL RICOEUR* [77]

> Uma mente treinada em hermenêutica precisa de ser, desde o início, sensível à atualidade do texto.
>
> *HANS-GEORGE GADAMER* [78]

> Não se pode ouvir Deus falando com outra pessoa, só é possível ouvi-LO quando se dirige a nós.
>
> *LUDWIG WITTGENSTEIN* [79]

> As pessoas parecem ser tão apegadas à Bíblia e contudo lidam com ela de forma tão pagã. Isso tem-me deixado confuso. O grande desafio para aqueles que desejam levar a Bíblia a sério é deixar que ela nos ensine suas categorias essenciais, e então passar a pensar *com* elas e não apenas *sobre* elas.
>
> *ABRAHAM HESCHEL* [80]

Certa vez, li um ensaio que me deu uma imagem através da qual tenho mantido, até hoje, a percepção exata do que é característico na leitura da Bíblia. Walker Percy é o autor do ensaio, intitulado *A Mensagem na Garrafa.*[81] Esta obra foi escrita depois de anos de reflexão sobre a natureza da linguagem e dos diferentes modos em que podemos usá-la. O ensaio tem a forma de uma parábola extensa. Entendo que o que Percy escreveu foi o embrião de sua vocação como novelista, tendo usado a linguagem para dizer a verdade e não apenas para fazer um relatório da situação nacional. Sou pastor e não novelista, e assim minha relação com a linguagem não é igual à dele. Mas pastores e novelistas têm pelo menos dois pontos em comum: passamos muito tempo lidando com *palavras* e acreditamos que elas sejam o meio para que as pessoas possam ser levadas a entender a *verdade sobre sua vida.* Nem todas as palavras, é claro. Algumas são usadas deliberadamente para nos desviar da verdade, especialmente quando esta é difícil ou dolorosa. Outras são usadas para distorcer a verdade, em especial quando a distorção é mais atraente. E muitas, talvez a maioria, não parecem fazer muita diferença quanto à "verdade de nossa vida". Ajudam a atravessar uma rua, seguir instruções para trocar uma peça de um equipamento, tirar nota boa na prova de Física, comprar brócolis. Mas, dentro dessa confusão de palavras, algumas emergem, radicalmente diferentes,

merecedoras de reverência e meditação, porque nos contam algo que de outra forma seria inacessível e nos revelam a verdade de nossa vida.

É assim que leio as palavras das Escrituras ou, pelo menos, começo lendo. Acredito que a maioria das pessoas também. Mas, muitas vezes, deixo-me levar a outro tipo de leitura, e pego-me questionando a importância da cultura dos amorreus, acreditando que a careca de Eliseu não fazia a menor diferença, que a esperteza de Paulo não combinava com sua ambigüidade. Reflito sobre *esta* leitura e da, digamos, do jornal, que são as duas que faço, freqüentemente, de capa a capa. Qual é, exatamente, a diferença? Nunca leio as partes do jornal nas quais não estou pessoalmente interessado (os classificados, as cotações do mercado de ações...), mas, com as Escrituras faço o contrário (leio as legislações cerimoniais, a pregação profética). Nunca releio o jornal no dia seguinte, nem mesmo as seções mais bem escritas, mas releio continuamente as Escrituras no dia seguinte, mesmo os trechos que não considero bem escritos (Crônicas, por exemplo). O ensaio-parábola de Walker Percy forneceu um caminho para que eu entendesse a diferença e a guardasse.

Creio que seja aceito por todos que, sem alguma semelhança entre o escritor e o leitor em relação à página impressa, não será possível haver compreensão. O correto entendimento das palavras faz pouca diferença, se as mentes não se encontram: uma receita de sobremesa não pode ser lida com precisão como se fosse instruções para se encontrar um tesouro enterrado; uma fábula moral não será bem apreendida se for vista como um ensaio sobre acasalamento animal. Uma novela de Walker Percy não pode ser lida acertadamente como diversão gótica e as Escrituras Sagradas não podem ser lidas da forma correta se forem tratadas como livro didático de religião. Em cada um desses exemplos seria possível ler, de forma plausível, as palavras com o sentido errado que indiquei. Freqüentemente, isso não acontece, exceto com as Escrituras, que na maioria das vezes é lida como livro didático sobre Deus e moral. E os pastores, por um motivo ou outro, estão à frente nesse grupo de leitores enganados.

À medida que aprendi com o ensaio de Percy, adaptei-o e revisei-o, relendo-o e depois reescrevendo-o, como um pastor

aprendendo a ler as Escrituras em conformidade com sua natureza. Fazendo isso, deixei de fora a maior parte das sutilezas de *A Mensagem na Garrafa* e temo haver escondido muito da agudeza dessa parábola bem elaborada. Espero, porém, que Percy não desaprove totalmente a adaptação que fiz dela para meu ofício pastoral.

*** * ***

Era uma vez uma ilha, bem grande. A população era heterogênea e se reunia em várias comunidades, em diferentes locais com topografias peculiares. Apesar de grande, a ilha não ultrapassava o tamanho em que cada uma das comunidades conhecia todas as outras e, é claro, ficavam à beira do mar. Era um lugar muito agradável e todos pareciam muito contentes de estar ali. Como acontece nas ilhas, era cercada pelo desconhecido. Exceto por algumas balsas e canoas usadas para pescar e navegar ao longo da costa, ninguém havia saído da ilha, nem mesmo pensado nisso. Todos que viviam ali eram descendentes de náufragos, mas a lembrança do naufrágio era muito vaga. Não eram contadas histórias sobre o acidente, não havia registro dele. Oficialmente, era negado, porque poderia parecer uma depreciação do lugar, *tão* desejável e completo.

O povo era curioso e inteligente. Havia identificado, estudado e classificado todas as plantas e animais, examinado as rochas e mapeado as colinas e riachos. Todos ali sabiam os nomes de todos os pássaros e os locais onde faziam ninhos. Conheciam os rituais de acasalamento dos mamíferos e os cuidados que concediam aos filhotes. Sabiam quando as flores desabrochavam e por quanto tempo, quais as sementes boas para a alimentação, quais as raízes com propriedades medicinais. A terra sob seus pés era apreciada e entendida: *tudo tinha nome.* Saber como se referir a cada coisa que viam lhes dava um profundo sentimento de orientação e satisfação.

Enquanto faziam todas essas pesquisas, tiveram o cuidado de passar o conhecimento de geração em geração. Aprenderam a ensinar as mentes jovens a compreender o que seus anciãos entendiam. O sistema escolar era maravilhoso: conversavam, explanando e guiando, de forma que não havia

hiato entre a ignorância da juventude e o conhecimento maduro. Desenvolver uma linguagem adequada a isso foi uma grande realização, já que o ensino envolvia sutilezas muito além das necessárias para distinguir variedades de pardais: tiveram que considerar os sentimentos, o crescimento vagaroso e incerto das idéias, a expressão de atitudes de difícil transmissão. Em relação às dificuldades, eles o fizeram. Não havia, na ilha, abismo entre as gerações. Tinham grande habilidade em conversar uns com os outros sobre o que conheciam do mundo e sabiam usar essas conversas para estimular as crescentes capacidades de uso da linguagem nos jovens, para que chegassem ao nível dos anciãos.

Eram também muito eficientes no uso desta linguagem entre eles: maridos e esposas, patrões e empregados, irmãos e irmãs. Mesmo em situações complicadas, como autoridade, amor e rivalidade, nunca existiam desentendimentos naquela ilha. Todos eram capazes de dizer exatamente o que queriam, e de ouvir, da forma correta, tudo que era dito. É claro que, de vez em quando, aconteciam disputas e brigas, sendo as pessoas como são, mas isso acontecia porque não *concordavam* em alguma situação. Nunca se ouvia alguém sair desses arrufos dizendo: "Ela simplesmente não me entende!" ou "Por que ele não me entende?" Não existiam seminários para desenvolvimento da comunicação, porque esse assunto já estava resolvido.

A habilidade com a linguagem tinha como exemplo mais impressionante o discurso comunitário e político. Havia uma constituição e outros documentos públicos que todos entendiam: vastas áreas de experiências e de relacionamentos sociais foram resumidas em palavras e frases, de forma que todos eram bem informados sobre o que acontecia. Eram capazes de conversar sobre matérias abrangentes, como justiça, virtude, paz, e, até mesmo, felicidade, e cada um entendia o que o outro estava falando. Havendo, no processo de desenvolvimento da maturidade da população, necessidade de alguma alteração nas expectativas ou percepções comunitárias, eram capazes de realizá-la através de palavras legislativas que expressavam o consenso das sábias percepções de todo o grupo. Reuniam-se ocasionalmente para celebrar essas formulações verbais com desfiles e piqueniques.

Aquela era uma ilha muito agradável, especialmente para alguém preocupado com a linguagem. Os cientistas pareciam estar à frente de tudo que acontecia e descreviam os fatos com precisão. As escolas davam prazer, professores e alunos convivendo em diálogo sossegado. Não havia desentendimento entre famílias. Mesmo quando não simpatizavam uma com a outra, elas eram capazes de se entender. Qualquer um que ouvisse as conversações e discussões que aconteciam nos escritórios governamentais e nas diretorias de empresas ficaria impressionado com a clareza e elegância usadas na linguagem.

(Uma das ausências mais impressionantes quanto à linguagem da ilha era a da propaganda e relações públicas. É curioso notar que, entre aquelas pessoas que se comunicavam tão bem, não havia indústria da comunicação. Sendo tudo bem identificado e havendo abertura, honestidade e transmissão precisa da informação em todos os níveis da sociedade, aparentemente não havia necessidade de alterar o tom de voz usado no decorrer natural de um encontro. Como conseqüência, conquanto as palavras fossem usadas extremamente bem, eram usadas muito menos, de forma que a prática. da linguagem, incluía muito mais silêncio do que a nossa.)

Um dia, em uma das praias, uma garrafa verde rolou pela crista de uma onda e foi parar na areia. Um habitante da ilha estava ali e a recolheu. Notou que havia um pedaço de papel dentro dela, pegou-o e leu: "A ajuda está chegando." Estranho. Ele nunca havia lido nem ouvido algo semelhante. Todas as suas necessidades eram satisfeitas. O mundo naquela ilha era completamente feliz e auto-suficiente. Ele nunca havia imaginado que alguém pudesse precisar de ajuda. Mesmo assim, a mensagem de três palavras tocou algum nível de sua consciência, que nem ele mesmo sabia identificar. Ficou intrigado. Olhou para o horizonte, que estava agradável e comum, como sempre, e não viu qualquer coisa diferente. Enterrou o papel biodegradável na areia, jogou a garrafa em um recipiente de reciclagem perto de uma duna e foi para casa, sem contar para ninguém o que havia acontecido. Algumas semanas mais tarde, andando na mesma praia, o homem encontrou outra garrafa. Havia uma mensagem nesta também. Estava escrito: "A ajuda vai chegar logo, não desista."

Acasos não acontecem duas vezes. Contou para um amigo e os dois foram juntos para a praia. Antes, aproveitavam o passeio para sentir a areia, ver a forma e a cor das conchas, ouvir o som ritmado das ondas. Agora, procuravam garrafas. De vez em quando encontravam uma, sempre com uma mensagem absurda: "O socorro partiu ontem", "Anime-se, certamente a ajuda vai chegar." Isso era um absurdo, pois eles não *precisavam* de ajuda. Mesmo assim, todas as manhãs, estavam ali, procurando, lendo as mensagens fragmentadas que lhes diziam algo que nunca pensaram em querer ouvir. A notícia correu. Especialmente nas manhãs de domingo, grupos de pessoas ficavam na praia, atentos às ondas, imaginando se a próxima traria uma garrafa com uma mensagem. Às vezes passavam-se semanas sem que aparecesse nem uma garrafa e um dia as ondas traziam duas ou três.

A maioria das pessoas não conseguia entender por que tanto alvoroço. Na ilha cheia de livros bem escritos, dicionários cuidadosamente editados e manuais escritos com clareza, tinham informação e explicação para tudo que já haviam visto ou vivido. Por que alguém ficaria na praia, numa manhã fria, esperando encontrar uma mensagem enigmática que não era sobre de coisa alguma?

Aqueles, porém, que se encontravam na praia compartilhavam uma curiosidade inexplicável e imaginavam o que haveria a mais para eles, no uso da linguagem. Naquelas garrafas, ela estava sendo usada de forma que nunca havia visto: não para mostrar o que estava presente, mas o ausente. Alguém estava dizendo algo que não entendiam e não se preocupava em explicar, informar ou convencer. Curiosamente, este uso da linguagem de forma que não entendiam teve neles efeito mais forte do que a que entendiam. Não era a linguagem a atividade humana mais racional? Como conseguia ela cativar a atenção deles de forma tão completa se não os levava à compreensão? Eles não *aprendiam* com aquelas mensagens. Um desconhecido estava se dirigindo a eles, dizendo algo que eles não sabiam que precisavam de ouvir. O mundo era maior, aparentemente muito maior, do que qualquer coisa que já houvesse sido evidenciada pela linguagem deles. E talvez a vida deles fosse maior do que a expressão a ela dada pela linguagem da ilha. Era isso que os

levava de volta à praia naquelas manhãs e prendia sua atenção às ondas monótonas e ao horizonte enigmático. As mensagens nas garrafas despertaram algo dentro deles que nem sabiam que estava lá: a percepção de que poderia existir muito mais vida do que a linguagem da ilha expressava, que existia mais fora dela do que dentro. Do outro lado dos mares, alguém estava-lhes dizendo algo que soava como a diferença entre a vida e a morte, ou pelo menos entre ser ajudado e estar desamparado. Queriam saber, sobre isso, tudo que fosse possível.

Os bilhetes estranhos adquiriram poder sobre eles e vieram a significar mais do que todos os livros, memorandos e boletins que mantinham as comunicações dentro da ilha em nível tão elevado e eficiente.

Mas a natureza destas palavras não é a de mostrar o que está presente, mas o que existe em outro lugar, ou, pelo menos, aquilo que ainda não percebemos estar presente. A tendência nelas é trazer uma mensagem de algum ponto além de nossa compreensão e não aperfeiçoar nossos sistemas de comunicação. É característica delas atravessar os horizontes de nossa capacidade e invadir o que supúnhamos ser uma ilha com discurso auto-suficiente.

Não faz diferença a mensagem ser fragmentada.

Não importa que não entendamos todos os referentes.

Tanto faz se não conseguimos organizá-la, em uma unidade completa e sistemática.

O que importa é que a mensagem nos liga a um mundo maior, talvez a terra firme.

O que conta é que ela anuncia a ajuda para deixarmos esta existência ilhada - eficiente, suave, científica, harmoniosa - na qual cada um conhece tudo que está em volta, mas não conhece a si mesmo. Nem a seu Deus.

O que não devo fazer é catalogar a mensagem e levar para uma biblioteca, nem estudar a garrafa, analisando sua composição química e descobrindo a técnica de assoprar o vidro, através do qual ela foi feita. Não posso fazer uma

comparação redutiva entre a mensagem e os memorandos concisos da ilha e reescrevê-la, porque "não comunicou bem".

Na maioria das manhãs na ilha, pessoas andam por muitas de suas praias, atentas e espantadas, precisando garrafas com mensagens dentro. Nas manhãs de domingo, elas se reúnem em algumas praias determinadas e lêem umas para as outras o que recolheram durante os anos. Muitas pessoas na ilha já descobriram o porquê de toda aquela agitação em torno das mensagens.

Terceiro Ângulo

A ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

VII. Sendo um Orientador Espiritual

A cultura nos condiciona a nos aproximarmos das pessoas e situações como jornalistas: ver o grande, explorar as crises, editar e resumir o comum, entrevistar o fascinante. As Escrituras, porém, e as melhores tradições pastorais nos treinam em um sentido diferente: notar o pequeno, persistir no comum, apreciar o obscuro.

Erich Auerbach, em seu maravilhoso livro *Mimesis,* viu o significado da fé cristã como "o nascimento de um movimento espiritual nas profundezas do povo comum, fluindo das ocorrências cotidianas da vida contemporânea..."[82] Ele continuou, colocando em contraste o movimento cristão e as conquistas romanas: "Os agentes do cristianismo não apenas organizam sua administração a partir do topo, deixando tudo o mais ter seu desenvolvimento natural, sentem-se obrigados a interessar-se pelos detalhes específicos dos incidentes diários. A cristianização é diretamente voltada para a pessoa e os eventos pessoais, e a pessoa é diretamente voltada para a cristianização." [83]

A orientação espiritual é o aspecto do ministério que explora e desenvolve esta atenção absorvente e devota aos "detalhes específicos dos incidentes diários", e às "ocorrências cotidianas da vida contemporânea". Ela se opõe e resiste à pressão de moldar o trabalho pastoral pelo padrão das "conquistas romanas".

A orientação espiritual é a tarefa de ajudar uma pessoa a levar a sério o que é deixado de lado pela mente tomada pela publicidade e farta de crises. É, ainda, receber o "material de

vida misturado e aleatório" (de novo, palavras de Auerbach) e usá-lo como material para a mais alta santidade.

A orientação espiritual acontece quando duas pessoas concordam em dar atenção completa ao que Deus está fazendo em uma delas (ou nas duas) e procuram reagir com fé. Na maioria das vezes, os pastores dão este tipo de atenção convergente e devota por pouco tempo e sem planejamento. Em outras vezes, as conversações são planejadas e estruturadas. Em qualquer dos casos, essas reuniões são apoiadas por três convicções: (1) Deus está sempre agindo: a graça ativa está moldando esta vida para uma salvação madura; (2) responder a Deus não é mero trabalho de adivinhação: a comunidade cristã adquiriu sabedoria, *com o* passar do tempo, o que fornece orientação; (3) cada alma é única: não se pode simplesmente aplicar alguma sabedoria, sem discernir as particularidades desta vida, desta situação.

*** * ***

Já faz alguns anos que venho conversando com amigos e colegas sobre a orientação espiritual. Muitos não conhecem o termo e não se sentem à vontade com a prática. Mesmo assim, quando conversamos sobre o que fazem diariamente, descubro surpreso que grande parte é orientação espiritual. Mas, quase sempre, descubro algo mais: o que chamo assim é o que eles fazem quando pensam que estão em atividades sem importância. E o que acontece nos cantos, nas partes do dia sem outro compromisso, de improviso. E a praticam menos do que gostariam, porque sua agenda está repleta e estão intensamente envolvidos em terminar uma tarefa ou projeto. Acredito que muitos pastores se dedicariam muito mais à orientação espiritual, *com mais* consistência e habilidade, se percebessem quão mais importante ela é do que nossos professores falaram, e a importância que teve no ministério pastoral nos séculos anteriores.

Acontece que ninguém com quem converso rejeita deliberadamente o trabalho de orientação espiritual, nem fica muito tempo sem praticá-lo, de uma forma ou de outra. Ainda assim, é uma atividade marginal, em sua maior parte. Ela esteve sempre bem no centro do trabalho comum de todo

pastor, mas em nossa época foi afastada para a periferia do ministério.

Ironicamente, muitas pessoas presumem que seja isto que os pastores fazem o tempo todo: ensinar a orar, ajudar a discernir a presença da graça nos acontecimentos e sentimentos, afirmar a luz através da escuridão da peregrinação, guiar a formação de auto-entendimento que seja bíblico e espiritual e não meramente psicológico ou sociológico.

Os pastores, porém, não orientam o tempo todo, nem chegam perto de gastar com isso o tempo suficiente. Alguns não o fazem com freqüência porque não têm ou pensam não ter tempo, o que dá quase no mesmo. Outros desconsideram por não terem idéia de sua importância. Sempre que a praticamos, porém, há o reconhecimento instintivo de que este trabalho está no âmago da vocação pastoral.

A orientação espiritual implica levar a sério, com atenção e imaginação disciplinadas, o que os outros vêem casualmente. "Ore por mim" é, muitas vezes, um pedido despreocupado. O orientador espiritual lhe dá total atenção. Aqueles momentos em que a consciência de Deus rompe a crosta de nossas rotinas - explosão de louvor, angústia de culpa, ataque de dúvida, tédio na adoração - acontecem a toda hora e são mencionados de vez em quando, de forma mais ou menos séria, enquanto nos apressamos para resolver algo grande ou importante. Ser orientador espiritual significa estar pronto a abrir espaço e conseguir tempo para olhar para esses elementos de nossa vida, que não são, de forma alguma, periféricos, mas, sim, centrais: sinais inequívocos de transcendência. Mencionando, atendendo e conversando, ensinamos nossos amigos a "lerem o Espírito" e não se deterem aos jornais.

Um amigo fez isso comigo recentemente. Eu havia voltado para minha igreja, depois de passar várias semanas fora. Um dos presbíteros me encontrou e contou que ervas daninhas haviam brotado no jardim enquanto eu estivera ausente. E apresentou detalhes: críticas cheias de censura sobre assuntos sem importância, comentários negativos sobre mim: nada substancial, mas o tipo de coisa que pode levar a uma atmosfera de suspeita, desconfiança e inquietação. Fiquei

magoado, desapontado e, depois, com raiva. Havia deixado tudo tranqüilo ao partir. Agora, um punhado de pessoas haviam causado agitação, com conversas descuidadas e, talvez, maliciosas. O presbítero aconselhou-me a tratar do problema imediatamente, para preservar a paz e a unidade da Igreja. Disse-me para confrontar, explicar, acalmar e estimular um pouco as pessoas, porque não queria que eu ou meu ministério ficássemos com a imagem distorcida. Ele não queria que a vida na Igreja sofresse qualquer rompimento. Concordei com ele e fiz alguns planos para acalmar a tempestade. Neste momento, um amigo colocou em ação a orientação espiritual. Pediu-me que resumisse o que estava acontecendo. Isso foi fácil: eu estava bravo com o que havia sido dito sobre mim estava preocupado com as sementes de discórdia dentro da congregação. E que iria fazer? Confrontar as pessoas que me criticaram pelas costas e forçá-las a me enfrentarem de frente. Restauraria a paz na congregação com visitas e sermões. Na realidade, isso era o trabalho pastoral rotineiro. Ele interrompeu minha abordagem convencional, perguntando se não poderia haver mais por trás da minha raiva do que indignação justificada. Indagou se ela não poderia ser sintoma de um orgulho que eu não sabia sentir e sugeriu que eu explorasse as dimensões e ramificações de minha raiva. Quanto à inquietação, sugeriu que o Espírito estivesse preparando algo novo no meio da congregação e que as águas poderiam estar sendo agitadas pelo vento do Espírito e não pelo sopro das críticas. Perguntou-me se não seria possível que eu estivesse lutando por uma paz prematura e amena, quando havia algo profundamente criativo acontecendo. Chamou a raiva de pecado, discerniu a inquietação do Espírito. Dirigiu-me ao trabalho essencial de lidar com meu pecado e responder ao Espírito. As ações que eu havia planejado ainda deveriam ser executadas, mas eram apenas detalhes do grande trabalho que estava à minha frente. Ele me levou até o óbvio, que, na obsessão para limpar meu nome e ter uma congregação harmoniosa e feliz, eu não havia notado. É por isso que o trabalho de orientação espiritual é essencial: porque precisamos de lidar com o óbvio, com o pecado e o Espírito, e preferimos tratar de qualquer outra coisa.

Nestes momentos em que estamos conversando com alguém e os espíritos se tocam, "uma profundeza chamando a

outra", sentimos, com freqüência, a confirmação de que estamos fazendo nosso melhor trabalho. Por isso, não há necessidade de nos mandarem desempenhar essa tarefa. Pelo menos, no caso da maioria de nós. Para a maior parte dos pastores, ser orientador espiritual não significa introduzir novas regras ou acrescentar outro item à já imensa lista de nossas atribuições. Significa apenas ajustar nossa perspectiva: encarar certos atos como eternos e não efêmeros, essenciais e não acidentais. Orientadores espirituais eram importantes porque cuidavam do que todos consideravam importante. Hoje, sua importância está em serem praticamente os únicos que ainda confirmam percepções e anseios que todos, em momentos fugidios, acreditam que poderiam ser importantes, mas deixam de lado, cheios de urgência e pressa, e partem para sessões de terapia ou reuniões de comissões. Existem tantas outras coisas clamando por nossa atenção que essas necessidades e anseios expressos timidamente ou apologeticamente são ignorados. A orientação espiritual é a encarregada de atender a essas necessidades silenciosas.

Encontrei-me com meu amigo Tom, que é pastor em uma cidade perto da minha. No meio da manhã, atravessamos a rua para tomar café em uma lanchonete. Fui ao banheiro e, ao voltar, encontrei Tom em uma conversa séria com o garçom. Demorei a voltar, pegando um jornal para ler, a fim de não interrompê-los. Talvez a conversa haja durado três minutos. Voltei para a mesa e, quando estávamos acabando o café, comentei a aparente intensidade deles durante a conversa. Tom contou, com tristeza, a freqüência com que o garçom evocava o que havia de melhor nele, questionando-o, interessado sobre Deus. Então, disse: "Gostaria de poder passar mais tempo neste tipo de atividade. Algumas vezes parece-me que sou mais pastor aqui nesta lanchonete do que em qualquer momento que passo no meu gabinete na Igreja." Perguntei-lhe, então, por que ele não o fazia mais amiúde. Ele me olhou, surpreso; "Onde arrumaria tempo? Além do mais, não é para isso que eles me pagam, certo?"

Isso me parece totalmente errado: que Tom concorde com a idéia de que seu emprego o impede de se envolver com o que sempre se esperou que os pastores fizessem. A orientação

espiritual tem sido improvisada demais, os pastores têm trabalhado nela com superficialidade exagerada.

*** * ***

A recuperação, porém, está acontecendo. Cada vez mais, pastores estão-se apropriando dessa identidade antiga, recusando-se a permitir que ela continue margina! em seus ministérios. O requisito básico para o orientador espiritual é simplesmente levar a sério o que já sabemos serem assuntos sérios - um sinal da graça aqui, um desejo de orar ali - e adaptar a agenda de trabalho às almas do povo, não aos pedidos que eles expressam.

A dificuldade em levar esse tipo de atividade a sério está em vivermos cercados por uma atmosfera tão cheia de urgência e demandas. Os pastores desempenham suas tarefas em meio a engarrafamentos de trânsito, cheios de ruídos advindos das mágoas das pessoas, perigosos em face das ambições que se chocam e urgências afoitas, apinhados de pessoas com a intenção de chegar a seu destino, frustrada e com raiva em face dos impedimentos em seus caminhos. Os pastores não são gurus indianos, assentados calmamente em retiros espirituais, recebendo pessoas que viajam centenas ou milhares de quilômetros para observá-los em posturas de santidade. Nada em nossa cultura e muito pouco dentro das Igrejas encoraja-nos a trabalhar na orientação espiritual. Só com a oposição consciente aos "principados e potestades" nas regiões celestes poderemos fazer com que ela seja mais do que uma intenção procrastinada com pesar.

O simples ato de dar nome é parte da recuperação. "Orientação espiritual" não é o único termo adequado para descrever o trabalho, e não insisto neste ponto. E nem o nome é essencial. Não há dúvida de que um número significativo de pastores nunca se afastou de seu trabalho central e nunca ouviu este termo e nem um de seus sinônimos.

Mesmo assim, dar nome é importante. O que não tem denominação muitas vezes não é notado, porque ela ajusta o foco da atenção. O nome adequado confere dignidade. A experiência mais marcante que tive com isto foi aprendendo os nomes de pássaros. Conheço aves desde bem pequeno, e

aprendi o nome de algumas: tordo, gralha, pardal. Estas eu notava, ao contrário das outras. Sabia que estavam no ar, nos arbustos e nas árvores, mas nunca lhes dava muita atenção. Até que me tornei observador de pássaros. Aprendi a olhá-los atentamente, e não de relance. Poucas semanas depois, via grande variedade e notava as diferenças extraordinárias entre um e outro. Comecei a perceber que ainda havia muito para aprender e que precisaria da vida inteira para dominar o assunto, e me arrependi de haver começado tão tarde. Um novo mundo se abriu ante meus olhos: cores, sons, padrões de vôo. Tudo havia, porém, estado sempre ali. E por que estava vendo agora? Em grande parte porque sabia os nomes. Sem a taxionomia, a ciência da classificação, nunca notaria, nem me lembraria, do vireonídeo de olho vermelho, do tentilhão, do papafigo de Baltimore, da corruíra e do pica-pau Lewis.

Warren marcou um encontro comigo. Ele acreditava em que as outras pessoas tinham muito mais experiências na vida cristã do que ele estava tendo. Guardou para si essa preocupação por muito tempo, porque pensava haver algo errado com ele. Achava que era uma pessoa insípida e sem atrativos. Não havia dentro dele qualquer entusiasmo. Os outros falavam de graça, misericórdia, alegria e paz em Cristo, e ele se sentia alheio ao assunto. Quando se abriu comigo, fiquei sabendo que tinha um importante relacionamento em sua vida, que era extremamente infeliz. Ninguém mais sabia disto. Ele havia decidido simplesmente conviver com o problema, tentando não sentir pena de si mesmo e prosseguir, da melhor maneira que conseguisse. Chegara à conclusão de que a pessoa envolvida no relacionamento era emocionalmente doente e que não poderia esperar melhora alguma na situação. Mesmo assim, não conseguia deixar de ter esperança. Seria corajoso na esperança. Eu o ouvi, muitas vezes. Oramos juntos. Depois de várias semanas, arrisquei-me a perguntar: "Você disse que essa pessoa é 'doente'. Isso quer dizer que ninguém é responsável pelos acontecimentos. Então, se procurarmos bem, poderemos encontrar algum remédio ou terapia que vai fazê-la melhorar. Mas e se chamássemos a atitude dela de 'inveja'? Isso significa que existe maldade ativa por trás de tudo. Você chamou a sua parte de 'coragem'. E se a chamássemos de 'indolência', significando que você é muito preguiçoso para se atirar ao trabalho árduo da oração, em

uma guerra espiritual?" O entendimento foi imediato. Através do ato simples de dar os nomes adequados, ele discerniu a realidade de sua vida. A carência emocionai não era a responsável pela monotonia em sua vida, um desejo maligno havia enfraquecido seu espírito. Com o desenrolar da orientação e do encorajamento, ele desistiu de lutar contra a "carne e sangue" e entrou na luta contra os "principados" e "potestades" (Ef 6:12), e gradualmente começou a saber, interiormente, o significado de graça, misericórdia, alegria e paz em Cristo. Ser um orientador espiritual significa reparar no que é familiar, dar nome ao que é individual. É necessário ser instruído nas grandes verdades de pecado, graça, salvação, expiação e julgamento, mas isso não é suficiente. Grande parte de nosso trabalho acontece nos detalhes individuais. É essa a diferença entre ter uma vaga noção da presença dos pássaros e saber o nome deles. Cada tentação tem aparência e nuanças próprias. Cada graça tem sua própria atmosfera e ângulo de refração. Na orientação espiritual nos dedicamos mais a descobrir tentações particulares e graças reais do que a aplicar verdades. Hábitos de julgar e rotular casualmente e com superficialidade desperdiçam as energias da pessoa que tenha a imaginação disciplinada e atenda em oração.

Dar nomes, para mim, trouxe o entendimento em assuntos que estavam muito confusos. A tradição na qual cresci chamava de "ajuda devocional" e "auxílio inspirativo" toda discussão sobre a prática da oração e do discernimento e qualquer esforço para reconhecer a presença de Deus e dirigir a formação da fé amadurecida. Qualquer um que tivesse algo útil a dizer sobre a natureza orientadora e encorajadora era estocado no celeiro devocional/inspirativo. Acontece que muitas pessoas têm conselhos espirituais para dar a seus irmãos e irmãs na fé. Toda experiência que edifique, acontecida enquanto se participa dos dez minutos finais de uma competição esportiva ou se troca uma fralda, qualquer pensamento devocional que se tenha durante o banho matutino, tudo pode ser usado na orientação espiritual. A sinceridade verdadeira, sem distorções causadas pela sabedoria, dá autoridade para falar ou escrever com, como se diz, "todos os direitos e privilégios a ela pertinentes". Um sorriso vitorioso é amplamente usado para compensar, adequadamente, a falta de habilidade para escrever. Os pontos

de exclamação, usados em quantidade, cobrem uma multidão de deficiências sintáticas. Histórias engraçadinhas e sentimentais, que visam a mostrar a busca da santidade são paródias que causam embaraço. No momento em que a sinceridade e o sentimentalismo se encontram, a "ajuda devocional" e o "auxílio inspirativo" se tornam realidade.

Li muitos livros, esperando aprender neles sobre a oração e sobre "sentir" a fé, ansiando conseguir orientação para as obscuras complexidades da jornada da alma. Acabei ficando enjoado das obras de terceira categoria e desgostoso com a desonestidade vulgar. Procurei alimento mais sólido na teologia, história e exegese hebraicas e gregas. Adotei uma postura de rejeição condescendente para com a inspiração e a devoção. Ainda guardava, porém, o anseio por orientação. A fome por companheirismo não acabaria. Guardei, mas não abandonei completamente a esperança por assuntos que tratassem da vida espiritual, por mentores para oração, por companheiros experientes para a viagem da alma.

Foi aí que comecei a encontrá-los, um por um, em lugares variados. Nos cantos escuros das bibliotecas, longe das prateleiras dos *best-sellers.* Em pessoas quietas, discretas, bem distantes dos refletores promocionais. Li, ouvi e descobri pessoas que eram, ao *mesmo* tempo, equilibradas *e* devotas, disciplinadas e maduras, inteligentes e sábias. Não havia muitas, mas, com toda certeza, *havia* algumas. Elas trouxeram inteligência arrebatadora, imaginação disciplinada e moral e maturidade espiritual aprovada aos assuntos de Deus e da alma. Estavam lidando com questões que eu havia levantado enquanto me movia pelo âmago da fé, lutando para encontrar meu rumo pessoal através das dificuldades das Escrituras ou dos mistérios da oração ou da "noite tenebrosa da alma".

Fiquei encantado ao encontrar homens e mulheres bondosos, pensando diligentemente e vivendo cheios de ardor no que há de mais profundo na vida. Mas fiquei, também, surpreso, pensando por que nenhum professor havia sequer mencionado o assunto da orientação espiritual. Por que nenhum pastor havia demonstrado mais dó que interesse superficial quando tentei dar voz ao que havia em meu coração? E, mais tarde, por que ninguém me disse que o trabalho essencial em que deveria ocupar-me como pastor

tinha rica tradição de prática e aprendizado, e que eu precisava de tomar conhecimento dela? Eles se preocuparam muito em me ensinar as Escrituras e teologia, e por que mantiveram tudo isso longe de mim? Por que ninguém me deu um livro de pássaros e binóculos? Foi ignorância ou indiferença? Nunca ficarei sabendo.

Há alguns anos, um jornal erudito dedicou uma edição a comemorar as realizações de um pastor, líder teológico da atualidade, mestre que influenciou o formato do ministério, talvez mais do que qualquer outro na igreja dos Estados Unidos. Neste tributo, nenhum dos artigos mencionou oração ou orientação espiritual. Consultei os livros escritos por ele - possuo todos - e, olhando os índices, não encontrei qualquer tópico sobre oração ou orientação espiritual, e isso na obra de um homem que nos está ensinando a ser *pastores!* Sem dúvida, presume-se que aprendemos essas duas atividades no colo de nossa mãe, ou na escola dominical. Por favor, não é esse o tipo de assunto com o qual um seminário deva preocupar-se!

*** * ***

Nicholas Berdyaev joga luz sobre o campo da orientação espiritual com esta sentença: "Em certo sentido, cada alma de um ser humano tem mais significado e valor do que toda história, com seus impérios, suas guerras e revoluções, suas civilizações florescentes e desvanecentes."[84] Mas quem insistirá nesse significado e valor, num mundo ansioso por generalizações e acostumado a lidar com mercadorias? Prefiro os pastores que, no meio de suas outras tarefas, assumem o trabalho da orientação espiritual.

Qualquer cristão pode ser um orientador, e muitos o são, já que este trabalho não é prerrogativa de ministros ordenados. Alguns dos melhores orientadores são simplesmente os amigos. Alguns dos mais famosos eram leigos. Mas o fato de qualquer pessoa poder orientar, em qualquer lugar e em todo tempo, não deve ser interpretado para se mostrar que se pode fazê-lo de forma casual ou indiferente. É necessário a prática por toda a vida, voltada para a busca da santidade.

O que se requer é que na vida cotidiana nos dediquemos à oração com a mesma disciplina, atenção e discernimento que usamos no preparo de palestras e sermões, compartilhando crises de doença e morte, celebrando nascimentos e casamentos, iniciando campanhas e despertando visões. Orientar espiritualmente significa focalizar as áreas da vida que são relegadas ao esquecimento, preocupando-se com elas e orando a respeito. Ser orientador significa dispensar ao comum, entediante e sem importância o mesmo cuidado, habilidade e intensidade que tão prontamente dispensamos às conversões e proclamações importantes.

A maior parte da orientação espiritual é espontânea e informal, ocorrendo, sem planejamento, nos momentos adequados. Recebi orientação de pessoas que não sabiam que a estavam concedendo. Enquanto esperava o sinal verde, escalava uma montanha, interrompia uma tarefa para tomar café. Ao olhar para trás, fico impressionado ao perceber como essas trocas sem importância, não marcadas, informais, foram importantes em minha formação.

De vez em quando, acontece de modo formal: marca-se uma conversa, na qual duas pessoas esperam encontrar companheirismo, encorajamento e discernimento na busca da vida de oração, desenvolvendo uma fé integrada e madura, conservando-se atentas e alertas às ações de Deus, em todo o tempo e em todas as situações. Mas, exceto por aqueles que são separados vocacionalmente para dispensar orientação espiritual nas comunidades ou escolas, não é esta a tarefa formal que os pastores mais desempenham. No meu caso, pelo menos, ela envolve apenas cinco ou seis pessoas com quem me encontro, a intervalos de quatro a seis semanas.

Os aspectos, porém, informais da orientação espiritual estão presentes todo o tempo para os pastores. C. S. Lewis nos descreveu como "aquelas pessoas, em particular, no meio de toda a Igreja, que foram separadas especialmente para atentar para o que nos toca, como criaturas que vão viver para sempre".[85] As pessoas querem mais da fé, da vida, e de Deus, e é razoável que busquem a orientação de seus pastores, e elas não esperam até que estejamos nos púlpitos para olhar para nós e nos ouvir. Não temos consciência de poder ser muito importante o que somos ou o que dizemos para qualquer

pessoa, a qualquer momento. Inadvertidamente ou intencionalmente, fazemos diferença. Perceber isso nos motiva a aprender as disciplinas para a orientação espiritual. Em oração, cultivamos a consciência de que Deus tem propósitos para esta pessoa, está agindo nesta situação, está trazendo algum sentido ao processo para satisfazer ao que ela deseja, nesse exato momento.

Esta é uma parte de nosso trabalho que, teimosamente, resiste a generalizações. Mesmo assim, arrisco-me a fazer uma: as partes "sem importância" do ministério podem ser as mais importantes. O que fazemos nos momentos em que pensamos não estar desempenhando tarefa significativa talvez seja o que faça mais diferença. Certamente, é verdade em minha vida que as pessoas que mais me ajudaram não estavam tentando fazê-lo e nem sabiam que estavam indo em meu auxílio. Pelo contrário, as que tentaram com mais empenho me socorrer com freqüência não foram de qualquer ajuda. As que me tomaram como objeto de trabalho tomaram a fé mais difícil, e não poucas vezes colocaram obstáculos em minha vida que levaram anos para ser removidos ou contornados.

Por sua natureza obscura, cotidiana, discreta, tranqüila, este trabalho é o que precisa de mais encorajamento, se desejarmos mantê-lo como centro de nossa consciência e prática. Na realidade, é a tarefa para a qual recebemos menos encorajamento, já que está sempre sendo empurrada para o lado, em face da mentalidade de urgência de nossos colegas, voltada para o desenvolvimento da carreira, e das solicitações cheias de pressa e famintas de estímulos de nossos membros da igreja.

*** * ***

Nossa relutância em nos atirarmos ao trabalho sem *glamour* e obscuro da orientação espiritual não é nova. Os aspectos mais públicos, exortativos e motivacionais do ministério sempre foram mais atraentes. No primeiro século, Paulo observou: "...ainda que tivésseis milhares de professores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais (1 Co 4:15). É mais fácil dizer às pessoas o que..." devem fazer do que estar

com elas, em companheirismo cheio de discernimento e oração, à medida que prosseguem. A razão desproporcional entre "professores" e "pais" não se alterou nos vinte séculos que passaram. Acima de tudo, é aumentada pelo *marketing* de massa sobre ajuda espiritual. As pessoas, em busca de orientação, pegam livros descartáveis, artigos resumidos e programas de entrevistas na televisão. Mas a verdadeira natureza da vida de *fé* requer que sejamos pessoais e intuitivos, se quisermos amadurecer: não apenas sabedoria, mas uma pessoa sábia, que nos compreenda em relação à sabedoria. Uma pessoa necessitada e em crescimento está vulnerável, e aceita, prontamente, os conselhos oferecidos com sinceridade. Mas a ajuda que poderia ser adequada a outra pessoa, ou até mesmo para esta pessoa, só que em outro momento, pode estar errada para essa pessoa, nesse momento. Por isso, a necessidade da congregação, de receber orientação espiritual pessoalmente, não pode ser deixada à responsabilidade de livros, fitas *cassete* ou vídeos. Esta é a verdadeira função dos pastores.

Existem tantas formas diferentes de se realizar este trabalho quantos diversos tipos de areia ou tipo de flores. Nossa individualidade, bem como a dos outros, cresce nesses encontros e reuniões, de forma que é impossível predeterminar o que deve ser feito ou falado. Mas existe uma postura básica que adotamos. Seria falta de sabedoria esquecer, mesmo por um momento, que somos pecadores, lidando com outros pecadores. Ainda assim, estamos voltados, em primeiro lugar, para Deus, procurando sua graça. É mais fácil procurar o pecado. As variações do erro são finitas. Os "pecados mortais" podem ser enumerados. É a virtude que exibe a fertilidade infinita da criação.

Um dos temas favoritos de C. S. Lewis era: "O céu conterá muito mais variedade do que o inferno." Todos os nossos pecados guardam alguma semelhança entre si. Não existe muita originalidade no pecado. Mas, enquanto cultivamos a prática da orientação espiritual, *encontramo-nos* trabalhando em *um campo onde o* Espírito é criativo e as formas da graça não se repetem. Na observação refinada de George Eliot, "percebemos que a complexidade misteriosa de nossa vida não será abarcada por máximas, e que prender-nos

em fórmulas deste tipo é suprimir todas as advertências e inspirações divinas que brotam da percepção e simpatia crescentes".[86]

VIII. Conseguindo um Orientador Espiritual

Existe um ditado entre os médicos que diz: "Um médico que cuida de si mesmo é atendido por um tolo." Entendo que isso significa que o cuidado com o corpo é assunto complexo, que requer julgamento frio e impessoal. Não apenas temos corpos, nós o *somos,* e ninguém é capaz de ser completamente objetivo com relação a seu próprio corpo. Todos nós, até mesmo médicos, queremos ser animados, não curados. Preferimos conforto à integridade. E podemos iludir-nos sobre nós próprios, indefinidamente.

Se aqueles a quem confiamos o cuidado de nossos corpos não podem tratar dos deles, muito menos os que têm como responsabilidade o trato de nossa alma podem atender as deles, já que elas são muito mais complexas e têm, correspondentemente, maior capacidade de se auto-iludir.

Durante muito tempo na vida da Igreja, esperava-se que o pastor, a quem havia sido confiada a orientação pessoal e detalhada do povo na jornada e no crescimento no caminho da fé, receberia orientação equivalente. A descrição do trabalho[87] incluía a existência de um orientador espiritual, mesmo que não fosse exatamente esse o nome dado. Não é mais assim. É difícil encontrar, hoje, um pastor que tenha alguém para orientá-lo.

A perda generalizada do que, em tempos mais saudáveis, era tido como certo leva os pastores a correrem riscos enormes, que comumente não são percebidos. A destruição é acumulativa: pastores que não oram, não crescem na fé, não sabem diferenciar entre cultura e Cristo vivem atrás de novidades, são cínicos e têm a imagem desgastada. Depois de passar vinte anos orando, sabem menos sobre oração do que no dia da ordenação, têm egos arrogantes e extravagantes, inchados por anos de bajulação tola feita por cristãos bem-intencionados: "Grande sermão, pastor... Oração maravilhosa,

pastor... Eu não teria conseguido, se não fosse a sua ajuda, pastor..."

A posição de autoridade é perigosa. Nos momentos marcantes da vida - batismo, confirmação, casamento, reconciliação, morte -, o pastores se vestem de dignidade e representam a autoridade de Deus. Proclamamos a palavra dEle, cheia de autoridade, no púlpito, na mesa, no batistério. Pessoas de todos os tipos e condições vêm até nós e ouvem a palavra de Deus definitiva, dita por nossa boca. Expõem os pecados e mágoas de sua vida cheia de culpa, confiando em nosso sábio discernimento. Olham para nós como pessoas investidas de autoridade.

Mas a prática de nossa fé envolve atitude exatamente oposta à autoridade, ou seja: requer o exercício da obediência. A fé é ato de submissão ao Senhorio de Cristo, reação voluntária a seus mandamentos. Embora muitas atividades no escritório pastoral exijam que usemos de autoridade, no nome de nosso Senhor, nossa identidade cristã consiste em servir. Como era característico nele, Paulo levou este conceito ao extremo: escravo *(doulos).* Se estamos, porém, o tempo todo exercendo autoridade, quando teremos a oportunidade de praticar a obediência?

Nossa posição requer atos de autoridade, nossa fé exige que vivamos em submissão. Quem representa a autoridade de Deus para nós, enquanto passamos os mandamentos dEle para nossas congregações e comunidades? Nossa já grande propensão para o orgulho é estimulada dezenas de vezes por dia, sem que ninguém esteja presente para nos alertar. Não é só agradável para um pastor ter um orientador espiritual, é indispensável:

Todos deveriam conhecer esta verdade: ninguém é dotado de tanta prudência e sabedoria que seja apto a guiar sua própria vida espiritual. O amor-próprio é um guia cego e engana muitos. A luz de nosso próprio julgamento é fraca e não podemos divisar todos os perigos ou ciladas e erros aos quais estamos propensos na vida do espírito.[88]

No mundo mais perfeito possível, nenhum pastor "conseguiria" um orientador espiritual, porque todos já teriam um: não por sua escolha ou inclinação, mas por designação, já que

o próprio ato de escolher uma pessoa para esta função pode impedir aquilo que estamos buscando. Se evitarmos as pessoas que, parece-nos, não terão terna simpatia pelos ídolos que mantemos com mais cuidado, e optarmos por conversas cômodas, apenas aumentamos o risco que corremos. Acontece que não vivemos no mundo mais perfeito possível, no qual alguém cuida destes assuntos para nós, e o perigo vocacional/espiritual no qual vivemos é tão grande que, arriscado ou não (mas tendo bem em mente o perigo), os pastores precisam de conseguir orientadores espirituais. Nossa sanidade espiritual exige.

No meu caso, arrumar um orientador significou superar a tendência, de toda a minha vida, para ir contra qualquer pessoa que exercesse autoridade espiritual sobre mim. Ouvia os mais velhos, é claro - pastores e professores -, mas sempre nos meus termos: escolhia o que me agradava e rejeitava o resto.

Do Monte Sião de Isaías ao Monte Purgatório de Dante, escalar uma montanha tem sido metáfora para o desenvolvimento da vida de fé. A maioria dos alpinistas experientes, frente a uma montanha difícil e alta, amarra-se um ao outro para a escalada. O líder é um alpinista experiente e, se alguém cai, há um sistema de segurança: a ligação entre eles. Mas alguns resolvem partir sozinhos. Exploram a vegetação, verificando cuidadosamente cada dificuldade da montanha através de guias impressos, mapas, bússola e muita tentativa e erro. Esses alpinistas também chegam ao topo, mas os acidentes e mortes são muito mais freqüentes entre eles. Nunca me ocorreu ter um guia quando estava nas partes mais baixas da montanha. Mas, na metade do caminho para o topo, alarmado com a quantidade de corpos mutilados e mortos de outros pastores que eu via, fiquei assustado. Consciente do perigo da jornada e de minha ignorância sobre a montanha, decidi que precisava ter um guia habilidoso, um orientador espiritual. Posso expor o modo como o fiz, acredito, através de uma historieta representativa:

Há vinte e cinco anos, em Baltimore, ouvi Pete Seeger tocar banjo de cinco cordas. Estava no curso de graduação na Universidade Johns Hopkins e tinha pouco dinheiro, mas a pobreza não é empecilho no curso dessas urgências: na manhã

seguinte fui às lojas de objetos usados, na Rua East Baltimore, e comprei um banjo por onze dólares. Encontrei um manual de instruções, em uma loja de livros usados, por cinqüenta *cents*. Estava no caminho certo. Apliquei-me a dedilhar, muito sem jeito, a dar golpes nas cordas e fazer acordes. Não tinha tempo nem dinheiro para instrução formal, mas em raros momentos entre seminários e trabalhos da universidade dediquei-me a produzir os sons e a cantar as canções que Seeger havia introduzido em minha vida. Nos anos seguintes, o ímpeto do primeiro entusiasmo diminuiu. Eu me repetia muito. De vez em quando pegava outro manual, outro livro de canções.

Ocasionalmente, alguém que tocava banjo visitava nossa casa e eu aprendia uma nova técnica. Naqueles momentos tomava-me rapidamente consciente da grande quantidade de conhecimento que os tocadores de banjo têm, e tomam como certa. Reconhecia alguns itens das notas de rodapé e dos apêndices de meus livros. Afinal, entendi que, se quisesse avançar, precisava de um professor. Não me faltava conhecimento: minha pilha de manuais era bem grande. Não carecia de material: meus livros tinham muito mais músicas do que eu poderia aprender a tocar bem. Mas não parecia que eu fosse capaz de conseguir aprender apenas lendo sobre as músicas e do instrumento.

Não arranjei um professor. Nunca chegou a hora. Procrastinei. Ainda toco e canto as mesmas músicas que aprendi nos primeiros anos. O som animado e brilhante do banjo, que sempre provocou o bater dos pés e a risada sussurrada, agora aborrece tremendamente minha esposa e filhos. Eu não estou nem um pouco aborrecido. Ainda pretendo arrumar um professor.

*** * ***

Desde bem jovem senti um desejo ardente de orar. Nos momentos em que as brasas esfriaram, como aconteceu de vez em quando, apliquei os foles de palestras, livros, seminários ou conferências. O movimento evangélico, no qual cresci, exortava freqüentemente à oração. Disseram-me, de muitas e variadas maneiras, que sua prática era premente. Existia, ainda, grande quantidade de material didático sobre ela, sendo

a maior parte em livros. Atendi às exortações e li os livros. Embora essas fontes fossem úteis para me iniciar e estabelecer na prática, chegou um tempo em que senti necessidade de algo mais: mais pessoal, mais íntimo.

Mas quê ? Tateando para encontrar a explicação que queria, acabei descobrindo o que não queria. Não ansiava por um conselheiro ou terapeuta. Não tinha conhecimento de qualquer neurose que me incapacitasse e precisasse de tratamento. Não queria informação, já sabia muito mais do que praticava. Não era por causa de falta de conhecimento que estava inquieto. E não era exatamente um amigo o que queria, alguém com quem pudesse descarregar minhas esperanças e medos interiores, no momento em que sentisse vontade.

O sentimento de carência era vago e desfocado. Tinha, porém, a ver com meu desenvolvimento na oração e meu crescimento na fé: e eu sabia disso. Relacionava-se, ainda, com o que Francis de Sales chamou "as ciladas e enganos do perverso".[89] Mas eu não sabia como satisfazer à minha necessidade. Comecei a orar, pedindo alguém que me guiasse nas partes essenciais e formativas de minha vida: minha percepção de Deus, minha prática de oração, minha compreensão da graça. Queria alguém que levasse tão a sério (ou mais) quanto eu levava minha vida de oração e peregrinação com Cristo, que fosse capaz de se calar o tempo necessário para ouvir as características peculiares de minha espiritualidade, e que tivesse a prudência disciplinada para não impor-me uma forma externa.

Logo, entendi a raiz de minha relutância: não desejava compartilhar o que havia de mais essencial para mim. Queria manter o controle, ser o chefe. Havia sentido muitas vezes a solidão da oração e reclamado de vez em quando, mas agora havia, inconscientemente, encontrado prazeres a que me apegava e detestava ter que desistir deles: um tipo de espiritualidade elitista, alimentada pela incompreensão ou falta de entendimento dos outros. Isto se extinguiria no momento em que outra pessoa compreendesse e entendesse. Eu queria estar encarregado de minha vida interior, ter a palavra final em meu relacionamento com Deus.

Eu não tinha idéia de ter esses sentimentos, e fiquei verdadeiramente surpreso com a intensidade deles. Tentei seguir a racionalização teológica: Cristo era meu mediador, o Espírito orava profundamente dentro de mim, além das palavras, e um orientador espiritual iria interferir nestes relacionamentos básicos. Mas, conquanto a teologia fosse forte, a relevância de minha condição não era. O que detectei dentro de mim mesmo não foi uma luta pela integridade teológica, mas, sim, uma batalha com o orgulho espiritual.

Passou exatamente um ano antes que eu pedisse a John para ser meu orientador espiritual. Mas esse ano não foi perdido. Agora eu sabia pelo menos uma razão por que os antigos mestres recomendavam que se tivesse um orientador, e por que insistiam em que nunca estaríamos crescidos o suficiente para não precisar dele. O motivo era o orgulho, este mal incrivelmente desonesto, tão insidioso que chega a ser alarmante, tão difícil de ser detectado por mim, mas tão óbvio para um amigo cheio de discernimento. Ao mesmo tempo, percebi um componente de minha solidão espiritual: não ter quem avalie a intensidade das lutas e disciplinas espirituais. De novo, o orgulho, que isola.

Em nossa primeira reunião, John perguntou que expectativas eu tinha. Não tinha expectativa alguma. Nunca havia feito isso antes e não sabia como deveria ser. Sabia, apenas, que desejava explorar as dimensões pessoais da fé e da oração, junto com um guia, em lugar de trabalhar com tentativa e erro, como vinha fazendo. Refletindo sobre do que se desenvolveu nessas conversas mensais, percebo três elementos.

O primeiro elemento que notei ao começar a me reunir com meu orientador foi o aumento acentuado na espontaneidade. Já que ele concordou em dar atenção à minha condição espiritual comigo, não me sinto mais totalmente responsável por vigiá-la. Agora que alguém com experiência em avaliar a saúde e patologia da vida de fé está presente para me dizer se estou no caminho errado, deixo de pesar e avaliar cada nuança de atitude e comportamento. Tive sempre uma tendência à compulsão nas disciplinas espirituais, e freqüentemente persistia em certas práticas, quer gostasse ou não, ano após ano, teimosamente determinado a criar as

condições nas quais estaria pronto e receptivo para qualquer coisa que o Espírito quisesse fazer em mim. Sabia dos perigos da rigidez obsessiva e tentei resguardar-me contra eles. Contudo, era exatamente este o problema. Era o disciplinador de minha vida interior, o que estava sendo disciplinado e o supervisor de meu disciplinador: muitos papéis a serem desempenhados alternadamente durante o dia. Imediatamente deixei de ser "supervisor" e dividi a responsabilidade do "disciplinador" com meu orientador. A carga psicológica foi reduzida de forma radical. Relaxei. Não tinha mais medo de estar sujeito à auto-indulgência furtiva no caso de me desviar do caminho certo; sabia que qualquer erro seria logo apontado por meu orientador. Confiei mais em minha intuição, sabendo que qualquer engano seria, mais cedo ou mais tarde, mostrado por ele. A linha divisória entre meus períodos de oração e meditação e o resto de minha vida se tornou incerta. Eu não tinha mais a responsabilidade total pela execução das disciplinas. Descobri-me mais espontâneo, mais livre para inovar, mais à vontade para ser improdutivo e me divertir.

Outro elemento que percebi foi que existem assuntos que raramente, se é que o faço alguma vez, trato com outras pessoas e que regularmente trago para meu orientador. Não são coisas vergonhosas, que desejo manter escondidas, nem lisonjeiras, da quais não quero falar, por ser modesto. São aspectos mundanos e corriqueiros de minha vida. Não os trato em conversas comuns porque não quero entediar minha família e meus amigos. Não quero que percam o interesse em mim e procurem pessoas que tenham conversa mais interessante, da mesma forma que procuram um tocador de banjo melhor do que eu. Mas esses assuntos ocupam grande parte de minha vida. Expressando interesse em quem eu *sou* (e não no que faço) e dirigindo sua atenção para o que *é* (e não para o que deveria ser ou o de que eu gostaria que fosse), meu orientador torna a reflexão falada possível nestas áreas.

Estou acostumado a procurar os sinais da presença de Deus nas crises e nas bênçãos e sou forçado a olhar para Ele quando falho ou peco. Sinto-me motivado a me voltar para Deus quando todos os fetos convergem para uma experiência completa. Mas, e na confusão costumeira? É aí que me estou preparando para o próximo triunfo, ou escorregando para o

próximo desastre. Mas o que dizer sobre explorar a simplicidade cotidiana da presença de Deus e atuação da graça? No momento em que "nada acontece", será que algo *está acontecendo?* As horas vazias, intervalos, *os comportamentos* rotineiros são, também, nas palavras de Gerard Manley Hopkins, "carregados com a grandeza de Deus". Sempre soube disso, mas era caprichoso e sem constância na exploração do assunto. Agora, em relação a essa pessoa com quem não preciso sustentar meu lado na conversa, tenho espaço e tempo disponíveis para fazer incursões no comum. Lembro-me da insistência de James Joyce em que "a literatura trata do ordinário; o diferente e extraordinário pertencem ao jornalismo"[90], e vi a analogia com o que acontecia em nossas conversas. Acredito que, se aparecesse um problema realmente grande e assomasse em minha vida agora, eu relutaria em falar sobre ele com meu orientador, porque isso implicaria tomar tempo dispensado ao mundo maior, do que não é problemático.

O terceiro fato que me chamou a atenção foi a diferença entre estar em contato com a tradição oral e não com a escrita. Descobri os mestres de oração da Igreja antiga e, conseqüentemente, mergulhei em seus escritos. A experiência e a análise deles me eram familiares, e lucrei muito com a leitura. Alguns pareciam estar vivos e serem meus contemporâneos. Por muito tempo, pareceu que isso bastava. Existe, porém, uma diferença radical entre um livro e uma pessoa. O livro fala sobre a noite escura e a pessoa comenta a *minha* noite escura, e, mesmo que as palavras sejam as mesmas, são diferentes. Posso ler sem me envolver, mas não há como ouvir sem envolvimento. A proximidade e intimidade da conversação transformam o conhecimento em sabedoria.

Existe ainda o elemento do tempo. Dentre todos os escritos sobre a oração, as centenas de verdades sobre a fé, e a miríade de verdades penetrantes sobre a vida espiritual, que *é* apropriado para *esse* momento? Procurar nos índices para encontrar a página onde certo assunto está apresentado não é o mesmo que ter uma pessoa que percebe e dá nome à verdade que estou agarrando neste momento, em minha própria vida.

Nos encontros com meu orientador espiritual, muitas vezes me senti levado a uma tradição oral e viva Estou em

contato com um poço de sabedoria e percepções sobre a vida de fé e a prática da oração, de modo diverso do que acontece quando estou sozinho em meu gabinete. Não é diferente da experiência que tenho na adoração, enquanto participo da leitura das Escrituras, pregação, canto dos hinos etc. Estes assuntos não são tão importantes, porque se tem conhecimento *sobre* eles. Não é assim com a vida orgânica, na qual se *entra.* Na orientação espiritual, sou levado a olhar para minha individualidade dentro do contexto maior e a discernir mais precisamente onde o desenvolvimento de minha fé se encaixa, no horizonte do julgamento e da graça.

*** * ***

É bastante óbvio que nenhuma dessas experiências depende de se ter um orientador espiritual. Nenhuma delas foi nova para mim, foi novo apenas o grau em que ocorreram. Algumas pessoas têm desenvolvimento maravilhoso nessas áreas sem nunca ter ao menos ouvido em relação à de orientação espiritual. Ainda assim, durante a maior parte da história da fé cristã, esperava-se que cada pessoa tivesse um orientador. Em algumas partes da Igreja, ainda é assim. Não é uma prática excepcional, nem exclusiva, daqueles que têm um dom para a oração ou são mais motivados do que os outros. De fato, à medida que a responsabilidade e a maturidade da vida da fé crescem, as sutilezas das tentações também aumentam e a urgência de ter um orientador espiritual se torna maior.

Soren Kierkgaard escreveu em sua obra, *Concluding Unscientific Postscript:* "A orientação espiritual deve explorar cada caminho, saber onde os erros se ocultam, onde os humores têm seus esconderijos, como as paixões se entendem na solidão (e todo homem que sente paixão é sempre, em algum grau, solitário apenas os choramingas deixam seus corações totalmente escondidos); é preciso saber onde as ilusões espalham suas tentações, o lugar em que os atalhos terminam abruptamente".[91] Os maiores erros na vida espiritual não são cometidos por noviços, mas por conhecedores. A maior capacidade de enganar-se na oração não está nos primeiros anos, mas nos do meio e nos últimos. Percebo que não é sábio tratar levianamente ou como assunto

de preferência pessoal o que a maioria das gerações de cristãos considerou essencial.

IX. Praticando a Orientação Espiritual

Cinco pastores tiveram oportunidade de conceder orientação espiritual a George Fox nos primeiros meses de seu despertamento espiritual. Todos falharam completamente. Fox estava no final da adolescência quando passou por essa seqüência desencorajadora de má orientação. Ele não aponta a natureza do problema que o levou a procurar os pastores. Algumas vezes se refere a "desespero e tentação". É claro, porém, que ele estava buscando Deus. E nenhum dos pastores notou.

Não é surpresa que todos os cinco hajam falhado. George Fox era complexo. A orientação espiritual é difícil. Não existe sabedoria pastoral para comprar. Todo pastor novo, com o coração cheio de anseios indefinidos e a mente cheia de questões perturbadoras, é complexo de alguma forma. Não existem fórmulas totalmente à prova de enganos.

Fox conta a história em seu *Diário.* Refletindo sobre as reações inadequadas mas representativas desses pastores, colegas nossos que viveram há trezentos anos, aprendemos pelo menos como *não* agir. Apenas os pastores que não conhecem a história estão condenados a repeti-la.

Primeiro Pastor: Nathaniel Stephens

> Depois de algum tempo, voltei para meu país, e fiquei lá cerca de um ano, passando por grandes tristezas e problemas, e andei sozinho durante muitas noites. Então, o pastor de Drayton, a cidade em que nasci, cujo nome era Nathaniel Stephens, veio ver-me muitas vezes, e eu também fui vê-lo. Algumas vezes outro pastor vinha com ele, e os dois me davam oportunidade de falar e me ouviam, e eu os questionava e arrazoava com eles. E esse

> pastor, Stephens, fez-me uma pergunta, a saber: "Por que Cristo gritou na cruz 'Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?' e por que disse: 'Se possível, faça de mim este cálice, porém não seja como eu quero, mas como tu queres'?" Eu lhe disse que, naquele momento, todos os pecados da humanidade estavam sobre Jesus, e suas iniqüidades e transgressões, petas quais foi ferido, que teria que carregar, e ser oferecido por elas como homem, mas não morreu como Deus; e assim, havendo morrido por todos os homens, e provado a morte por cada homem, era uma oferta pelos pecados de todo o mundo. Falei assim, estando, naquele momento, sensível aos sofrimentos de Cristo, e àquilo por que Ele passou. E o pastor disse que a resposta era boa, completa, que nunca havia ouvido uma assim. Aquela altura, ele iria aplaudir-me e falar muito bem de mim para os outros; e o que eu dizia a ele em conversas no meio da semana ele repetia nos sermões dos domingos, motivo pelo qual eu não gostava dele. Mais tarde, esse pastor se tornou meu grande perseguidor.[92]

Nathaniel Stephens transforma o diálogo da orientação espiritual em exame teológico. Conversa como um intelectual diletante, colecionando opiniões e sentindo as alterações no sabor ("o pastor disse que a resposta era boa, completa, que nunca havia ouvido uma assim"). As conversas, sem dúvida, eram estimulantes. Nem Stephens e nem Fox teriam passado tanto tempo conversando se não houvessem considerado o intercâmbio entre eles interessante. Mas, em relação à seriedade do assunto - Deus, a alma, tentação -, os diálogos não eram sérios: degeneraram-se, passando a ser conversa casual.

Stephens continua com seu jogo de diletantismo, pregando aos domingos os sermões que recolhe de Fox durante a semana. Fox era seu depósito teológico de

ilustrações. Ele, que seria o inquiridor, estava transbordando de idéias, que lhe eram roubadas e transformadas em sermões. Será que nunca ocorreu a Stephens perguntar a si mesmo, ou a Fox, por que suas perguntas eram importantes, ou que diferença fariam na vida real? Parece que não. Ele não trata as pessoas com dignidade ou respeito (nem a ele mesmo e nem a Fox), não faz perguntas que busquem resposta em Deus.

A abordagem de Stephens tem enorme atração para os pastores. Cada pessoa que vem pedir ajuda é um caso de estudo fascinante no campo da teologia viva, na forma de uma mulher específica, no perfil de um homem determinado. Alteramos o foco de nossa atenção de um livro para uma pessoa com bastante facilidade, mas a mudança correspondente não acontece dentro de *nós:* "lemos" a pessoa impessoalmente, assim como fazemos com um livro. O efeito é desastroso. Tratar as pessoas como borboletas teológicas, que pregamos em um quadro para estudar as marcas que as identificam, é uma violação, em relação ao cuidado com que o fizermos. Reduzindo uma pessoa a material para sermões, seremos agentes da alienação.

O relacionamento teológico/intelectual não era destituído de atração para Fox ("eu também fui vê-lo"), mas, depois de algum tempo, não deu certo. Será que posso lembrar-me disso? Se uma pessoa, que ousou pensar sobre Deus com paixão pessoal perceber que encaro nossos encontros apenas como distração teológica que quebra a monotonia dos cristãos mais lerdos ou, ainda, como fonte de assunto para sermões, certamente ficará desiludida. Quem me procura para orientação espiritual não está esperando uma discussão teológica, mas deseja encontrar um amigo no contexto teológico.

Segundo Pastor: "Idoso de Mancetter"

> Depois disso fui até outro pastor idoso de Mancetter, em Warwickshire, e arrazoei com ele sobre o campo do desespero das tentações; mas ele era ignorante sobre a minha condição; disse-me para fumar e cantar salmos. Fumo é

> algo de que não gosto, e não estava em situação em que entoasse salmos; não conseguia cantar. Então, ele me convidou para voltar, que me contaria muitas coisas; mas, quando voltei, ele estava bravo e rabugento, porque minhas palavras anteriores haviam-lhe desagradado. Contou meus problemas, mágoas e sofrimentos para os empregados, de forma que minhas preocupações foram levadas até às criadas, o que me fez me arrepender de haver aberto minha mente para alguém assim. Vi que todos eram confortadores terríveis; e isso me trouxe mais problemas.[93]

O pastor idoso de Mancetter é balconista de uma drogaria eclesiástica. Tem um estoque de sabedoria popular, que mistura com conselhos adequados para a igreja e os prescreve como um farmacêutico. Provavelmente, considerava-se fonte de remédios caseiros, respeitado na comunidade por seu senso comum. A combinação "fumo e salmos" realmente dá esta impressão.

O problema não estava apenas em seu conselho, mas também na intenção com que o deu. Ele revela seus motivos ao ficar irado pela recusa de Fox em fazer o que dissera. Fox, consumidor teimoso, rejeita o remédio prescrito, o que implica a rejeição do pastor. A recusa a "fumar e cantar salmos" significa que o vendedor havia perdido o cliente. Sua raiva é a resposta apropriada, embora desprovida de cautela.

O pastor não vê em Fox uma pessoa a ser orientada, mas um consumidor de produtos espirituais, um possível comprador de um remédio. A potencial aceitação de seus produtos pelo consumidor é a base do relacionamento, que é encerrado no momento da rejeição. Tendo a fofoca chegado até às criadas, Fox percebe que o pastor só se importaria com ele se seguisse os conselhos que lhe dera. Depois de se recusar, por não gostar de fumo e não conseguir cantar salmos, ficou sabendo, pela raiva do outro, que havia sido despersonalizado e transformado em consumidor, e um mau consumidor, além de tudo. Tendo Fox rejeitado o conselho, o pastor o rejeitou

também, recusando-se a manter em sua loja um elemento tão rebelde. O melhor a fazer era se livrar dele, ridicularizando-o.

Desfazer-se de alguém através da zombaria faz parte do problema. Se um paroquiano não segue nosso conselho, transforma-se na evidência de nossa incompetência. O caminho mais fácil para resolver o problema é sugerir, entre as criadas, que existem nele problemas relacionados à estabilidade, imaturidade ou neuroses.

Terceiro Pastor: "O Pastor que Morava Perto de Tamworth

> Então, ouvi falar de um pastor que morava perto de Tamworth, que era tido como homem experiente, e andei sete milhas para encontrá-lo; mas ele era como um buraco vazio.[94]

A dificuldade diária que os pastores enfrentam no trabalho de orientação espiritual é a insuficiência de técnica, habilidade e reputação. Essa situação pode não atrapalhar nosso trabalho rotineiro, mas, quando aparece uma pessoa realmente cheia de problemas, lutando corpo a corpo com os anjos, engalfinhando-se com os demônios, nossa *alma* toma a frente, é testada no deserto. Se não estivermos preparados para nos engajar em uma investigação honesta, aberta e compartilhada sobre de Deus, seremos inúteis: "como buraco vazio".

Essas investigações são sempre uma ameaça, já que nunca sabemos quando a procura incansável exporá alguma frivolidade que não haja sido detectada, alguma vulgaridade que não haja sido examinada. Criamos estratagemas e papéis que nos permitem viver calmamente e em sucesso, sem dor, angústia, nem gasto excessivo de energia psicológica. Mas nada disso pode ser mantido em um encontro espiritual e profundamente pessoal.

Um interesse passageiro no aconselhamento pastoral è, algumas vezes (não sempre), o desempenho de um papel: a aquisição de uma nova técnica, à custa de se tornar uma nova pessoa. Uma disciplina rigorosa visando a atingir a excelência

no púlpito também o é, às vezes (não sempre): o desempenho público que evita a dor de orar com as pessoas. Em lugar de nos doarmos na integração indivíduo/ pastor, aprendemos técnicas que criam uma fachada de eficiência em espiritualidade e uma reputação de sermos preocupados com os outros. Um George Fox, sozinho, porém, destrói toda a imagem.

As reputações não contam na orientação espiritual. "Experiência" não é suficiente no gabinete pastoral. No momento em que George Fox chega, um novo jogo começa. As histórias que apresentamos para ilustrar uma experiência, o discernimento que aplicamos a iluminar o desenvolvimento da personalidade, embora impressionantes, não sobreviverão aos testes incessantes de uma alma atribulada. Apenas uma vida comprometida com a aventura espiritual, integridade pessoal e busca honesta e alerta da oração é adequada para a tarefa. Fox sempre irá localizar o "buraco vazio", mesmo quando ele for "tido como homem experiente".

Assim, nossa tarefa principal é sermos peregrinos. Nosso melhor preparo para a orientação espiritual é a vida honesta. A oração e a capacidade crescente de adoração e alegria dão autenticidade à existência pastoral.

Quarto Pastor: Dr. Cradock

> Ouvi, ainda, falar de um, chamado Dr. Cradock, de Coventry, e fui até ele. Perguntei-lhe sobre as tentações e do desespero, e como os problemas foram forjados no homem. Ele me perguntou: "Quem foram o pai e a mãe de Cristo?" Eu lhe respondi: "Maria foi sua mãe, e acreditava-se que Ele fosse filho de José, mas ele era o Filho de Deus." Nesse momento, enquanto estávamos andando juntos por seu jardim, sendo a alameda estreita, aconteceu que, ao me voltar, coloquei meu pé no lado de um canteiro, ao que o homem ficou tão irado quanto ficaria se sua casa estivesse pegando fogo. Desta forma, todo nosso discurso foi perdido, e fui embora em tristeza, pior ainda

> do que havia chegado. Pensei que todos eles eram confortadores terríveis, e não me valiam de nada; porque não conseguiam alcançar meu problema.[95]

O Dr. Cradock preocupa-se com a ortodoxia, não apenas teologicamente mas também peripateticamente. Sua preocupação é a de, que Fox tenha pensamentos acertados e ande no caminho correto. Sua raiva quando o rapaz saiu do caminho e pisou no canteiro de flores não foi um lapso infeliz, mas, sim, a revelação de sua mentalidade. Em sua mente, desviar-se das causas retas e estreitas causa tudo o que há de errado no mundo. Para ele, o desespero humano tem raízes em pensamentos errados. Consertando-se a teologia da pessoa, ela também estará livre de defeitos. Sendo dogmático, a resposta de Cradock a um inquiridor desesperado é fazer a pergunta que serve como teste. Agiu como um professor examinando o aluno, procurando o que estava errado com a estrutura das crenças de Fox. Encontrando os erros, estaria capacitado a instruí-lo no que acreditar, de forma que ficasse completo de novo. Tinha apenas que descobrir onde Fox se afastava do modelo da ortodoxia cristã, para colocá-lo de volta no caminho certo.

Neste século, os descendentes do Dr. Cradock fazem pressuposições não apenas teológicas, mas também psicológicas. Freud tomou o lugar de Calvino como o pai da ortodoxia entre muitos pastores. A questão mudou - de "quem foram o pai e a mãe de Cristo?" para "que você pensa de sua mãe?" - mas a intenção é a mesma: conseguir material para um diagnóstico, dados para comparar com o modelo ortodoxo.

Felizmente, Fox não teve que suportar a inquisição por muito tempo: Cradock se revelou, jorrando a raiva por causa do pisão no canteiro. Fox, candidato improvável para o leito de Procrusto[96], foi embora triste, procurar ajuda em outro lugar.

A ortodoxia não pode ser imposta. O orientador espiritual está em posição invejável para observar as infinitas variações da graça, a fantástica fertilidade do Espírito divino ao trazer fé à criação. Mas "não há como saber exatamente como Cristo tomará forma nos outros".[97] Se fizermos nosso trabalho da

forma errada, seguindo o *estilo* de mestre dogmático do Dr. Cradock, seremos merecedores do epitáfio de "confortadores terríveis".

Quinto Pastor: Macham

> Depois disso, fui até outro, Macham, pároco tido em alta conta. Ele achou necessário me dar alguns remédios, e eu deveria fazer uma sangria; mas eles não conseguiram tirar uma gota de sangue de mim, nem nos braços e nem no coração (embora hajam tentado), estando meu corpo, como estava, ressecado pela tristeza, dor e problemas, os quais eram tão grandes sobre mim que eu poderia desejar nunca haver nascido, ou nascido cego, de forma que nunca visse a vaidade e a iniqüidade, e surdo, para que nunca houvesse ouvido palavras vãs e iníquas, ou o nome do Senhor ser blasfemado.[9S]

Macham é um ativista, que não perde tempo com conversa fútil ou ouvindo sem agir. Algo tem que *ser feito.* Não importa qual seja a situação, *faça* alguma coisa: "Dêem-lhe um remédio e tirem-lhe um pouco de sangue."

A sugestão par *fazer* alguma coisa é, quase sempre, inadequada, já que as pessoas que vêm à procura de orientação espiritual estão confusas sobre alguma inadequação no *ser* e não no *fazer.* Precisam de um amigo que dará atenção ao que elas são, não querem um gerenciador de projetos que prescreva mais tarefas. Ações precipitadas, comumente, evitam que atinjamos o objetivo que desejamos, afastam-nos da preocupação com o ser e trazem alívio temporário (que é bem-vindo). A atração de "dar um remédio e fazer sangria" é quase irresistível, uma situação altamente ambígua. O sentimento de definição fornecido por ações bem claras traz imensa satisfação. Mas o espírito não cresce, não se desenvolve rumo à maturidade.

Os pastores correm risco especial nesta área, em face da atividade compulsiva, tanto cultural quanto eclesiástica, na qual estão imersos em decorrência do simples fato de viverem hoje. A vigilância cuidadosa e persistente é necessária para que não venhamos a cair na armadilha da atividade excessiva.

George Fox precisava de um pastor que fosse seguro o bastante para absorver, refletir e tolerar a ambigüidade de seu desespero e tentação atribulados e forte para *não* fazer nada para ele e nem por ele. Isto teria dado espaço ao Espírito Santo para começar uma nova vida nele, *isso* poderia ter feito diferença.

*** * ***

Existe algo que eu possa fazer para não repetir os erros cometidos pelos cinco pastores de George Fox? Posso preparar-me para receber o próximo George, que espera depois de uma reunião, até que todos hajam-se retirado e., timidamente, arrisca-se a fazer uma pergunta? E quanto àquela que me alcança na rua e pergunta se podemos tomar café juntos e conversar por alguns minutos? E os que enviam cartas? Ou, mais deliberada e formalmente, marcam uma série de encontros para "descobrir o que me está incomodando"? Richard Baxter diz que um pastor não pode "agir de qualquer modo quanto" ao seu trabalho.[99]

A experiência negativa de Fox mostra alguns elementos que posso evitar para ter uma experiência positiva.

Para começar, posso cultivar uma atitude de vigilância. Tenho que estar preparado para me maravilhar. Este rosto diante de mim, com sua beleza marcada pela tensão, é feito à imagem de Deus. Este corpo inquieto e mal-acomodado para o qual estou olhando é o templo do Espírito Santo. Esse conjunto estranho, um pouco assimétrico, de pernas e braços, orelhas e boca, é parte do corpo de Cristo. Estou pronto para ficar maravilhado com o que Deus tramou, ou estou absorto e preocupado em arquivar, cuidadosamente, minhas observações? O que vejo é realçado por minha imaginação, instruída pela fé, ou reduzido a elementos classificados e arquivados nas pastas da biologia, da psicologia e da sociologia? E por que abandono tão depressa minha orientação

básica e os textos sobre os quais meditei e ensinei durante todos esses anos e adoto *slogans* pré-fabricados e fórmulas que apreendo no ambiente contemporâneo, no momento em que o rosto da pessoa se assenta diante de mim não parece ser a imagem de Deus, ou seu corpo é uma paródia do templo do Espírito Santo, ou suas palavras e ações não mostram coordenação com os membros e órgãos do corpo de Cristo?

Minha orientação básica como pastor é que o significado do que vejo não é o que está diante de mim, mas o que Cristo disse e fez. Muito mais relevante do que meus sentimentos ou pensamentos, ou os da outra pessoa, é o que Cristo disse e fez. Essa pessoa é alguém por quem ele morreu, a quem ama: um fato impressionante! Ela foi preservada até este instante, no meio de automóveis que se chocam, doenças devastadoras, e ameaças psicóticas. Estou preparado para ficar maravilhado? Para respeitar? Para estar em reverência?

Apenas a vigilância constante me impedirá de reagir com paternalismo condescendente, se estiver preso no desempenho da autoridade espiritual, se eles olham para mim como se fossem inferiores, como evitarei olhar para eles de cima para baixo? Não com desdém, é claro, mas com um tipo de rebaixamento de mim mesmo que mostra que eu sei o que é melhor para o outro. Mas, fazendo isso, eles saem da conversa diminuídos, embora sem raiva.

Faz vários anos que venho prestando atenção especial aos pastores, no momento em que falam das pessoas que batizam e a quem entregam a palavra, o corpo e o sangue de Cristo. Que eles *realmente* pensam sobre de suas "ovelhas"? É muito raro ouvir espanto ou maravilha quando falam, muito difícil detectar qualquer aplauso para as glórias que ninguém nota, para a graça que ninguém percebeu. George Fox era notável, mas nenhum de seus cinco pastores teve a menor idéia disso.

Todo encontro com outra pessoa é um privilégio. Nas conversas pastorais tenho oportunidades que muitos nunca têm com tanta facilidade ou tão freqüentemente: oportunidade de explorar a glória oculta, a bênção ignorada, a graça esquecida. É melhor não perder isso.

Segundo, posso cultivar a consciência de minha ignorância. O que existe nessa pessoa vai muito além daquilo que conheço. Anos de experiências acumuladas, às quais não tenho acesso. Sentimentos de raiva, alegria, fé e desespero que nunca serão expressos. Sonhos e fantasias de vaidade e realizações, sexualidade e aventuras, que nunca verão a luz do dia. Pedaços e peças de tudo isso serão insinuados nas conversas, mas a maior parte permanecerá como território inexplorado. Tem-se a impressão de que os pastores de George Fox acreditavam conhecê-lo, bem como a vontade de Deus para a vida dele, nos primeiros dez ou quinze minutos.

É difícil manter a consciência de minha ignorância. Os pastores fazem tantas provas, ouvem tantas palestras, lêem muitos livros, e têm tanta experiência com a matéria-prima da verdade - morte, luto, sofrimento, celebração, culpa, amor - que assumem com facilidade a postura de onisciência. Mas o que não sabemos é muito maior do que o que conhecemos. Mal passamos do limiar da compreensão. Lewis Thomas escreveu: "Em nenhum outro século de nossa breve existência os seres humanos aprenderam, de forma tão profunda e dolorosa, a extensão e a profundidade de sua ignorância."[100] Mesmo assim, é difícil não ficar impressionado com o que sei. Li e estudei as Escrituras durante anos e anseio compartilhar o que aprendi. Fui ensinado e treinado em Teologia durante anos e desejo passar meu conhecimento adiante. Sendo estimulado por uma pergunta ou recebendo o sinal de uma pesquisa, forneço respostas e comentários. Quero passar o conteúdo de minha mente para o vazio da outra mente. Mas, e se não forem as cabeças as envolvidas aqui, mas algo mais parecido com corações, *vidas"?* Neste caso, o terreno desconhecido é muito maior do que o conhecido. Von Hugel disse: 'É característica de uma mente ignorante ser mais dogmática do que o assunto requer." O melhor é ficar quieto um pouco, ouvir e olhar. Há muito mais aqui do que o olho pode ver, muito que não foi dito. Que é?

Uma dimensão ainda maior de minha ignorância relaciona-se com Deus. O que Ele estava fazendo nessa pessoa, antes de que ela aparecesse em meu gabinete? Que mensagens foram recebidas, distorcidas, ignoradas? Deus tem trabalhado nessa pessoa desde que ela nasceu. Tudo que

aconteceu em sua vida se encaixa, de alguma forma, no contexto maior de uma criação boa e uma salvação planejada. Tudo.

Quando essa pessoa sair de minha presença, a boa criação e a salvação planejada permanecerão as mesmas. A graça de Deus está operando e irá continuar. Minhas palavras, gestos e ações acontecem no meio de um grande drama, cujos detalhes não conheço totalmente. Isso, de forma alguma, quer dizer que meu papel é sem importância ou dispensável. Levo completamente a sério minha parte, qualquer que seja ela, mas sou um ator secundário e não o principal. Faço o melhor que posso, mas de forma alguma falo ou ajo esperando que a pessoa reaja a *mim* como o centro da ação. Deus quer encontrar-se com essa pessoa, e ela também o quer, embora, às vezes, o desejo esteja desfocado. Não posso manipular a conversa ou interpretar o cenário para ser visto como o responsável por tudo, porque assim estarei apenas atrasando os propósitos de Deus.

Terceiro, posso cultivar uma predisposição para orar. Em todos os meus encontros pastorais presumo que a pessoa realmente deseja que eu a ajude a aprender a orar ou a guie à maturidade na oração. Esta pressuposição nem sempre é confirmada no desenrolar dos acontecimentos, mas é melhor fazê-la e não ser verdade do que deixá-la de lado indevidamente.

É mais fácil falar sobre idéias, pessoas ou projetos. Para a situação imediata, habitualmente traz mais satisfação. Mas se a pessoa realmente deseja relacionar-se com Deus, esses assuntos só atrapalharão a busca ou atrasarão o encontro. Já me coloquei, erroneamente, como o principal elemento da conversação, quando o que o outro procurava era conversar com Deus. Se eu dominar o diálogo - ignorando tanto a palavra de Deus, sua presença e misericórdia, quanto confinando-o a uma mera posição cerimonial - estarei atrapalhando o caminho.

É com Deus que temos que lidar. As pessoas atravessam grandes períodos sem consciência disso, acreditando que têm que pensar em dinheiro, sexo, trabalho, filhos, pais, causa política, competição esportiva ou conhecimento. Qualquer

destes assuntos ou uma combinação deles pode absorver as pessoas e, durante certo tempo, dar-lhes o significado e propósito de que os seres humanos parecem necessitar. Mas aí* acontece um grande período de tédio, ou um desastre, ou um súbito colapso do significado. Eles querem mais. Querem Deus! Quando uma pessoa procura significado e direção, fazendo perguntas e testando nossas afirmações, não devemos distrair-nos com mais nada.

Isso não quer dizer que a tarefa dos pastores seja a de colocar as pessoas de joelhos sem a menor demora, nem que tenhamos um manual de instruções sobre oração, a partir do qual damos aulas. Muitas vezes, não acontecerá oração verbal, formalizada. Muitas vezes, nem se fará referência explícita a ela. Mas deve haver uma predisposição e uma prontidão para orar. A orientação espiritual, então, é conduzida com a certeza de que acontece na presença ativa de Deus, e de que nossa conversa, portanto, é condicionada pelo que Ele fala e ouve, pela Sua *presença.*

Isso não pode ser reduzido a procedimentos ou fórmulas. Não é alcançado pelo que dizemos um ao outro, mas pelo que *somos* ao nos encontrarmos. Clemente de Alexandria chamou a oração de "manter companheirismo com Deus". "Manter companheirismo" envolve gestos e silêncio, meditação relaxada e fala concentrada. Outros podem juntar-se ao companheirismo e sair dele sem que seja rompido. Com muito mais freqüência do que acreditamos, a razão secreta, muitas vezes inconsciente, que as pessoas têm ao procurar conversar com o pastor é o desejo de manter um companheirismo com Deus. Se tiverem a desventura de ir a um pastor que não é ativo no companheirismo, serão decepcionadas, como George Fox, cujos pastores não deram qualquer orientação para a oração e nem pareceram ser pessoas que oravam.

Notas

[1] N.T.: Apesar de o autor se referir aos Estados Unidos, os temas abordados são totalmente pertinentes à realidade brasileira.

[2] Martin Thornton, *Spiritual Direction* (Orientação Espiritual) (Boston: Cowley Publications, 1984), p. 27.

[3] Anne Tyler, *Morgan's Passing* (New York: Alfred A. Knopf, 1980).

[4] "...profissionais são autônomos, compromissados com a natureza dos fatos e com os julgamentos de seus companheiros, e não sujeitos a chefes ou burocratas, mas limitados por um juramento implícito ou explícito de beneficiar seus clientes e a comunidade." Paul Goodman, *The New Reformation* (New York: Random House, 1970), p. 47.

[5] Flannery O'Connor, *The Habit of Being,* ed. Sally Fitzgerald (New York: Farrar, Strauss, Giroux, I979),p.81.

[6] C.S.Lewis, *The Screwtape Letters* (New York: Macmillan, 1952), pp. 131ss.

[7] G. K. Chesterton, *TwelveTypes (London;* Arthur Humphreys, 1920), pp. 67-68.

[8] Martin Thornton, *The Rock and the River* (New York: Morehouse-Barlow, 1965), p. 30.

[9] Friedrích von Hugel, *Letters to a Niece, e*d. e introdução por Gwendolen Green (London: J. M. Dent & Sons, 1958), p. XXIXX. [10] G. K. Chesterton, *Orthodoxy* (New York: John Lane, 1908), p. 85. [11] *The Complete Greek Tragedies,* ed. David Grene e Richmond Lattimore (Chicago: University of Chicago Press, 1959), 1:311-5) [12] Werner Jaeger, *Paideia: The Ideals of Greek Culture,* trad. para o inglês Gilbert Highet (New York: Oxford University Press, 1945), 1:263. [13] Veja, por exemplo, Irmã Mary Catherine O'Connor, *The Art of Dying Well: The Development of the "Ars Moriendi"* (New York: Columbia University Press, 1942).

[14] Martin Luther, *Luther's Works,* ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1956), 13:128.

[15] Bernard Duhm, *Die Psalmen* (KHAR XIV Frieburg, 1899), p. 72.

[16] Ronald E. Clements, *One Hundred Years of Old Testament Interpretation* (Philadelphia:Westminster Press, 1976), pgs. 76-98.

17 *

* Restante das notas não enviadas pelo digitalizador.